JULIA LOPES DE ALMEIDA

Correio da Roça

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

CORREIO DA ROÇA

Obras da mesma autora

Traços e Illuminuras, contos.
A Familia Medeiros, romance.
A Viuva Simões, romance.
Memorias de Martha, novela.
A Falencia, romance.
O Livro das Noivas.
Historias da Nossa Terra, conto para criançass.
Ancia Eterna, contos.
A Intrusa, romance.
Livro das Donas e Donzelas.
Cruel Amor, romance.
A Herança, comedia em 1 ato.
Elles e Ellas, monologos e dialogos.
Quem não perdoa, drama em 3 atos.
Correio da Roça.

DE COLABORAÇAO:

Contos Infantis, com Adelina Lopes Vieira.
A Casa Verde, romance, com Filinto de Almeida

A PUBLICAR:

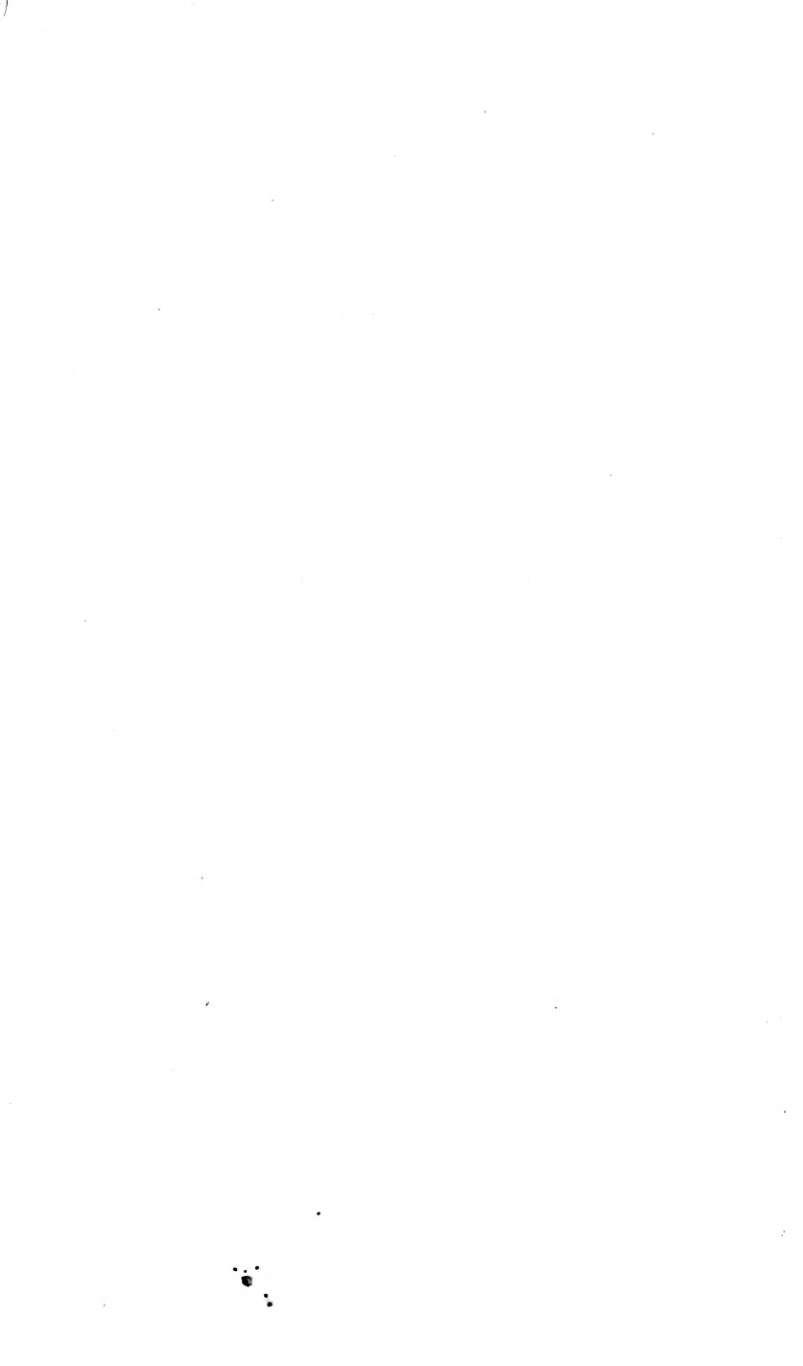
1 volume de conferencias.
1 volume de novelas.
A Silveirinha, romance.

JULIA LOPES DE ALMEIDA

Correio da Roça

FRANCISCO ALVES & C[ia]
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C[ia]
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

Faze florir pelo esforço do teu trabalho e pelo influxo do teu amor a terra que pizas e conhecerás a felicidade.

~~~~~~~~

Não fazer nada é a melhor maneira de se sentir a gente envelhecer, morrer!

~~~~~~~~

... O campo brazileiro será eternamente triste se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura e a sua poesia...

~~~~~~~~

Que mundo de idéas e de sentimentos o trabalho e a natureza despertam em nós!
~~~~~~~~

I

Querida Fernanda.

Quando parti do Rio de Janeiro para o degredo da roça, ainda não tinhas regressado da Europa, e por isso ignoras o que de mais intimamente se passou commigo e as minhas quatro filhas durante a tua ausencia. Recebendo agora o teu telegrama não posso sufocar o desejo de comunicar-te tudo.

Nos seis mezes que estiveste longe a minha existencia mudou completamente. A morte de meu marido revelou-me uma verdade que eu estava longe de imaginar — a de sermos pobres.

Nem sei como ele se podia mover no meio da complicação dos negocios em que se enredava. Logo depois da sua morte appareceram-nos credores, cuja existencia eu ignorava e tive de chamar um advogado, que me acon-

selhou a vender a minha casa de Botafogo e as chacaras da Tijuca para contentar esses senhores e partir com as meninas para estas terras de serra a cima, onde nos enterramos até ao nariz na mais estupida, na mais fastidiosa insipidez.

A unica propriedade que nos ficou livre, para refugio da nossa dignidade, foi esta melancolica fazenda do *Remanso*, ha muito tempo abandonada por meu marido, que aqui vinha rarissimas vezes.

Não calculas o horror desta solidão e destes povos dos arredores. Ás terras do *Remanso*, que é, como te deves lembrar, o nome da fazenda, está agora adicionado o sitio da *Tapera*, herança de meu pai, que por sua vez tambem o tinha de ha muito abandonado. Aqui vivemos sem humilhação, é verdade, mas com uma enorme tristeza e curtos haveres. Minhas filhas, coitadas, passam o dia bocejando e desaprendendo o que estudaram no colegio.

De que lhes valerão agora as prendas com que se ornaram para brilhar na sociedade? O imenso casarão em que moramos tem ares de convento velho no meio de um terreiro arido e melancolico. Durante o dia, o sol castiga a terra nua num grande circulo ao redor das nossas quatro paredes silenciosas; á

noite coaxam os sapos na solidão como a unica orquestra para a satisfação dos nossos gostos musicais.

E' um horror. Não sabemos em que empregar as horas, que se arrastam lentas e dolorosas. Surpreendemo-nos muitas vezes a dizer :

— A estas horas, se estivessemos no Rio, estariamos passeando na Avenida ; ou entrando em tal ou tal teatro ou receção... E aqui que fazemos ? Nada !

Não fazer nada é a melhor maneira de se sentir a gente envelhecer, morrer ! De mais a mais faltam-nos os meios, mesmo aqui, para certos confortos a que o trabalho ativo de meu marido nos tinha habituado. Não sei onde isto irá parar, mas sinto-me num despenhadeiro !

Escrever-te-ei depois com mais calma.

Tua

MARIA.

P. S. Inculca-nos um bom jornal de modas parisienses, que terá pelo menos o dom de distrair as pequenas, que se entreterão seguindo de longe elegancias que não podem acompanhar de perto !

MARIA.

II

Minha Maria.

Queixas-te de que enviuvaste, ficando com poucos haveres e quatro filhas moças, educadas para a cidade e que te vês obrigada a confinar, por economia, dentro da tua velha fazenda do *Remanso*, a que adicionaste o sitio ainda mais velho da Tapera, agora herdado de teu pai.

Acho que estás muito bem.

E' com certeza por modestia que te lamentas da escassez de meios, tendo a rodear-te quatro cabeças inteligentes, oito braços fortes e á tua disposição não sei quantos quilometros de terras, planas umas, montanhosas outras e todas localizadas a não muito grande distancia da estrada de ferro.

A tua vida nova interessa-me muito para que eu perca, e te faça a ti perder tempo, relatando-te o que vi de maravilhoso e de banal nas terras estrangeiras onde meu filho permanece

completando estudos da sua especialidade. O principal é que voltámos, meu marido e eu, com excelente saúde.

Entremos agora no teu assunto :

Vejo que as tuas filhas te preocupam, estiolando-se nesse clima magnifico pela morbida cultura de saudades dos nossos saráus e das nossas avenidas... Antes cultivassem batatas, filha. Para que se não indignem, faze-lhes notar que esta opinião nada tem de ofensiva. As batatas nacionais, sobretudo as que no nosso mercado têm a denominação de — batatas rim — são incomparavelmente superiores a quaisquer das outras estrangeiras que importamos de França ou de Portugal, da Nova Zelandia ou do Chile. Por mim afirmo-te que os meus fornecedores têm ordem de não proverem com outras a minha despensa, a não ser quando elas em absoluto nos faltem na praça, o que é frequente. E por que faltam? porque são cultivadas em pequena quantidade e todas se esgotam mal aparecem no mercado. Dizem que as batatas nacionais se estragam mais depressa do que as estrangeiras, porque os seus cultivadores ainda não as sabem resguardar convenientemente na sua remoção do campo para as cidades, nem procuram conserval-as em celeiro das estações de fartura para as de penuria. Não sei, nunca indaguei nada a tal

respeito; mas presto-te um serviço chamando para esse assunto a tua atenção e lembrando-te que, se incumbisses uma das tuas filhas de estudar e fazer pôr em pratica sob a sua administração essa especie de cultura nas terras abandonadas da *Tapera*, essa das tuas filhas não teria tempo de se estiolar, como uma monja num convento, com idéas inuteis, e pouco a pouco se interessaria pelo sitio em que vive e que a sua atividade tornará cada vez mais lindo e mais prospero.

Assim, em vez de acoroçoar a melancolia das tuas pequenas, suspirando por alegrias extintas e assinando-lhes jornais de modas que elas não podem seguir nessas paragens benignas, assina de preferencia revistas agricolas, instrutivas, alegres, que lhes dêem noções aproveitaveis de industrias campestres e as induzam a um trabalho propicio e benefico em favor da sua linda propriedade, esse frondoso — Remanso — em que as aguas cantam entre as lages brancas, as aves voam em revoadas e os altos pinheiros nodosos estrelam de verde negro a limpidez azul do espaço imenso.

Acredita que o campo brazileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de atividade, de amor á natureza,

levando-o assim na esteira da sua inteligencia para um futuro melhor. As tuas quatro filhas, educadas no colegio de Sion só com destino ás salas ou ás sacristias, vêem-se dentro das grossas paredes desse velho casarão do *Remanso*, como freiras em um convento (expressão tua), em que apenas é permitida a entrada do folhetim-romance e nada mais. E' pouco. Estudam ainda o seu piano, bordam, ajudam-te nos misteres caseiros, revezam-se na confeção de doces e de biscoitos e suspiram pela rua do Ouvidor, que mal chegaram a gozar, entre a saida do colegio e a morte do papai.

E tu consentes que tal programa de vida se realize, tu, que na plena maturação dos teus belos quarenta anos e em pleno gozo das tuas faculdades mentais, te lastimas de possuir muitas terras incultas e apenas o dinheiro suficiente para as manter,..

Mas, minha tontinha, escuta: já não digo para fazeres fortuna, porque não tenho pratica que me autorize a certos conselhos, ou antes ponderações: mas para higiene dessas queridas alminhas que te rodeiam tudo te indica a obrigação de mudar de tatica. Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, á chuva; observa que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus

livros de assentos bem organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puzeres á sua disposição — e verás como no fim de alguns mezes se acendem rosas de saude nas suas faces e como nas planicies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode, florirão alegremente os vastos campos dos cereais...

Ainda ha bem poucos dias li uma noticia interessante a respeito da criação de galinhas e o negocio de ovos numa das mais alpestres regiões da Russia, onde os meios de transporte para os mercados são ainda mais penosos do que os nossos.

O lucro que a exportação de aves e ovos dá a essa localidade, antes miseravel e agora florecente e risonha, é verdadeiramente fenomenal! Graças aos patos, marrecos, galinhas e perús e ás centenas de duzias de ovos remetidos para Londres, esse recantó ignorado da santa Russia, em que o abandono e a ignorancia isolavam os seus raros habitantes em casinholas disseminadas de pedra rustica, se transmudou numa vila asseada, com escolas, com estradas de comunicação facil, com as doçuras do conforto e da alegria. E tudo isso foi feito pelo influxo de um só espirito, o de um homem, alemão ou suisso, já não me lembro bem.

Obriga as tuas filhas a lerem os jornais todos

os dias, sem desprezo por certas noticias que se não relacionem com o nosso meio e perceberás que terão muito a lucrar com isso. Essa historia da criação das aves poderia entreter uma outra das tuas filhas, e entretel-a com segurança de bom exito.

Sem ser proprietaria rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brazileira — « Chacaras e Quintaes » — que me dá algumas informações preciosas, as quaes, se aceitares o meu plano, te irei transmitindo nas minhas cartas, a pouco e pouco.

E agora ainda te direi que para estímular o animo das tuas filhas não será máu teceres com elas planos de futuro, baseados nos lucros das suas novas culturas, feitas pouco a pouco, com a prudencia dos que não dispõem de grandes capitais. Lembra a uma que as sacas das suas batatas poderão fazer-vos um dia construir um palacio no Flamengo, e a outra que as suas galínhas proporcionar-lhe-ão o prazer de frequentar diariamente e de carro as grandes avenidas cariocas...

A ambição do dinheiro é a manivela que, inconcientemente ou concientemente, nos faz dansar a todos; aproveita essa circumstancia em favor da outra, a de veres tuas filhas interessadas pelo progresso e a redemção das terras abandonadas em que vivem e pela civiliza-

ção dessa gente do povo que lhes rodeia a fazenda e que vegeta mais do que vive, sem proveito nem gloria para o Brazil nem para si,

Espana as teias de aranha do cerebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que dentro de poucos anos tanto o *Remanso* como a *Tapera* estarão ligados á estação da estrada de ferro do povoado por belos caminhos que os vossos automoveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o comercio com os grandes centros do paiz. E prevejo tudo isto porque sei de que milagres é capaz a inteligencia e a energia das mulheres obrigadas a atuarem por si.

Responde-me. Eu abraço-te.

FERNANDA.

III

Fernanda.

Quando hontem o Salustiano...não sei se te lembras do Salustiano, um mulato de pescoço comprido, que varias vezes mandei, aí no Rio, á tua casa, com recados meus, e que exerce aqui agora as funções de correio, indo tres vezes por semana ao povoado procurar a minha correspondencia e comprar-nos pão, carne e mais uma ou outra coisa a que a civilização da capital nos habituou; pois quando esse rapaz assomou hontem á porta de casa, ainda salpicado da lama das estradas e com o saquinho da correspondencia a estalar de cheio, as minhas filhas correram para elle clamando pela tua carta, na ancia de saberem alguma coisa dessa sociedade em que desejam viver. Mas tu foste cruel : em vez de nos descreveres o que te cérca e embeleza a vida, entretiveste-te a falar-nos desta roça monotona, em que as horas se arrastam como velhas tropegas por um caminho sem curvas, sem imprevistos e sem interesse... A ti parece-te que se póde viver muito bem longe do bulicio e da alegria da cidade, mesmo quando

se tenha vinte anos, que é a idade da minha filha mais velha, a Cecilia; e dezoito, que é a idade da Cordelia; e dezeseis, que é a idade da Joanninha; e quatorze, que é a da Clara, certamente a mais conformada com as agruras desta solidão.

E o que te afirmo é que os meus quarenta sentem duplicadamente o exilio a que a nossa má fortuna nos condenou, o que bem se explica, visto que, afinal de contas, ter quarenta anos é ter-se duas vezes vinte... Passemos uma esponja sobre este assunto melancolico e discutamos a tua carta. Como de costume, li-a alto, rodeada pelas meninas, que se faziam todas ouvidos, na ancia de saber... Talvez te risses se pudesses imaginar a expressão de desapontamento que se lhes pintava no rosto ao ouvirem as tuas frases incitando-as ao papel, perdôa-me que te diga, quasi ridiculo, de plantarem batatas e criarem galinhas, como se fossem velhas aldeãs analfabetas e grosseiras. Eu mesma pergunto: valeria a pena, para chegar a esse resultado, ter eu gastado tanto dinheiro com a sua educação e ter sofrido uma separação tão longa durante todo o tempo em que estiveram de pensionistas no colegio? Para se plantar batatas e criarem-se aves domesticas não é absolutamente necessario aprender-se francez, inglez, piano e desenho...

Se com essa norma de educação plantei ideaes na imaginação das minhas pobres criaturas, não te parece muito justo que eu agora as defenda de trabalhos rudes e as acompanhe no desejo de realisarem o que têm no seu sonho? A tua carta, que indignou as pequenas, exceto Joanninha, que abria grandes olhos medidativos ás tuas considerações, fez-me sorrir a mim. Fez-me sorrir e pensar que o mato, como o mar, é muito lindo para quem o vê de fóra... A ti, no teu conforto da cidade, tudo parece facil; imaginas que se cultiva um campo com o mesmo deleite com que se borda uma almofada e que basta o influxo da nossa vontade para que os pomares frutifiquem e os passaros venham cantar rente ás nossas janelas! Que ilusão, amiga! O nosso mato é hispido, é tristonho, é gerador de tédio; não ha poesia, não ha versos de descantes, não ha musica, não ha dansa, não ha mocidade, e não ha risos no povo que o habita, e com o qual somos obrigadas a conviver. Depois de ter lido a tua carta, reagindo contra a nossa inercia e tambem com o fito de te dar razão aos olhos das minhas filhas, decidi que iriamos hontem á tarde á *Tapera*, que ainda não tinhamos visitado, um pouco por desleixo, um pouco por medo... de... de não sei quê. Para ser completamente franca, dirte-ei que a minha caçula, a Clara, foi a unica a manifestar

contentamento por essa resolução, rogando-me logo que a deixasse ir a cavalo, o que permiti com certo receio, por serem os nossos animais magros, trotões o de nenhuma confiança.

As mais velhas relutaram em acompanhar-me e talvez não saissem de casa se Joanninha não lhes tivesse comunicado um certo interesse e curiosidade por conhecer a velha propriedade de meu pai, ha muito tempo administrada por um casal de caboclos, cujos merecimentos sempre supuz maiores... A *Tapera* fica a meia legua da residencia principal do *Remanso*.

A distancia, como vês, é relativamente curta, mas o caminho tão bravio, tão atravancado de troncos de arvores e de pedras, e tão cortado de valas e de barrancos, que levámos um tempo infinito a lá chegar. Para que compreendas bem a nossa situação, sabe que parte da familia ia de troly e outra parte a cavalo.

Quando chegámos ao pobre sitio abandonado queixámo-nos todos de dores de rins e isso fez passarem despercebidas a minhas filhas duas lagrimasinhas que a muito custo retive nos olhos, entristecidos e saudosos de outros tempos, em que a *Tapera* verdejava esperançosamente nos largos mantos dos canaviais e em que eu corria pelo terreiro, animada pela voz alta e alegre de meu pai. Que diferença, filha! A casa desmorona-se. Ha buracos pelas paredes, por onde

entram o vento e a chuva, sem que o tal casal de caboclos se tivesse lembrado de entupil-os com uma pásada de barro, ao menos... Corri ao laranjal! Onde estaria?

A erva de passarinho comera-o todo. O cafesal está em mato. Os canaviais extintos...

Dentro de casa — nudez completa: os caboclos nem ao menos uma das camas souberam guardar para seu uso...

De louça... nem um pires.

Quizeram dar-nos café numa caneca de folha. Perguntei, lembrando-me das tuas noções romanticas, em que poderiam eles consumir o tempo.

Responderam-me que tratando dos animais...

— Mas que animais? perguntei eu espantada. — Agora morreram... responderam-me eles, com a melhor e a mais genuina candura... Quando saíamos veio abrir-nos a cancela do terreiro um caboclinho esperto, de olhos travessos, neto do casal, encarregado pelos avós de guiar-nos á casa de um vizinho, onde deveriamos comprar algumas duzias de ovos, que faltam absolutamente tanto no *Remanso* como na *Tapera*. O pequeno, lesto e engraçado, seguiu a pé, até que o mandei subir para o troly; contou-me, em resposta ás minhas perguntas, que era orfão de pais, que não sabe lêr e passa os dias a caçar passarinhos. Joanninha condoeu-

se das aves e rogou-lhe que as poupasse. Comprados os ovos, em quantidade deficiente, num rancho de taipa e sapê, desabrigado e sombrio, de uma caipira velha, o caboclinho voltou para a *Tapera* e nós tomámos pela estrada grande da vila, sujeitando-nos a dar uma volta enorme para escaparmos ao suplicio do caminho percorrido horas antes... Mas, ah, fatalidade! a menos de trezentos metros um lamaçal tremendo ia-nos engulindo a todos: tivemos de rotroceder e embarafustar por um atalho tão rochoso e selvagem que nele se quebrou uma das molas do meu troly, que eu supunha mais rijas que os musculos de Hercules! Que fazer? seguir a pé, guiadas pelo Salustiano, que por felicidade tinhamos levado para auxiliar as amazonas ou o cocheiro do troly em caso de perigo. Eram oito horas quando entrámos em casa, arfando de cansadas e cheias de carrapatos.

A esta ultima delicia é que não aludiste, como tambem não aludiste aos famosos bichinhos de pé...

Em paga da minuciosidade desta carta, dizenos se sabes se é verdade que o Rocha se divorciou da mulher; se o Anibal continúa a frequentar a casa da Simões e se afinal de contas casa ou não casa a Lemos!

Tua MARIA.

IV

Maria.

Eu não te escreveria esta semana se não tivesse lido num jornal alguma coisa que nos interessa a ambas.

E não te escreveria, não só porque cada uma das tuas cartas comtém materia para dez ou doze, obrigando-me a uma certa meditação antes de responder-te, o que não posso agora fazer, como tambem porque tenho uma data de assuntos a cuja atenção eu destinara hoje o meu dia. Emfim eles não perderão grande coisa em esperar que eu lhes consagre mais tarde os meus cuidados, e vou servir a minha impaciencia escrevendo-te á ultima hora estas mal alinhavadas regras, conforme reza o velho estilo epistolar.

Antes, porém, de entrar na verdadeira causa desta carta, responderei a alguns topicos da tua, o que posso fazer de relance, porque sublinho

nas tuas cartas todas as frases que me sugerem uma resposta ou uma interrogação. Isto é uma questão de metodo, que me tem dado bons resultados. Respondendo ao meu conselho de interessar tuas filhas pela agricultura e avicultura, dizes tu: *para se plantar batatas e criarem-se aves domesticas não é absolutamente necessario aprender-se francez, inglez, piano e desenho...*

Confesso que nunca imaginei poder ouvir irromper do teu peito educado um grito de tão mesquinha significação. Em caso nenhum da vida os pais se devem arrepender de terem gasto com a educação dos filhos o melhor dos seus bens; assim como não ha profissão nenhuma que não possa ser exercida tão melhormente quão melhormente é instruida a pessôa que a exerce. O que te deve entristecer é que ás materias citadas não juntasses a nomenclatura das sciencias naturais, por exemplo. Crê, entretanto, na minha palavra: tuas filhas teriam menos necessidade de instrução se vivessem de valsa em valsa nos salões da nossa capital, do que morando num meio inculto, e onde a influencia da sua instrução se póde fazer sentir de um modo radical e perfeito. Do que aprenderam nada fica inutil. O inglez e o francez servir-lhes-ão para leituras de revistas, livros, jornais e para se entenderem com os colonos

dessas linguas, se por acaso alguns forem ter a essas paragens; a musica fal-as-á compreender com redobrado sentimento toda a doçura dos sons, dispersos mas concordantes, na harmonia da natureza; o desenho habilital-as-á á apreciação visual das coisas e á execução dos planos e mapas de que tenham necessidade para a formação dos seus campos de cultura, dos seus pomares ou dos seus jardins. Estou certa de que tuas filhas não aprenderam de mais, antes de menos, para o cumprimento da tarefa que têm diante de si.

O segundo topico sublinhado na tua carta é o referente ao pessimo estado das estradas, em uma das quais as molas rijas do teu troly estalaram como cordas de viola nas mãos de um tocador inhabil.

E' mais uma despeza com que não contavas, ficando ainda por cima por alguns dias privada de condução. Conheço essa tragedia e o que ela me inspira não póde ser dito em meia duzia de linhas. Prometo-te uma longa palestra a respeito das estradas, precisando ouvir antes disso a opinião de alguns amigos, tais como o Clemente, que é fazendeiro em S. Paulo, e o Dalmacio, que o é no Estado do Rio. Ha outras frases sublinhadas na tua carta, a que não posso responder já, porque estou anciosa por beijar os lindos olhos de Joanninha, que se abriam

meditativos, segundo me informas, ás minhas observações, emquanto que os das suas irmãs se cerravam ao peso do aborrecimento.

Está escrito desde Almeida Garrett que não ha olhos como os de Joanninha, e com certeza o poeta adivinhou os da tua filha quando descreveu os da sua menina dos rouxinóis, embora os dela fossem verdes e os da tua morena sejam castanhos, trespassados de mel e de sol. Pois aos lindos olhos de Joanninha envio por este mesmo correio, cem pés de roseiras, quatro pés de kakis e doze laranjeiras da melhor qualidade. Lembrei-me que o velho Thomaz, o negro cabinda de carapinha branca, de quem teu marido me falou tanta vez, poderá ajudal-a a fazer um jardim ao lado da casa, ao nascente, entre as aguas do corrego e o bosque das joboticabeiras, que mais de uma vez me descreveram tambem, nos antigos tempos de Botafogo.

Quem desdenha a cultura das batatas e a criação das galinhas, desdenhará, pelos mesmos motivos, o plantio da laranjeira, arvore simbolica da castidade e do amor? Eu preferiria ter desmanchado a minha gratidão aos olhos de Joanninha, enviando-lhes umas cincoenta arvores frutiferas de diferentes especies, que lhes permitissem fazer um pequeno ensaio de pomologia; mas o artigo do *Jornal* a que aludi

no principio desta carta, e a que tão suavemente cheguei agora, me fez mudar de resolução, pelo modo porque se refere aos lucros que teem dado á America do Norte os laranjais da California.

Só no ano de 1907 esses beneficos laranjais mandaram para mercados estrangeiros nada menos de 413.696 toneladas de frutas, que encheram 81.640 vagões das vias ferreas!

E' alguma coisa.

Mas não só a California cultiva laranjaís para comercio. Tambem a Italia o faz e o fazem com lucro Portugal e Hespanha.

Sem vaidade, comtudo, deixem-me perguntar : em que parte do mundo a laranja será melhor que a nossa? Posso afirmar que em nenhuma. Nem tão boa.

Essas mesmas da California, que se desmancham em dolars para os seus donos e que são filhas das nossas, sou capaz de jurar que não conservaram no paiz de adoção a doçura nativa.

Como talvez ainda não tivesses lido, deixa-me dizer-te que as primeiras laranjeiras da California são de origem bahiana. Mandadas do Brazil algumas mudas em 1830, por um americano inteligente, foram nos primeiros anos cultivadas na estufa de um jardim publico da America do Norte, até que uma mulher (repara nesta circumstancia), a Sra. Tibbetts, conseguiu

obter duas dessas plantas, que levou para uma vila da California, onde morava.

E' provavel que essa senhora fosse instruida, que pelo menos soubesse, como as tuas filhas, francez, musica e desenho... Estas curiosidades e este interesse só os têm pessoas de certo gosto e educação.

Acredita que se a Sra. Tibbetts fosse analfabeta nem visitaria a estufa do Capitolio, onde estavam as laranjeiras brazileiras, nem, se o fizesse, se importaria com elas. Assim, que aconteceu ? tratadas com mimo, essas arvores creceram, frutificaram e multiplicaram-se tão assombrosamente que constituem hoje uma riqueza do paiz.

E' triste pensar que se a Bahia tivesse querido, essa fortuna seria dela.

Mas a Bahia preferiu e prefere engolfar-se no seio mole e perfido da politica, mecher panelas de eleições, entregar-se de corpo e alma ao palavreado dos seus homens de Estado, a baixar o olhar para a terra prometedora e fertil em que os seus filhos põem os pés... Tanto peor para ela — e para todos nós.

Ha ainda uma concurrencia mais tenebrosa a ensombrar o nosso futuro : a dos plantadores da arvore da borracha nas ilhas Malasias, que, instruidos por companhias inglezas, cultivam em grandes extensões de terra plantas

idas do Brazil, e que ali se desenvolvem maravilhosamente... Não fossem esses inglezes instruidos e perspicazes, e essa enorme fortuna seria só nossa... Nós, entretanto, nem sequer cultivamos a planta da borracha, nacida ao acaso, para a escravidão de milhares de almas que vivem sob o jugo de uma tirania indigna e estupida, nas tragicas regiões do *Inferno Verde!* Emquanto no Brazil toda a gente pensar como tu, isto é, que o lavrador não precisa de inteligencia nem de educação, o nosso campo servirá apenas de fonte de riquezas — para os outros. E nada de invejas; não podemos ter senão elogios, não só para os cultivadores dos laranjais californianos, como tambem para os plantadores inglezes da nossa borracha nas Malasias...

Devo parecer-te hoje soberanamente enfadonha. Voltemos ao nosso interesse: por certo não pensarás que envio doze laranjeiras á nossa Joanninha para que ela comece a atirar para os *boulevards* de Paris e para os *squares* de Londres os seus frutos magnificos; tanto mais que eles ainda tardarão um pouco a vir... Acredita apenas que essa dadiva é feita como a celebração de uma data feliz... para a terra brazileira. Eu adoro os laranjais. O perfume da sua flor evoca não sei que horas da minha mocidade, que revivem no meu peito sempre que o sinto. Ha certas noites de luar que me

produzem o mesmo efeito, e quando estas duas circumstancias se reunem, o poder da ilusão é completo. Dize, pois, á tua Joanninha que não plante unicamente essas doze laranjeiras, que espero se desmancharão em flores para o seu noivado, mas que semeie muitas mais, muitissimas mais, sem a preocupação de o fazer só em terreno cercado e para uso exclusivo da familia. Do *Remanso* á *Tapéra*, pelos zig-zags dos carreadores, aqui e acolá, que a sua mão generosa e moça plante a arvore que mais do que todas saberá atrair á hora do poente os sabiás cantadores e dará um dia frutos á pequenada pobre dos colonos, que tanto mais se prenderão á terra em que estiverem quanto mais a acharem abundante e maternal. Trata de engrandecer e poetizar por todos os modos a tua propriedade agricola e não penses nos *can-cans* da nossa sociedade, cada vez mais enredadora e maligna. Para que desejarás saber se o Rocha se divorciou e se a Lemos casa ou não casa, se, afinal, se o Rocha se divorciar é para tornar a casar-se, embora com outra, e se a Lemos se casar será para se divorciar pouco tempo depois ? Deixa-nos sufocar nas cinzas deste borralho imenso — e tu respira, respira livremente esse bom ar da serra !...

FERNANDA.

V

De Joanninha a Fernanda.

Minha senhora.

Farei o que me manda. Plantarei arvores frutiferas para nós, para os nossos amigos, para os colonos e para os passarinhos! As suas roseiras chegaram bem, mas sem nome, pendendo enforcados dos seus galhos curtos simples algarismos de catalogos, que não lhes bastam para batismo. O negro Thomaz está contentissimo com as suas novas atribuições.

Hoje estive trabalhando no jardim com ele, até a hora do almoço, que devorei com um apetite ainda desconhecido por mim. Mamãi disse que nunca me viu tão corada! Mal sabia a minha mãizinha em que eu estava pensando! Pensava em pedir á minha boa amiga D. Fernanda que me ensine a cultivar violetas, que sempre foram a sua flor predileta, e cujos

ramos brilharão nas grandes e velhas salas do *Remanso*, como joias em escrinios esfolados... Vou-lhe dizer uma coisa grave: a Clara ficou com a sua pontinha de inveja pelo presente que eu recebi e já muito particularmente me confidenciou que se acha tambem com animo para fazer algo pela gloria do *Remanso*.

Se ela criasse pombos? Que lhe parece? Vacilo entre pombos e coelhos, desses todos brancos que se enovelam como grandes *pon-pons* de pó de arroz... Dizem que ha coelhos azuis. Será verdade? Quanto ás galinhas têm muitos inconvenientes: o piolho, a peste, a gosma, as boubas, o diabo! ah, perdão! lá se me escapou da pena o nome do inimigo. Ainda bem que já não estou no colegio, porque seria certo o castigo; assim, se eu tivesse tempo, rasgaria esta carta e começaria outra; mas o Salustiano está aqui em pé diante de mim, só á espera deste papel, para partir.

Aconselhe-me, perdoe-me e receba em um beijo toda a alma da sua grata

JOANNINHA.

VI

Maria.

Acabo de ler uma carta da tua Joanna, a quem responderei dentro de poucos dias, e um bilhete postal em que a tua letra, bem conhecida, traçou unicamente estas palavras: — « E as estradas ? »

Presumo que tenhas tido por causa delas algum novo aborrecimento. Ter-se-ia quebrado outra mola do troly, ou desaparecido nas ignoradas profundezas de algum lamaçal o teu melhor burro cargueiro, ou o proprio Salustiano ?! Pobre amiga ! Pois escuta. A proposito do pouco interesse que nós aqui no Brazil ligamos ás estradas, falei eu ha dias, não com as duas pessoas cujos nomes te citei em uma das minhas cartas, mas com um amigo muito mais culto, muito mais inteligente e que tem ainda sobre os outros a vantagem de conhecer o Brazil do sul e do norte, do litoral aos sertões, por ser

engenheiro, afeito a comissões de estradas de ferro. Ora, vê tu como o destino nos protegeu. Disse-me ele o que te vou repetir aqui :

Cabe ao lavrador, em seu proprio beneficio, não só manter, conservando-as, as estradas ou caminhos que dão acesso á sua propriedade, como empenhar-se na construção de outras novas, conforme a necessidade de mais francamente estabelecer meios de transporte para os centros de mercado a que envie os seus produtos agricolas. Em geral as estradas, cortando um só municipio com os caracteres de logradouros publicos, são estabelecidas pelas municipalidades, com ou sem auxilio dos poderes federais ou estaduais. As que põem em comunicação mais de um municipio, são feitas ou pela União, ou pelo Estado, ou ainda de comum acordo entre as municipalidades. Para facilitar a construção de estradas em um só municipio ha ainda a iniciativa dos municipes, auxiliados sempre, direta ou indiretamente, pelo poder municipal. Mas o que particularmente nos interessa agora são os caminhos rurais, que ligam entre si pequenos nucleos produtores aos centros de comercio e de exportação. Sózinho, o pequeno produtor particular não poderá construir tais caminhos ; mas se todos os ocupantes de lotes de uma só fazenda, ou os seus vizinhos mais proximos se associarem

para tal fim, a despeza será relativamente insignificante para cada um, e o beneficio será enorme para todos.

Está claro que este sistema não se estende aos nucleos coloniais fundados pelo governo, porque esses têm recursos proprios.

Construidas tais estradas, compete aos lavradores e colonos conserval-as com o maior capricho, pelo mesmo processo de associação, de modo a garantir a prosperidade da sua lavoura, cujos produtos se escoarão por elas, sem acidentes que os demorem ou prejudiquem. Muitas vezes as condições de conservação e de construção das nossas estradas são tais que em vez de criarem ao lavrador facilidade para os seus transportes, os conduzem a insucessos facilmente evitaveis e a aumento inutil de despezas.

O principal ponto a observar é a bôa orientação do traçado. Em grande numero das nossas vias ferreas, por exemplo, são as condições tecnicas de traçado o peor entrave ao desenvolvimento da produção, devido ás exorbitantes tarifas que tais condições tecnicas acarretam, pelo desgasto rapido e constante do material, principalmente o rodante. E' preciso não prejudicar resultados futuros em beneficio de uma mal comprehendida economia de momento, porque de facto, o custo do primeiro estabele-

cimento de uma via ferrea em condições de dar em futuro proximo tarifas minimas e não entravar, portanto, a produção, é maior que o de outra que, tendo o mesmo comprimento real, tenha maior comprimento virtual, isto é, mais fortes rampas e curvas de raios menores.

Sempre que fôr possivel, o traçado do caminho deve ser feito em linha reta, apresentando em toda a sua extensão um fraco declive que, permitindo o escoamento das aguas pluviais, não dificulte o acesso das rampas, tendo-se em vista que, quanto maior fôr a declividade, maior será o gasto de materiais, carros, carroças, etc., e maiores a despeza e o esforço de tração. E' bem raro conseguir-se um traçado em linha reta, pois, não obstante a sua grande vantagem, os gastos avultadissimos que isso muitas vezes acarreta o tornam inexequivel. A nossa natureza interrompe a cada passo a marcha do homem, com os seus rios profundos, as suas montanhas quasi inacessiveis e os seus precipicios temerosos, obrigando-o a caminhar em linhas sinuosas.

Só depois de um estudo prévio da situação e do local, feito com o maior rigor e a maior atenção, é que se deve fazer o traçado de uma estrada, tendo-se em vista que o movimento de terra deve ser o menor possivel. A observação

do terreno em que desejamos fazer uma estrada, durante o tempo das chuvas permitirá reconhecer a inclinação natural para o caminho, conforme as aguas se escoem ou permaneçam estagnadas. A largura depende da sua importancia.

Em geral tais caminhos são construidos para dar passagem a um só carro e nestas condições bastam 3 m. 50 de largura tendo-se, porém, neste caso o cuidado de fazer de distancia em distancia um pequeno trecho de uns 7 metros, mais ou menos, para prevenir o caso em que dois veículos se encontrem em direções opostas.

Para evitar prejuizos advindos pelos estragos das aguas, o leito das estradas deverá ser abaúlado com a inclinação de seis centimetros por metro, nos casos comuns das passagens rurais feitas em terra; quando, porém, o caminho seja empedrado, bastará o declive de cinco centimetros.

Nas estradas bem construidas existem lateralmente regos para escoamento das aguas pluviais; mas nos caminhos rurais empregam-se lateralmente pedras que lhes acompanham o declive, o que tem a vantagem de os não alargar, diminuindo a escavação pela exigencia do maior taludamento nos barrancos laterais. Para maior duração convem empedrar determinada

extensão, no centro dos caminhos, o que os conservará e facilitará os transportes nos meses das chuvaradas. Quando se tenha de atravessar uma grota ou um riacho, a maneira mais simples e mais economica de estabelecer uma passagem, consiste em colocar através dessa grota ou desse riacho duas ou mais vigas de madeira de lei, suficientes para resistirem ás cargas que tiverem de suportar e estabelecer em seguida um assoalho feito com páus bem unidos. Acontece algumas vezes que a direção da estrada corta uma inclinação natural de escoamento das aguas pluviais, convem então ter cautela, para não obstruir esta direção, o que traria o inconveniente do alagamento do caminho nas ocasiões de enxurradas. Um meio facil e pratico de se evitar este alagamento consiste em se construir um dreno de pedras, quando se dispõe de pedras grandes e chatas, ou então tubos de grês, sendo sempre preferivel fazer duas canalizações juntas, em vez de uma de grande secção, pela dificuldade que há comummente em se obterem tais tubos. Parecendo este meio dispendioso, póde fazer-se este serviço com argamassa de cimento, areia e tijolos em um *dreno de alvenaria* em direção transversal á estrada, mas na mesma do escoamento das aguas.

Conclui o meu informante que isso é o que

de mais pratico e rudimentar se póde fazer na construção dos nossos caminhos rurais.

Falou o tecnico; agora falo eu. Embora eu te pareça muito fantasista e de uma liberalidade facil de compreender, desde que a bolsa que se deve abrir não seja a minha, deixa-me comtudo insistir comtigo para que não olhes a economias quando tiveres de fazer as tuas estradas e convoques os teus vizinhos para que sigam o teu exemplo, na certeza de que economizarão gastando mais e fazendo logo uma obra definitiva e bela. Nós temos o habito das economias mesquinhas, dando a tudo que fazemos o ar de provisorio, sem cogitarmos em que esse sistema nos acarreta dificuldades e grandes despezas futuras, como bem disse o nosso informante e amigo. Na minha opinião, o fazendeiro moderno deve preparar as suas estradas não para carros de bois, mas para automoveis, destinados a desbancar as proprias locomotivas e comboios das vias ferreas. Disseste-me que ahi para os teus lados mesmo as estradas municipaís estão um tanto ou quanto desleixadas. Mas que fazem vocês que não gritam, que não atormentam as autoridades locais, até que elas vos dêem caminhos amplos, firmes, feitos com todo o rigor e todos os preceitos da bôa arte? Guerreia a politica e pede, até ao berro e á vociferação, os melhoramentos para os quais con-

tribuis bem pesadamente; não te deixes, pelo amor de Deus, mergulhar na lama da indiferença : — sê gente.

Sê gente e lembra-te de que o luxo não é só apreciavel quando serve para embelezar o nosso corpo, mas tambem a nossa vida, pondo uma nota de riso e de sedução em tudo o que nos rodeia. Se esta carta não estivesse já tão longa, contar-te-ia um caso que me contaram ha dias, ainda a proposito de estradas. Ficará para outra vez. E agora sempre te direi que se quizeres a minha visita pelo Natal, terás de concorrer com o teu dinheiro e o teu prestigio para a melhoria das estradas que vão desde o povoado até á porta da tua residencia no *Remanso*.

FERNANDA.

VII

Querida Joanninha.

(Á 1 hora da tarde.)

Eu estava num dos meus dias de velhice, um dos meus dias de saudade, quando recebi a tua carta, e foi como se uma janela se abrisse num quarto escuro, por sobre uma paizagem cheia de sol e de flores. Desvaneceu-me a tua promessa de obediencia e temo agora tornar-me abusiva. Quero que, entretanto, comprehendam todos ahi bem o meu pensamento, que não é o de vos impor, nem ensinar coisa alguma, porque, ai de mim, que sei eu? mas, só o de vos chamar a atenção para certos assuntos, que me parecem muito dignos dela. Diz um poeta inglez, que já com certeza ouviste nomear — Shakspeare — em uma das suas obras primas, chamada « O mercador de Veneza », estas palavras profundamente verdadeiras : *I can easier teach twenty what were good to be*

done, than be one of the twenty to follow mine own teaching.

Espero que não estejas tão esquecida do inglez, que não tivesses entendido o sentido destas palavras :

« E'-me mais facil dizer a vinte pessoas o que seria bom fazer-se, do que ser uma dessas vinte pessoas e fazer o que eu tivesse ensinado. »

E' naturalmente o que se dá commigo, tenho porém uma esperança, digo mais : uma certeza instintiva de que a vocês será facil executarem as minhas teorias.

Entretanto acreditem todos ahi que a minha intenção é concorrer para amenizar-lhe a vida, chamando ao mesmo tempo para os campos do meu querido paiz a simpatia de certos espiritos inteligentes e bondosos ; nada mais.

Porque, afinal de contas, a verdade é esta : vocês não devem abdicar, pela circumstancia de viverem na fazenda, das vantagens que a todos deu a educação literaria que receberam, e antes aplical-as no aperfeiçoamento do meio em que vivem, para satisfação alheia e propria, convencidas, como estão, de que o papel da mulher é alegrar, poetizar e elevar o nivel da sociedade em que vive, por meio da sua graça, da sua doçura, do seu bom gosto e dos seus exemplos de atividade e de piedade. E ora pois, minha jardineira, ahi te mando pela

mesma ordem por que os recebi do Sr. Schlick, pessôa da maior competencia no assunto, os nomes das roseiras que melhor florecem no Rio de Janeiro e que esse considerado floricultor escolheu a meu pedido. Pensarás talvez que, devido á diferença do clima, o criterio da escolha deveria ser outro ; acredita, entretanto, que as roseiras que tiverem provado bem aqui, melhor ainda florecerão na região do *Remanso*. Quando o teu roseiral estiver criado, manda de vez em quando pôr de imersão, num deposito de agua, um saco cheio de fuligem, e logo que essa agua tiver tomado a côr do vinho do Porto, irriga com ela, fartamente, as roseiras, sem receio de que o excesso dagua as prejudique. Não deixes tambem de aproveitar as cascas do café para adubo dos canteiros, espalhando-as numa camada de quatro ou cinco centimetros, o que enriquecerá as plantas cultivadas e impedirá o nacimento de hervas daninhas, segundo me informa o jardineiro da fazenda S. Valentim, no Estado de S. Paulo, onde esse processo tem dado excelentes resultados.

Mas vamos ás nossas roseiras.

Não tenhas preguiça de ler a imensa nomenclatura que vou estender diante dos teus olhos, imaginando que tal conhecimento vai fazer parte da tua educação. Cada uma dessas rosas não é tanto um produto da natureza,

como o simbolo de uma obra de arte. Devemos saber os seus nomes, como sabemos os das telas mais afamadas e os das mais afamadas estatuas.

Eil-os :

Anna de Diesbach, *Archimedes*, *Anna Wood*, *Aurora Boreal*, *Baron A. de Rothschild*, *Baronne Nath. de Rothschild*, *Baronne Henriette Snoy*, *Baron de Meynard*, *Baron Prévost*, *Belle Pannachée*, *Blanche Laffitte*, *Boucenne*, *Camille Bernardin*, *Captain Christy*, *Carmen Silva*, *Carolina Testout*, *Charles Darwin*, *Chev. Angelo Ferrario*, *Christine Noué*, *Clotilde Soupert*, *Comte de Sembuy*, *Comtesse de Beaumetz*, *Duchesse Ossuna*, *Duchesse de Morny*, *Desir*, *Elie Beaunvillain*, *Elisa Casson*, *Empereur du Maroc*, *Erzherzog*, *Franz Ferdinand*, *Etoile de Lion*, *Eugène Furst*, *E. V. Hermanos*, *Francis E. Villard*, *Francisca Kruger*, *Fran Karl Drusky*, *General Jacqueminot*, *General Washington*, *Gloire Ducher*, *Gloire de Margotin*, *Gloire de l'Exposition de Bruxelles*, *Gloire Lionnaise*, *G. Nabounand*, *Gruss au Teplitz*, *Hippolyte Jamin*, *Homero*, *Jean Libaud*, *Jeanne Joubert*, *John Hopper*, *Jules Margotin*, *Julio F. de Misefa*, *Zepherine Drouhin*, *La Reine*, *Louise Odier*; *Mmes C. Wood*, *Henry Berger*, *Cornelissen*, *Isaac Pereira*, *Ernest Calvat*, *Morbert Lavasseur*, *Philomene Cochet* e *Victor Ver-*

dier; Magna Charta, Mamã Cochet, Marechal Niel, Marechal Torey, Margaret Dickson, Marie Bauman, Marie d'Orléans, Marie van Houthe, Paul Vabouand, Paul Neyron, Perle de Lyon, Purpura d'Orléans, Presidente Kruger, Pride of Regates, Princesse Alice de Monaco, Reine de Portugal, Reine Marie Henriette, Rêve d'or, Solfatari, Souvenir de Catherine, Souvenir de Guillot, Souvenir de la Malmaison, Souvenir de William Wood, Souvenir de Alexandre Hardy, Triumph de Pernet, Ulrich Brunner e *William Richardson.*

A estas roseiras juntei a bela *Armytage Moore*, que adquiri este ano, e que tem dado abundantes e lindas rosas ao meu jardim; *M^me^ La Roche, Imperatriz Eugenia* e *M^me^ Coursin.* Pedindo auxilio ora a um, ora a outro dos nossos principais cultivadores de pomares, de campos e de jardins, irei fornecendo ao *Remanso* noções de coisas que lhe podem ser uteis. Deixemos agora para o fim o explicar o modo por que devemos cultivar as violetas, que te interessam tanto, e conversemos um pouco a respeito da nossa Clara.

O que te afianço, é que não foi inveja, como dizes, o que ela sentiu pelo presente que te mandei: foi estimulo, e, por esse belo movimento de alma, felicito-a com seis casais de pombos brancos, que irão tão depressa me

avisem de terem já feito para eles um lindo pombal ahi na fazenda. Embora inimiga da adjetivação meramente ornamental, puz aquele « lindo » antecedente ao pombal com tôdo o proposito, e chamo para ele a atenção de Clarinha. Ela que escolha um local alegre e amplo, onde haja relvas, e eu farei acompanhar as aves com uma longa e minuciosa carta a respeito da sua criação. Os meus ocios permitem-me essa especie de *sport* intelectual, com que eu procuro auxiliar-vos a todas. Quanto ao estilo do pombal, não sei dizer, mas não o façam de taboas velhas, pelo amor de Deus!

Chegou a hora de aproveitarem o desenho aprendido no colegio : organizem um concurso e mandem-me os planos, que eu os sujeitarei á opinião de um artista, remetendo depois um bonito premio á vencedora. Valeu? E' escusado recomendar que os varios planos deverão vir assinados por pseudonimos, para absoluta isenção de parcialidade...

Antes que me esqueça, quero dizer-te que o teu terror pelas galinhas é pueril; entreter-me-ei a esse respeito com tua mãi, em qualquer dia de maior pachorra e depois de ter lido alguma coisa sobre a higiene dos campos. Agora vou dar o meu passeio das cinco horas e, de passagem, indagarei do meu floricultor como se cultivam as violetas.

(A's onze horas da noite.)

Acaba de sair da minha casa um afilhado de tua mãi, de quem ela talvez nem se lembre: Eduardo Jorge, recemchegado dos Estados Unidos, onde estudou a profissão de eletricista. E' um rapaz alegre, robusto, que toca piano de um modo agradavel, o que é já dizer muito, gosta de livros e manifesta desejos de ir visitar a madrinha ao Remanso. Quando tiverem noticia da sua visita, mandem afinar o piano. Que vento o trouxe a minha casa? perguntarás. Não foi o vento, fui eu. Falando, como te prometi, com um floricultor na sua loja, pronunciei o nome de tua mãi, para cuja fazenda eu deveria mandar as indicações que lhe pedia, sem reparar num moço que escolhia, perto do balcão, algumas *Paul Neyron*. Obtidas as informações, que te dou em seguida, esse rapaz pediu-me licença para se dirigir a mim, declarando-se afilhado da pessôa que eu nomeara e desejoso de saber o seu endereço...

Em poucos minutos de conversa, percebi ter diante de mim o filho de uma velha amiga de colegio, de quem até hoje guardo lembranças suaves, emoldurando a imagem de uma caturrinha morena, redonda, de olhos verdes e saias curtas... Esta minha amiga foi-o tambem de tua mãi, e a tal ponto, que mais tarde a con-

vidou para madrinha do seu primeiro filho. A vida depois espalhou uns para um lado, outros para outro lado, para depois de tantos anos nos fazer encontrar, de novo, de um modo tão imprevisto. Foi devido a este incidente que as rosas *Paul Neyron*, compradas pelo Eduardo Jorge e com outro destino, vieram parar á minha sala.

Mas vamos ao modo por que se cultivam as violetas:

« Plantam-se as violetas em terra leve, metade vegetal e outra natural; mistura-se á terra assim preparada adubo animal, bem curtido e abundante, conservando-se sempre a terra muito balofa, em local livre de arborização e exposto ao sol da manhã.

Convém renovar a plantação por meio dos novos rebentos, tirados da planta primitiva, que fica assim com mais força para a florecencia.

O replantio deve sempre fazer-se em terra nova, preparada como acima ficou dito.

A plantação deve ser feita nos meses de Janeiro e Fevereiro.

Em dias de grande calor, convem regar á tarde, evitando abundancia de agua, mas conservando sempre fresca a plantação. »

São conselhos simples, mas de mestre, não são meus. E o que desejo e espero, é que, conforme o que disseste, o teu violetal espalhe

pelas velhas salas do *Remanso* fulgores de ametistas e a alma da poesia, que existe sempre nas casas em que ha mulheres bôas e educadas.

A' pratica da vida material não se perde nada em entrelaçar a haste de um sonho...

Saudades a todas.

FERNANDA

VIII

(Bilhete postal.)

Minha senhora.

O meu futuro violetal agradece-lhe e eu asseguro-lhe que os seus conselhos teem melhorado o meu espirito. Sinto-me mais piedosa e mais pensadora. Que mundo de idéas e de sentimentos o trabalho e a natureza despertam em nós!

Joanna.

IX

Fernanda.

A idéa do concurso para o pombal foi excelente; passámos ha dias um serão distraidissimo em torno da mesa de trabalho. Se não fosse a má luz, tambem eu teria entrado na liça; mas os meus olhos começam a mal comportar-se e não me permitem que os aplique á noite em trabalho de nenhuma ordem. Tenho verdadeira nostalgia da luz eletrica e dos bicos Auer, que nunca me fizeram suspeitar sequer que algum dia viesse a ter necessidade de oculos. Tu sabes quanto eu abomino oculos e lunetas e não me parece justo que aos quarenta e tres anos já careça de taes aparelhos, quando minha mãi aos sessenta cosia sem elles. Todas as tristezas vêm caindo ao mesmo tempo sobre mim; era nos olhos que eu supunha persistir ainda um pouco da minha mocidade...

A má luz á noite tem comtudo um proveito — obriga-nos a ir cedo para a cama.

A esta queixa sei que oporás a poesia do luar

nas largas veigas campestres e a vantagem que temos de poder observar á noite, da varanda em trevas, os festões ondeantes e tremeluzentes dos nossos incomparaveis vagalumes nas frescas margens do corrego. No continuo desencontro da vida, quiz Deus pôr a tua alma virgiliana no rumoroso centro da nossa civilização e a minha alma mundana nas regiões quietas da serra, a que, entretanto, pela sugestão talvez das tuas cartas serviçais e amigas, me vou pouco a pouco afeiçoando.

Já agora, estuda-me tambem ahi essa questão da luz. Quero que o *Remanso* resplandeça como um farol nestes mares hervacentos, encapelados de colinas, a que a brancura de alguns pedregulhos a esmo lembra a visão da espuma. Que saudades do mar, filha! e das gaivotas, que da minha sacada da praia de Botafogo eu via todas as manhãs esvoaçando na bahia, á procura de peixe. Dirás que não é de gaivotas que se trata agora, mas de pombos, que de algum modo se lhes assemelham.

Obrigada pelos que vais mandar á Clara, que promete superintender ela mesma as obras do pombal, que ha de ser feito naturalmente pelo Salustiano, verdadeiro páu para toda a obra. Lamentando que a minha caçula não possa entrar com as irmãs no concurso, por não saber desenhar, pois a pobrezinha interrompeu a sua

educação por motivo da morte do pai, Cecilia prometeu ensinar-lhe tudo quanto sabe e instituiu assim uma classe, em que tanto aproveita a mestra como a discipula.

E eis ahi está um lucro já indiretamente prestado pelo pombal! E' extraordinario como grandes empreendimentos saem ás vezes de coisas que se nos afiguram tão insignificantes! Com o exemplo de Cecilia, Cordelia foi revolver os seus cadernos e livros de estudo e resolveu ensinar ela tambem, não desenho e musica, como a irmã, mas o *a b c*, á criançada da colonia! E é encantador, afirmo-te, ver todos esses garotos italianos e hespanhoes aprendendo o portuguez com uma mestra cheia de paciencia e de bondade, que exige deles uma dição perfeita, radicando-os pela lingua e pelo estudo á nossa terra tão mal compreendida. São vinte os discipulos, dentre sete e doze annos. Nos dias de chuva ou de sol forte, as aulas funcionam em uma das nossas salas da frente; mas, quando o tempo favorece, as lições são distribuidas á sombra das jaboticabeiras, onde o Salustiano fabricou, sob as ordens de minhas filhas mais velhas, cadeiras e mesas com troncos rusticos de arvores. Além de leitura, escrita, noções de coisas e contas, que essas vinte crianças aprendem com a minha paciente Cordelia, estudam musica e desenho com a Cecilia,

e é uma delicia ouvil-as já cantar um côro a duas vozes, muito afinado e em excelente ritmo. Palpita-me que se em todas as fazendas houvesse alguem com a mesma coragem e o mesmo entusiasmo que minhas filhas estão revelando agora, o Brazil dentro de poucos anos deixaria de ser um paiz de analfabetos e tornaria bem seus os filhos dos colonos estrangeiros e estrangeiros eles tambem.

Todas as grandes propriedades rurais deveriam ser obrigadas a manter uma escola, auxiliada ou não pelo governo dos Estados respetivos. As minhas filhas pedem-te por meu intermedio que indagues se ha por ahi alguns hinos agricolas, em que se enalteça o valor da enxada e do arado e se glorifique a natureza do Brazil. Difundir o gosto pela poesia e pela musica é, podes crel-o, um serviço urgente no interior do nosso paiz, onde o povo é propenso á tristeza, quando não é indiferente. Por esta razão, pensam tambem as meninas em organizar bailados para as tardes de domingo, permitindo aos colonos, pais das crianças, virem vel-as dansar no terreiro da *Residencia*.

Joanninha, que tomou a si esse encargo, diverte-se infinitamente organizando as figuras dos seus bailados campestres. Como vês, tudo isto se estabeleceu de um dia para o outro, por estimulo das tuas cartas e do concurso do pom-

bal, cujos desenhos ahi vão com as competentes legendas. Afirmo-te que ha grande curiosidade entre as concurrentes pela decisão do juri...

. . . .

Interrompi esta carta para receber a visita de um rapaz agronomo, filho de um fazendeiro vizinho, e que veio conferenciar commigo a respeito de uma estrada que deve ligar a propriedade dele, a minha e as de mais alguns lavradores á nova estrada municipal de Pedrinhas.

E' um rapaz interessante, com quem espero nos entenderemos maravilhosamente, porque é de espirito adiantado e pareceu-me bom observador. Li-lhe a tua carta sobre as estradas e autorizei-o a mostral-a ás outras pessoas interessadas no assunto. Como ele tivesse chegado exatamente á hora de classe, levei-o depois ao bosque das jaboticabeiras, onde surpreendêmos Cecilia e Cordelia curvadas sobre as cabeças dos seus pequenos discipulos. Sem que ele notasse, observei que a impressão que lhe causou tal quadro foi de verdadeiro assombro! Gostei de vel-o acariciar os pequenitos mais novos e mais lambusões da colonia, e do interesse que manifestou pelo metodo de ensino desta escola ao ar livre, feito talvez com mais coração que inteligencia. Depois de ter prometido ás pequenas alguns livros de pedagogia e

de higiene, pediu licença para matricular na nossa escola um sobrinho e mais tres colonozinhos da sua fazenda, que completariam a lotação de um troly que virá todos os dias ao *Remanso!* Esta resolução pareceu-nos exagerada; mas, como cada um sabe como se governa, não temos nada com isso. Tive pena que ele não ouvisse as crianças cantarem, porque a disciplina da hora não permitiu tal distração. Ficará para outra vez, quando vier trazer á escola os seus novos discipulos. A verdade, que eu sinto e muito lealmente confesso, é que a nossa vida se transforma para melhor. Já o *Remanso* não me parece tão longe da vida e tão fóra da civilização. Vejo minhas filhas ocupadas, aplicando em bem dos outros a instrução que receberam, e que desapareceria aos poucos se permanecessem na apatia em que viviamos nos primeiros tempos. Ensinando, elas aprendem coisas novas e vinculam bem no espirito as já aprendidas no colegio. Por mim não páro; sabes que o dia de uma fazendeira obriga a uma atividade constante e absorvente; em todo caso, ai! de mim, tenho tempo para desfalecimentos e melancolias... E só a ti direi que muitas noites, sentindo toda a casa adormecida, abro a minha janela e contemplo as estrelas com o mesmo anceio de confidencia dos meus quinze annos! Sinto-me então como uma ave

que se visse nos ares, em alto mar, sem um mastro ou um rochedo para o pouso. Esta solidão é grande de mais para mim e maldigo a natureza impiedosa, que me envelhece o corpo sem me envelhecer simultaneamente a alma! Se souberes tambem de um remedio para esta agonia, manda-m'o depressa.

TUA MARIA.

X

(Bilhete postal.)

Para todas as agonias e desfalecimentos morais ha um unico remedio : — o trabalho.

FERNANDA.

XI

QUERIDA CECILIA.

Acabo de receber uma carta tua em que reclamas o cumprimento de uma promessa que lhes fiz ha dias a respeito de estradas. Agrada-me o teu interesse. Ahi vai a historia em estilo de quem se sente em crise de grande pobreza intelectual.

Não sei se vocês se lembrarão do Antonio Carlos, um velhote do Oeste de S. Paulo, que

me visita frequentemente sempre que vem ao Rio. Contou-me ele que as estradas da sua fazenda eram desabrigadas, cortando campos extensos de esbranquiçado hervaçal, o que as fazia ferozmente castigadas pelo sol. Um dia um dos seus filhos, exasperado com os efeitos de uma viagem ao meio dia, exigiu dele que mandasse fazer, ao menos em varios trechos do caminho, verdadeiros oasis, para repouso das soalheiras. O pai resistiu. Mas o filho era teimoso e não desanimou. — Sim? Não. Sim? Não — o tempo ia passando, até que o rapaz tomou a iniciativa de fazer por sua conta o que o pai se negava a fazer pela sua propria. Aproveitando uma demorada estadia do velho na capital do Estado, o moço plantou com uma turma de colonos um certo numero de arvores e de bambús em varios pontos do extenso caminho.

No fim de alguns anos o efeito dessas arvores se fez sentir de um modo maravilhoso. Voltando para casa num dia de grande calor o velho Antonio Carlos foi vitima de um ataque de insolação, e teria morrido se logo dois metros adeante não o tivessem feito repousar á sombra de uma bela tousseira de bambús, onde esperou socorros e se sentiu melhorar rapidamente.

« Mais cinco minutos de sol, e eu teria mor-

rido », contou-me ele com os olhos lacrimejantes de comoção. E'excusado dizer que esse senhor é hoje um grande propagandista do plantio de arvores. Não esperem vocês por ameaças de insolação para semearem tambem de frescos oasis as estradas do *Remanso*.

Saudades.

FERNANDA.

XII

(Bilhete postal.)

Risquei hoje uma avenida de bambús desde a porta da sala de jantar, parte sul, até ao bosque das jaboticabeiras, e já está denominado este caminho com o doce nome de — *Alameda do Estio*. Espera merecer a sua aprovação — a toda sua

CECILIA.

XIII

Minha Maria.

O progresso que me denuncias na tua carta é tão grande, que mal ouso crêr que ele se tenha realizado por influxo das minhas modestas observações. As tuas filhas mais velhas, muito caladinhas, estão fazendo uma das obras, se não a obra mais util ao engrandecimento moral deste nosso Brazil, ainda tão inculto e mal servido. Se eu fosse a ti espalharia por toda a parte a noticia dessa escola ao ar livre, mantida em uma fazenda, por meninas educadas, no intuito de instruir gentes ignorantes e tornar brazileiros de coração e pela lingua filhos de outras patrias distantes, mas nunca esquecidas. E espalharia tal noticia, sabes para que? Para que ela servisse de incentivo a outras moças igualmente educadas e desocupadas, para instituirem nas fazendas de seus pais ou tutores pequenas aulas de leitura e de escrita,

em que italianos, hespanhóes ou austriacos fossem insensivelmente trocando pelas nossas expressões as das suas proprias linguas, até se sentirem tão brazileiros como nós outros.

Vè tu como eu tinha razão em esperar das mulheres grandes beneficios em pról da regeneração do nosso campo! As tuas filhas, tão amigas do luxo e dos prazeres da capital, vendo-se de repente privadas da convivencia da sociedade, para que foram preparadas, tiveram a rara coragem de dedicarem os seus ocios forçados á instrução dos pobres ignorantes, e nisso encontrarão alivio ás saudades que as apoquentam. A tua conciencia deve irradiar venturas!

Nunca esperaste, por certo, que a educação que soubeste dar ás tuas filhas tivesse uma aplicação tão nobre nem tão perfeita. Eu senti os olhos encherem-se-me d'agua, ao imaginar as nossas lindas Cecilia e Cordelia a corrigir dôcemente os erros da pequenada da colonia, á sombra rendilhada e leve das jaboticabeiras do bosque. Dize-lhes que podem abusar de mim e encomendar o que quizerem : livros, louzas, lapis, papel! Já agora as minhas economias terão uma aplicação mais util do que a que tinham nos problematicos bilhetes de loteria e outras asneiras com que entretenho a imaginação... Falarei com os nossos poetas e os nossos mu-

sicos sobre os hinos em louvor á enxada, á charrua, ao campo lavrado e á chuva criadora, que engorda a semente e mata a sêde á terra.

E assim se reproduzirão nas amplas veigas do *Remanso* as grandes solenidades populares em que o rei David fazia ouvir os seus formosos córos, cantados por quatro mil levitas, na amplidão do campo, ao ar livre! Para não dar excessivo trabalho á ensaiadora, eu já me contentarei com umas quarenta vozes... A invocação da musica e da poesia foi de peregrina inspiração. Não nos cansemos de procurar transmitir aos nossos camponezes o sentimento de tudo o que ha de mais belo e de melhor para o aperfeiçoamento do seu espirito e do seu carater, tão bisonho e amargurado... E' provavel que esse moço agronomo, que tão entusiasmado se mostrou com a escola das tuas filhas, as possa auxiliar um pouco, dando pelo menos uma lição por semana sobre maquinas agricolas, qualidades quimicas da terra, etc.

Tenho ainda guardado um telegrama expedido da Italia para um dos nossos jornaes, que diz assim : « Inaugurou-se hoje em Ripratansone o curso ambulante de agricultura ». Quando li esse telegrama pensei que entre nós tal iniciativa, tambem já adotada, não dará senão resultados remotos.

A inteligencia do povo brazileiro, digo do

povo trabalhador de enxada e analfabeto, precisaria de uma certa elucidação preparatoria, que não procura nem ninguem lhe oferece, porque vive arredado de todos os favores e de todas as escolas. Mas se em todas as fazendas houvesse simultaneamente o mesmo movimento que houve agora na tua, dentro de pouco tempo os cursos ambulantes de agricultura poderiam fazer um grande beneficio ao paiz.

A nossa Joanninha tomou a si uma tarefa curiosa e mais importante do que se poderá afigurar a espiritos banais. Ensinar a dansar com ritmo, com elegancia, é concorrer não só para o pitoresco da vida como para a harmonia das mais belas qualidades humanas, juntando á beleza do pensamento e ao encanto da voz a graciosidade do gesto. Ainda por cima, teve ela o bom senso de banir dos seus bailes campestres a valsa, a polca medonha e a ceremoniosa quadrilha, que ainda me vejo de algum modo forçada a dansar nos bailes de cerimonia a que vou... Todos os paizes têm as suas dansas campezinas, os seus descantes, os seus sapateados.

Nós não, porque o *samba* é africano, e além de africano — soturno. As melopéas do *samba*, belissimas ás vezes, são de uma melancolia profunda, que faz mal á alma que as escuta .. Abençoada idéa a dessa criança iluminada e ri-

sonha, reunindo no terreiro da sua fazenda a mocidade da sua colonia para a fazer dansar dansas aldeãs e engraçadas. Estou vendo que vocês vão fazer do *Remanso* um paraiso e que eu não resistirei ao prazer de ir compartilhar das suas delicias.

Como esta carta é toda em resposta á tua ultima, ahi te mando os oculos, os oculos dos fatidicos quarenta anos, oculos de vista cansada, que bem se aplicou durante a mocidade!

Não forces a vista, que mais depressa estragarás os teus ainda belos olhos castanhos.

Não os desprezes nas tuas leituras á noite, nem quando durante o dia serzires na tua sala de costura as meias da familia e a tua roupa branca. E' uma coisa a que nos dedicamos pouco, essa de concertar roupa branca, e de interesse capital, entretanto!

Cordelia não deve esquecer essa sciencia, na sua aula para as meninas da colonia. Mas, voltando aos oculos, não sei se eles te servirão: têm sido meus companheiros intimos, digo intimos porque tambem, como tu, ainda tenho um resto de faceirice que me obriga a ocultar de olhos estranhos o aparelho que ponho ás vezes nos meus... e já que chegamos a esta parte sentimental, deixa-me dizer-te tudo! Tambem, como tu, tenho as minhas melancolias sem causa determinada, melancolias infantis,

que me alvoroçam e me fazem cismar! Como o teu, o meu coração é uma urna de saudades indefiniveis e de anciedades irrealizaveis. Ainda tu pódes abrir a tua janela e mostrar o teu rosto sem mascara ás estrelas piedosas.

Eu não. Os astros do nosso céu rir-se-iam dos meus devaneios dolorosos e das minhas interrogações; e cada vez, a qualquer hora que numa expansão silenciosa eu volvesse o meu olhar para o céu, não faltaria quem do fundo da treva, dentre as pedras das calçadas ou da caliça das paredes vizinhas, escarnecesse do meu idilio... Na cidade é preciso fingir, fingir a todos os momentos, dentro de casa como na rua, de dia como de noite. E' a exigencia que faz de nós a sociedade, que incorre em todas as faltas, mas não perdôa nenhuma... Tu ainda tens a consolação das tuas filhas, que te engrinaldam de risos e carinhos a existencia. E eu? O meu unico filho anda agora pelo Egipto, consultando esfinges, e o meu marido vive, como sabes, completamente desinteressado da minha pessôa. E é por tudo isso que eu suspiro pela velhice, a velhice absoluta, a doce velhice consoladora e proficua, porque para mim, como para ti, que tens mais espirito do que eu e maior coração, velhice não quer dizer esterilidade nem abandono. A mulher sã de corpo e alma, chegada essa hora que intimida os fracos, en-

contra na experiencia adquirida nos seus anos de mocidade e de idade madura poder para executar grandes obras de piedade e de regeneração. Ha sempre muito que fazer na vida e a nossa ultima quadra não é com certeza a menos produtora.

Para isso, minha Maria, é preciso ter coragem e não dissipar inutilmente as forças afectivas da nossa alma... guardemos sempre um pouco das nossas energias para o que ha de vir. Confesso-te as minhas esperanças, para dar-te animo, como te confessei as minhas desilusões, para te demonstrar que me tens sempre por companheira fiel na jornada da vida.

Resta-nos a nós duas uma grande felicidade: temos sabido ser amigas uma da outra através de toda a existencia, sem a menor sombra de traição, e isto entre mulheres é tanto mais raro, quanto mais lindo.

Prometo-te ser mais pratica na minha primeira carta. Teu afilhado Eduardo Jorge trouxe-me de um passeio qualquer que fez ao campo sementes de cassia e de flamboiant, que ahi te remetto para o viveiro do *Remanso*. Nem só de pão vive o homem. Planta arvores de flores e abraça Cecilia, que tão tem me compreendeu e a quem tanto quero.

FERNANDA.

XIV

MINHA BÔA AMIGA D. FERNANDA.

Até hoje nada de pombal; nada de galinhas; nada de iluminação caseira; e nada de nos dizer a razão por que não realizou a sua anunciada visita pelo Natal, com o afilhado da mamãi, esse tal Sr. Eduardo Jorge, que toca piano e se interessa por agricultura a ponto de trazer dos seus passeios de rapaz os bolsos cheios de sementes de arvores!

Não imagina o que me ri com isso. E o caso é que estão brotando as tais sementes, graças ao desvelo de Joanninha, que toma muito ao serio as suas funções de jardineira. Se a visse de manhã, de chapelão, avental, saias pelo tornozelo, regador na mão e tesoura pendente da cintura, talvez não lhe fosse facil reconhecer nela aquela menina de cinturinha de vespa e olhar nostalgico, que por tais predicados teve

tantos votos de beleza em um concurso de não me lembro já que jornal carioca... Eu tenho crecido e se não engordo é talvez pela impaciencia de ver passar os dias sem que cheguem os meus pombos, nem a decisão do tal concurso do pombal. Sabe? Já escolhi o lugar para ele. Ha de ser perto do açude, junto á cancela do pasto. O açude, (nós aqui chamamos-lhe : tanque) é grande e profundo, mas tem as margens muito desabrigadas. Parece que meu avô fez aquilo só para aguada dos animais : foi pena que lhe não tivesse plantado algumas arvores á roda, porque lhe daria pitoresco e sombra. Ao principio não notei isto, mas as suas cartas têm por tal modo despertado a nossa curiosidade pelas coisas que nos rodeiam, que lhes vou descobrindo sem esforço as qualidades e os senões...

Para castigo de não ter vindo passar o Natal comnosco, direi que arranjámos uma arvore lindissima para a criançada da colonia. Mamãi fez uma grande tachada de balas, que nós distribuimos em saquinhos de côr pelos galhos miraculosos do pinheirinho, autentico, trazido pelo Salustiano da vargem das Pedras. Houve coros, ensaiados por Cecilia, dansas ensinadas por Joanninha e uma historia muito linda contada por Cordelia. Só eu não fiz nada, mas misturei-me a tudo; dansei, cantei e vi-me incluida

na sorte dos *bonbons* por espirito de camaradagem mais do que por gulosina infantil...

A' hora em que lhe escrevo, mamãi está salgando um porco na despensa, e Cecilia preparando remedio para uma doente da colonia. Realmente, quem mora em uma fazenda precisa entender de tudo! Hontem eu quasi desmaiei vendo Cordelia desinfetar a perna de uma criança, golpeada por um caco de vidro, e collocar-lhe, com a maior pericia, alguns pontos falsos...

Mas isso não a interessa.

Adeus, minha amiga.

Estamos bons, mas com saudades. Até quando?

CLARA.

XV

Clarinha.

Enganas-te, minha querida, quando, no ultimo topico da tua carta, supões não me interessarem os cuidados medicos que vocês possam dispensar a quem deles carecer nessas afastadas regiões do *Remanso*. Ao contrario, estimo que me tenhas proporcionado ensejo para acoroçoar em todas vós a coragem e o sangue frio indispensaveis para o exercicio de certos deveres de medico e de enfermeiro, a que se vêem obrigadas as pessôas que vivem em lugar ermo dos recursos da sciencia. Se houvesse no Brazil, como ha na Inglaterra, por exemplo, hospitais em que moças das melhores familias vão temporariamente servir de enfermeiras, com o intuito, não só de aprenderem como se encana um membro fraturado, como se pensa uma ferida, como se faz voltar á vida um afogado, como se livra das chamas

uma criatura, etc., mas tambem com o fito de fortalecerem a alma e saberem dominar os nervos nas maiores e mais assustadoras crises da sua vida futura, impondo-se uma serenidade absoluta, mesmo em face dos casos mais dolorosos ou mais assustadores, que porventura tenham de observar ou de assistir; se houvesse aqui tais cursos de enfermeiras, eu seria a primeira a pedir á tua mãi que uma após outra, matriculasse neles todas as suas filhas. As damas da Cruz Vermelha, que são as damas da aristocracia da França, da Italia, de todos os paizes cultos da Europa, emfim, sabem pratica e scientificamente tratar de um doente, se tarda a chegada do medico ou cirurgião...

Quantas vezes uma mãi de familia se vê atarantada e deixa de acudir aos filhos ou ás pessôas de casa em circumstancias que, com um pouco de animo, ela lhes daria alivio imediato! Reage contra os teus desfalecimentos e ajuda a Cecilia, e na falta de Cecilia a qualquer das tuas irmãs, a fazer os curativos nos doentes, até que tenhas adquirido serenidade de animo e possas agir com firmeza quando as necessidades te forçarem a isso.

Seria um crime deixar-se um ferido esvair-se em sangue, só por não ter coragem de lhe acudir a tempo. Não te parece?

Sei que tua mãi tem uma farmacia em casa.

A brazileira é medica por instinto, e é isso que nos vale. O que eu não imaginava é que ela soubesse salgar porcos e fazer salsichas. Abençoadas mãos, que não desdenham ocupação nenhuma! E' bom saber de tudo; mas no seu caso eu iria instruindo em tal mister uma colonasinha, ou o proprio cozinheiro, mesmo que eu tivesse de administrar o serviço, mas altivamente, de pé, a uma certa distancia. Entendo que uma dona de casa, demais a mais viuva, precisa manter toda a sua autoridade e todo o seu prestigio, observando os serviços dos seus empregados sem se immiscuir em nenhum deles diretamente. Mas nós as brazileiras somos impacientes em tais assuntos e é por isso que nos queixamos de excesso de trabalho domestico e que envelhecemos tão depressa, banalizadas pela falta de elegancia e de expressão intelectual.

Para alegrar as margens do açude, mandei despachar hoje, endereçados a ti, seis vimieiros já crecidos e que plantarás á beira da agua, no ponto que melhor parecer á tua mãi.

Tens razão; no tempo do teu avô as fazendas eram despidas de toda a idéa de conforto e de poesia. O lavrador não amava a sua propriedade, procurando unicamente tirar dela a maior quantidade de dinheiro que lhe fosse possivel. E esse dinheiro, para onde foi ele?! Pomares,

jardins, hortas, bom trato de animais, galinheiros e chiqueiros higienicos, agua encanada para a residencia, bôa iluminação, — todas essas coisas eram consideradas como superfluas e desnecessarias... tambem nesses tempos as fazendas eram exilios, e é isso que eu não quero que seja considerado o *Remanso*, habitado por pessoas de espirito, como vocês.

Ficará ainda para outra vez a informação a respeito dos pombos e das galinhas.

Aprende a ser paciente, que é a virtude mais necessaria á mulher.

Pretendo visitar primeiro alguns criadores, para mandar depois para ahi as minhas impressões.

Quanto á questão da luz, tratei de indagar com os entendidos aqui no Rio qual o melhor processo para a iluminação de uma fazenda. A primeira casa em que entrei afirmou-me que o melhor sistema entre todos era o das lampadas a alcool. E muito cortez e serviçal, esse informante mostrou-me uma variedade realmente bonita de candelabros, lampadas suspensas, lampiões de pé, etc. Não contente, entrei em outra casa, á espera de ver confirmadas as asseverações da primeira. Pois não foi assim. Esse negociante, igualmente amavel e convincente, desmoralizou a iluminação a alcool, para só apregoar as vantagens do gaz acitileno, para

o qual me apresentou igualmente uma grande variedade de lampiões de interior e de exterior, gabando as suas qualidades economicas, ainda por cima. Já perplexa, fui a uma outra casa, na esperança de ver de que lado estariam a razão e a justiça dessas opiniões. Pois, filha, a terceira casa arrazou com documentos poderosos as preconizadas vantagens do alcool e do acitileno, para só elogiar o petroleo, de que expôz diante dos meus olhos uma grande quantidade de lampadas, de todos os tamanhos e feitios.

Nesta confusão, decidi esperar o Eduardo Jorge, que anda em viagem de negocio por S. Paulo, a ver se ele, que trouxe da America do Norte tantas noções praticas de conforto, me elucida neste assunto.

Entretanto, vejo hoje a noticia de uma conferencia, feita ha dias na nossa Academia de Comercio pelo Dr. D. Kalkman, enaltecendo as qualidades do — gaz Benoid — que não é perigoso, não é caro e é de facil e simples instalação, segundo afirma o conferente. Este assunto não póde ser resolvido de uma hora para a outra. Dèm-me tempo e o *Remanso* esplenderá como um farol entre o mar ondeante das verduras que o cercam.

Um abraço para todas da

FERNANDA.

XVI

MINHA MARIA.

Chegou o dia de te falar nas decantadas galinhas, e faço-o com o desassombro de quem se sente prestigiada no assunto pela pena rutilante do extraordinario autor do *Chantecler*. Se Edmond Rostand achou na confusão de um pateo de granja, entre o alarido dos gansos, os cocoricós dos galinaceos, os *au, au*, dos cães de guarda, o piar dos pintos e o arrulho dos pombos, expressão para uma peça em verso, destinada ao palco universal, não será coisa despropositada que eu, embora sem fantasia, sem poesia e atada aos preconceitos da nossa sociedade falha de espirito pratico e de gosto pelo pitoresco, me entretenha a conversar por escrito comtigo a respeito de um galinheiro! Ha alguns anos isso faria desviar de mim o interesse da gente *chic*, a gente da roda fina em que vivemos e que apreciamos... mas hoje o

exemplo do poeta francez projeta um raio de luminosa simpatia para a vida intima dessas aves bonachonas de quem no Brazil só as velhas burguezas se constituiam protetoras, de modo que até mesmo nos salões mais requintados se fala em galinhas, com a mesma naturalidade com que se fala em canarios ou em sabiás... Aproveito a maré e deixo-me levar, na certeza de que tu mesma acolherás esta palestra com mais interesse do que o que terias nos antigos tempos. Abençoado Rostand!

Tanto o pouco caso e o desinteresse pelos galinheiros é usual entre nós, que, mesmo nas propriedades, como o *Remanso*, se vêem os lavradores na contingencia de andar peregrinando pela vizinhança para a compra de ovos! Tu mesma o disseste em uma das tuas primeiras cartas, o que me encheu de indignação. O mal é frequente; não te censuro só a ti. Tudo o que não seja a grande cultura especial da fazenda, parece ao lavrador objeto sem importancia.

E' esse defeito que precisamos combater, tu com o teu exemplo, eu com a minha palavra, tuas filhas com as suas lições e os seus argumentos na escola livre, que tão acertadamente criaram no *Remanso*. No encadeamento de varias funções está o melhor elemento de felicidade em um estabelecimento agricola, sempre complexo e interessante.

Se não tratamos senão de polir e fortificar um elo dessa cadeia, os outros, esparsos e partidos, não servirão senão para juncar o sólo de inutilidades e atrapalhar-nos os passos. E' por pensar assim que me tenho esforçado em chamar a atenção de todas vocês para varios pontos de aparencia insignificante e que têm no fundo uma promessa de recompensa e de felicidade futuras. Não ha nada indigno da nossa atenção, na maravilhosa natureza em que vivemos e de que vivemos.

Ora, pois, minha querida, mando-te (serão despachados hoje, á noite) um galo e tres galinhas Houdan, de plumagem branca e preta, penacho e gravata espessos, criaturas pesadonas, comilonas, grandes apreciadoras da alimentação animalizada. Não será dificil arranjar minhocas para variedade dos seus repastos. Bastará para isso mandares enterrar a poucos centimetros, em um fio de terra sempre humedecido, um pouco de fubá grosso; não tardará muito que esse fio de terra seja um verdadeiro ninho de vermes, que regalarão as mais poedeiras galinhas do teu galinheiro. Com esses exemplares de raça franceza, vai um casal de Brahma, um da Conchinchina e um da nova raça Favérolles, de uma côr assalmonada, oferecidas por teu afilhado Eduardo Jorge. Informa-me, porêm, o meu jornal agricola que a raça mais á

moda e de reputação perfeitamente justificada, agora, é a galinha Orpington, principalmente a amarela; e o galo dessa raça é quasi indispensavel em um galinheiro de aves comuns, cujos produtos, cruzados com a Orpington, dão resultados dignos de nota.

Galinhas do paiz ha-as muitas por ahi, para que eu precise mandar-t'as de tão longe; entretanto, quando as comprares repara nas condições do seu tratamento e da sua saude. Uma galinha tuberculosa arruinaria a saude de todas as outras, nacionais ou estrangeiras.

Essa especie de doença é combatida com o creosoto, sob diferentes fórmas : injeções, inalações, etc., parecendo-me, porém, que o processo mais racional e rapido para evitar a propagação do mal é o da supressão da galinha pelo... degolamento. Mas eu não te quero instruir aqui sobre o modo de manteres em ordem e em boa higiene o teu galinheiro; para isso ha formularios completos, obras que uma lavradora e criadora inteligente tem a obrigação de consultar. O meu desejo é chamar a tua simpatia para determinados assuntos, deixando-te depois em face deles, estudando-os por tua conta, que para isso, graças a teus bons pais, sabes ler e escrever. Entretanto, dir-te-ei que não deves consentir em que as crianças da colonia frequentem o lugar das

aves; lembra-te que o *croup* é de origem aviaria e póde ser facilmente transmitido da gosma da galinha á mucosa de uma boca infantil.

Com o espaço de que dispões, poderás dividir o teu galinheiro em varias repartições, de modo a ter sempre alguma delas desinfetada, com o sólo revolvido e semeado de nabos ou de mustarda, grãos que têm a dupla vantagem de germinarem depressa, purificarem o sólo e ainda a terceira de alimentarem bem os galinaceos. Quem não dispõe de grandes espaços de terreno para tal desdobramento de galinheiros, usa então a creolina e outros desinfetantes.

Fiadas na excelencia do clima e na vastidão dos campos em que vivem, vocês, fazendeiros, não prestam geralmente atenção ás desinfeções e limpeza do recinto em que conservam os animais. Disse-me o Eduardo Jorge que isto é um erro de funestas consequencias. Quanto mais bem tratados forem os animais, seja qual fôr a sua especie, mais saudaveis e mais belos eles serão e mais garantias de salubridade haverá no sitio habitado por eles.

Disseste-me ha tempo que nem tu nem tuas filhas se podiam utilizar dos cavalos do *Remanso*, por serem feios e trotões.

E' vergonhoso que seja assim, em uma fazenda onde ha bons pastos, boa agua e excelentes terras para roças de milho.

Presta atenção ao bem-estar dos animais da tua propriedade, desde as vacas leiteiras, mugidas todas as manhãs no pateo da residencia, até os ultimos pintinhos acabados de sair da casca e verás, como viu Rostand, que em toda a criatura ha uma alma, e em toda a natureza um apelo de amor e de harmonia universal!

Pensava eu em pôr o ponto final nesta carta, quando o Eduardo Jorge, que sabia do assunto desta correspondencia e é a gentileza em pessoa, me apareceu á porta em um automovel, convidando-me para ir visitar com ele a *Bassecour* de um seu amigo.

As informações que eu te fornecesse seriam assim mais praticas e positivas. Fui, e voltei encantada.

Com vagar te relatarei mais tarde as minhas impressões; entretanto, do que vi posso desde já informar-te de que deverás manter em compartimentos separados as galinhas de raças diferentes; que é bom juntar á sua alimentação de milho a aveia e o triguilho, assim como é util, para a higiene do galinheiro, revolver de vez em quando a terra do chão, misturando-lhe cal.

Por hoje é tudo; e adeus.

FERNANDA.

XVII

Fernanda.

Ha seguramente tres mezes que te não escrevo e que não recebo de ti senão raros e laconicos postais escritos á pressa, já ao calçar das luvas para o teu passeio. Embora a nossa velha e solida amisade não precise de ser alimentada por uma correspondencia mais ou menos assidua, temo que te acostumes a não pensar em mim, e a não me escrever, assim como eu, confesso, já ia sentindo um pouco de preguiça cada vez que pensava em te pôr ao corrente do que se passa ao redor de nós. Bem vês que mesmo os mais sagrados e sinceros sentimentos sofrem graves perigos, se os abandonamos um pouco a si proprios, na certeza de que por serem imutaveis não precisam de ser continuamente acoroçoados por meio da palavra que os estreite. Não sei, portanto, ha perto de noventa dias o que se passa em tua casa.

Na minha sempre te direi que se têm passado coisas extraordinarias. Cecilia está noiva! Lembras-te de te eu falar de um rapaz agronomo da vizinhança, vindo um dia ao *Remanso* para combinarmos a abertura de uma estrada nova que ligasse as nossas propriedades á estrada municipal de Pedrinhas? Pois é esse senhor o meu futuro genro. Como logo na sua primeira visita tivesse surpreendido minhas filhas mais velhas a ensinarem a criançada da colonia no bosque das jaboticabeiras, sentiu-se impressionado por esse acto de bondade e de inteligencia, pedindo imediatamente (como me parece já te comuniquei) para matricular na nosso escola um sobrinho e tres colonozinhos da fazenda — Morro Azul — que fica a pequena distancia da nossa. Supuzemos que tal pedido não passasse de um cumprimento; mas poucos dias depois eis que nos aparece no terreiro um troly com o Sr. agronomo e os pequenitos, já munidos das suas louzas, lapis, réguas e cadernos de papel!

No momento em que ele entrou na aula, um dos dicipulos mais travessos da Cecilia tinha caído ao chão e aberto uma brécha na cabeça; ela lavava-lhe a ferida, ao mesmo tempo que o ia admoestando, maternalmente. Ocupada com esse serviço, mal pôde prestar atenção á visita do nosso vizinho, e foi a Cordelia quem escreveu

no livro da matricula os nomes dos novos dicipulos. Pois de volta para casa acompanhou-o a imagem de Cecilia, apesar de que os seus actos o impressionaram muito mais do que a sua pessoa, o que não deixa de ser estranho... « Eu, afirma ele, pensando em Cecilia, não podia determinar com precisão se os seus cabelos eram castanhos ou pretos, se os seus olhos seriam claros ou escuros, nem qual o talhe da sua boca, nem o tom da sua pele. Via-lhe o vulto curvado para a pequenada, na primeira lição, e mais a maneira amorosa pela qual os alunos olhavam para ela, do que mesmo as linhas do seu rosto; via-lhe depois as mãos sujas do sangue do italianinho a moverem-se cuidadosamente sobre a sua cabeça raspada á escovinha; e revia-a, ainda depois, descascando laranjas, que sucessivamente oferecia ás crianças, ao mesmo tempo que lhes descrevia a natureza do fruto... Comecei a amal-a sem sentir que a amava, e quando um dia percebi que ela era bonita, percebi tambem que, mesmo que ela fosse horrenda de feições eu a adoraria do mesmo modo! »

Confessemos que é uma maneira inedita de amar. E' escusado dizer que esse senhor construiu e reconstruiu as estradas de um modo quasi luxuoso.,.

Hoje o *Remanso* está ligado ao povoado, á

Tapera e a outras fazendas da redondeza, por caminhos que podem ser percorridos por automoveis. Nada de acidentes. O Salustiano vai e volta em metade do tempo, aos recados de que o incumbo; as carroças e os animais não sofrem embates nem perigos — e o resultado é que os proprios colonos se têm animado na plantação dos cereais, cujo transporte vêem facilitado. Joanninha tem feito honra aos teus conselhos e pedidos: o jardim está coberto de flores, o pomar estende-se desde a beira da casa até ao açude; os vimieiros crecem lindamente, vergando para a agua as suas galharias flexiveis, — e no outeiro relvado, o pombal de Clara, coberto de sapé, com as suas divisões bem construidas e faceis de desinfetar, dá uma nota pitoresca e alegre ás bandas, antes desertas, do pasto velho, em que ele foi feito e de onde é visto da nossa varanda, hoje toda enredada de maracujás. O galinheiro, que tanto nos recomendaste, foi executado sob planos do meu futuro genro, de quem é já tempo de te dizer o nome: Silvino Mendes, filho de ricos lavradores da vizinhança e já agora nossos amigos. E' extraordinario como em noventa dias se possa transformar assim a vida de um lar! A nossa casa já não parece a mesma: está agora sempre cheia de musica e de cantos, influencia do amor e do trabalho — essas duas fontes de

perene beleza e de felicidade suprema. Cecilia é outra mulher; ativa, risonha, sensata, toda voltada para a natureza, toda interessada pelos trabalhos da lavoura. Lembrando-se do que disseste uma vez, numa das tuas cartas, a proposito das saudades que sentiamos todas da Avenida e da rua do Ouvidor, o que te fez exclamar : — « pois antes plantassem batatas! » — fez arar uma extensa área da *Tupera*, adubar o solo, e semeou ali por sua conta e risco uns tantos alqueires de batatas, que prometem uma colheita extraordinaria para a futura estação. Essa resolução aterrou o casal de desmazelados caboclos que lá viviam na casa grande, de que pouco a pouco tinham quebrado toda a louça, todos os vidros e queimado ou não sei como feito desaparecer os velhos trastes do tempo dos meus avós! Esses caboclos inertes e sujos foram desterrados para uma antiga senzala, hoje reformada, caiada e alegre, no mesmo sitio, emquanto espero que o produto das batatas dê para reformar a casa abandonada e iniciar ai vida nova e proveitosa. O neto vivo e engraçado desse casal de velhos sonolentos, veio para o *Remanso*, onde aprende na escola a ler, escrever e desenhar, aprendendo tambem o oficio de carpinteiro na oficina que aqui temos montada, e na qual o Salustiano faz prodigios, inci-

tado pelo seu gosto e a sua habilidade. Não imaginas como tudo isto nos distrai e alegra!

As horas passam-se sem que as sintamos; graças a essa boa disposição, a nossa propriedade transforma-se pouco a pouco para melhor...

Para te demonstrar até que ponto todos nós amamos e nos interessamos pela prosperidade do *Remanso*, vou-te contar isto : Joanninha acaba de pedir-me para plantar um pinheiral numa grande mancha de terreno inutil que temos, exactamente para os lados do *Morro Azul*.

« Mais tarde, quando formos muito ricas, diz ela, construiremos ali um belo hospital para os pobres e para os colonos de toda a redondeza; entretanto, aproveitaremos a resina das suas arvores e as suas taboas para o comercio, replantando-o sempre que ele for desfalcado... »

E' espantoso tal raciocinio numa criança de dezesete annos! Foram as tuas cartas que lançaram aqui a semente proveitosa desses pensamentos, ao mesmo tempo que belos idealistas e praticos.

Na sua imaginação aquela mancha de terreno, realmente grande, mas não tanto como se lhe afigura, dará para uma floresta opulenta de pinheiros cheirosos, e que só pelas suas lagrimas, para o breu, e pelas suas taboas para edificações, nos tornará ricas e poderosas; mas

como não pensa só em dinheiro, mas é boa e generosa, cuida a minha Joanninha em fundar com a nossa felicidade um lugar de alivio e de paz para os enfermos pobres dos nossos campos...

Estou contente. Estou contente, mas reclamo letras tuas. Na tua ultima carta falavas-me em galinhas, remetendo-me ao mesmo tempo varios casais de boas raças. Felizmente, já encontraram grande galinheiro, sacos de cal, como nos recomendas, campo semeado de mustarda, ninhos para os ovos, gaiola para os pintos e mais ainda, e por esta é que não esperavas : — quarto para uma incubadeira ! Passa um fio d'agua corrente pelo galinheiro, em parte ensombrado por arvores ramalhudas ; os poleiros, diariamente lavados, estão bem resguardados sob um telheiro largo e novo, e nota até onde vai agora o nosso espirito de ordem : temos um livro para registrar diariamente os acontecimentos desse reino plumitivo, em que ostenta o seu garbo o mais belo *Chantecler* conhecido... depois do de Rostand ! Nesse livro assenta Clarinha todas as noites a quantidade de ovos recolhidos durante o dia, as doenças, as ninhadas novas, etc. Quasi que te posso afiançar que os dicipulos estão saindo melhores que a mestra ! Ha ainda uma novidade ; na anciedade de te dizer tudo, tenho embaralhado a or-

dem natural das coisas : o Silvino está ensinando desenho ás cunhadas; ele é habilissimo. O casamento deverá realizar-se dentro de seis mezes, o tempo preciso para ele edificar a sua casa nova e preparar o ninho para a avesinha doce e linda que é a sua noiva. Para irmos á sua residencia teremos de atravessar a *Tapera;* essa circumstancia será de grande utilidade, facilitando-nos a vigilancia desse sitio, até agora tão abandonado ! Isso e as batatas o farão rejuvenecer e ser belo... Animada por tal convicção beijo-te com o maior carinho.

Tua sempre,

MARIA.

XVIII

Minha senhora e bôa amiga.

Eu não seria o que sou se os seus bons conselhos não me tivessem aberto os olhos para as coisas que me rodeiam e eu continuasse a cultivar saudades em vez de cultivar... batatas! Sabendo arraigar-me á terra de lavoura, em que vivo, criei nela afeições que me farão para sempre feliz. Sabe por minha mãi que sou noiva de um moço agronomo e lavrador, e, como eu, empenhado em tornar cada vez melhor o torrão patrio que o destino lhe poz nas mãos. Por mim, plantarei, cultivarei, ensinarei, e espero que na minha velhice morrerei sorrindo, á sombra florida das minhas arvores, rodeada pelo amor dos meus dicipulos.

Toda sua, bem sua, e para sempre,

Cecilia.

XIX

Maria.

Vinha eu de ter posto no correio a grande carta de parabens que escrevi á tua Cecilia, quando topei com o Eduardo Jorge decendo de um automovel, á porta de uma casa de maquinas.

— Sabe? vim de Friburgo, disse-me ele, e trago-lhe noticias muito interessantes. Se consente em esperar cinco minutos por mim, entre no automovel, onde encontrará um ramo de cravos que lhe destino; entretanto, darei uma ordem urgente no escritorio...

Consenti. Ele galgou os degráus da escada a dois e dois e eu entrei para o automovel onde, além do lindo ramo de cravos a que ele fizera alusão, encontrei varios embrulhos e uma cestinha de frutas. E' extraordinario, este teu afilhado!

Não sei como ele consegue aliar á sua distinção e á sua elegancia o modo pratico e simples que tem de fazer as coisas.

Além dos cravos, uma revista ilustrada que tinha ficado atirada sobre o banco, ajudou-me

a passar não os cinco, mas uns dez minutos em que esperei pelo nosso amigo. Ele voltou sobraçando um masso de catalogos e, mal se viu no automovel, perguntou logo por ti, muito interessado pelo casamento de Cecilia. Respondi como pude. Vinha ele de visitar uma grande propriedade agricola, onde fôra assentar umas maquinas e vêr funcionar outras mandadas vir, por seu intermedio, dos Estados Unidos.

Estava encantado. Sentira o nosso delicioso frio da montanha, leve e sêco, e fartara os olhos da beleza das aguas e das florestas das suas devezas incomparaveis. Que eu olhasse para a frente; todos aqueles embrulhos, á exceção da sua maleta, eram para mim! Trouxera-me kakis como nem o Japão póde suspeitar que os haja, grandes e sumarentos, de um encarnado sumtuoso... aquele embrulho pardo era de mangaritos, de que ele me pedia para mandar um punhado á madrinha, para sementeira; aquele outro era de mudas de craveiros e havia ainda mais dois: um de brochuras, que só agora abri e de que te vou dar noticias, outro... imagina de que! de *buchas* sècas e lavadas. Não pude deixar de rir quando, á sua impaciencia de moço trefego e serviçal, o vi rasgar um pouco do papel, para me perguntar se eu conhecia aquilo! A' minha resposta, de que não ha no Brazil quem não conheça essa fruta e a sua

utilidade, ele pasmou. — Que! pois toda a gente sabe o valor desta planta e quasi ninguem a cultiva? Mas o nosso paiz é fantastico, minha querida amiga! Em qualquer parte do mundo em que se percebesse melhor o valor das coisas, esta planta seria cultivada para comercio, e seus frutos preparados e vendidos no mercado, ou por vendedores ambulantes, nas ruas, para economia dos hoteis e casas de familia.

Assegurei-me agora de que não ha melhor esfregão para panelas nem melhor esponja para banhos. A dona da casa em que estive, que é uma senhora inteligente e cuidadosa, tinha feito de buchas abertas *cache-pots* para os seus vasos de plantas e cestas graciosas para apetrechos de costura e para o pão do almoço.

Foi por ver a variada aplicação desse fruto que eu pedi uns tantos deles para lhe trazer, como uma grande novidade; mas o seu riso atrapalhou-me, fez-me ficar desapontado!

O meu riso fôra tôlo; e tanto estou disso convencida que te aconselho, se é que não tens ainda buchas no teu quintal, a te apressares em semeal-as. Parece que isso dá depressa e é um excelente adorno para cercas, além das outras vantagens que as tornaram tão admiradas aos olhos do Eduardo! Realmente, não ha sem despeza especial, panos que cheguem para todos os serviços em que a bucha póde ser ma-

gnificamente empregada, numa casa de tamanho regular. Comprarás, pois, menos uns tantos metros de algodão por ano se plantares um simples pé de bucha no fundo do teu terreiro!

Além de tudo, é bonito.

Toma nota e não te rias desta lembrança, como eu me ri do presente do teu afilhado, e que constituia uma das novidades interessantes anunciadas por ele logo no principio do nosso encontro! Na verdade, bem pensado, não ha povo que menos saiba aproveitar as dadivas da natureza do que o povo brazileiro, o que confirma a frase de um dos nossos homens de sciencia de que — *a falta de instrução agricola é o primeiro dos nossos males*. Assim penso e nem sei porque me afligem estas observações... Bem sei que mais lá para diante, quando, ou por educação ou por necessidade, os proprios camponezes saibam tirar proveito de todos os produtos cultivados ou espontaneos das terras em que viverem, tudo ha de ser aproveitado e ter o fim para o qual naceu; mas entretanto, a idéa de que muita pobre gente deixa de apreciar um bem apreciavel e ao seu alcance, faz-me mal aos nervos. E' uma especie de nevrose incompreendida por original e tôla, como todas as nevroses! Mas que fazer? A noticia importante que o Eduardo trouxe da tal propriedade em que foi assentar maquinas e

que me pediu para te comunicar, foi a da verificação de quanto foram aproveitaveis á sua lavoura certos adubos fornecidos pelo Centro de Experiencias Agricolas do Kalisyndikat, estabelecido no Rio de Janeiro.

O volume de brochuras de que te falei e que te remeterei em breve pelo correio, continha varios folhetos dessa empreza, folhetos que estou lendo, para poder executar com segurança no meu jardim e na minha horta, alguns dos seus conselhos.

Na propaganda desses seus produtos, o Chile tem demonstrado uma capacidade admiravel de administração. Imagina que vai um delegado seu propositadamente a qualquer propriedade rural que o solicite, ensinar o modo de misturar á terra as substancias que forem necessarias á sua lavoura!

Foi o que aconteceu nessa tal fazenda de Friburgo, onde o Eduardo Jorge pôde observar que um batatal sem adubos produziu 6.667 litros, ou 10.000 kilos de batatas de tamanho mediocre, emquanto que um batatal adubado com superphosphato, sulfato de potassio e salitre do Chile, produziu 40.000 litros ou 60.000 kilos de batatas grandes e perfeitas. E' já alguma diferença... O segredo desta adubação comoda, limpa e proficua, está na sua dosagem. Ela é tão proveitosa quando bem applicada, quanto

póde ser nefasta quando feita com muita prodigalidade ou exagero.

Nem de mais, nem de menos é, aliás, o preceito aplicavel a todas as coisas que devem ser feitas com inteligencia, e inteligencia não te falta, minha boa amiga, nem o criterio que a apura e cristaliza. Não é justo que um lavrador peça tudo á terra e nada lhe dê; para obter uma farta produção de frutos, de forragens, de flores ou de hortaliças, devemos, como muito melhor do que eu o sabes, fornecer ao solo dos campos, dos pomares ou dos jardins alimentos que lhe dêem pujança para as suas funções criadoras. Perguntarás : se estás convencida de que sei tudo isso, para que m'o dizes? Porque, minha fazendeira, respondo eu, sabes que a terra carece da renovação de certas substancias consumidas nas suas produções anteriores, mas talvez ignores as vantagens que te oferecem estas a que estou aludindo dos adubos chilenos. Pois fica sabendo que, assim como das batatas, Eduardo Jorge citava a beleza dos canaviais adubados, gordos, suculentos, vistosos, em comparação de outros canaviais não adubados, de igual extensão mas muito mais palidos e mesquinhos, embora plantados nas mesmas épocas.

O nosso automovel percorria a Avenida Central, entrava pela da Beira-Mar, e quem nos

visse, ele alegre, com o seu panamá mal lhe ensombrando a fronte alta e clara e os olhos de um azul sombrio e doce, eu de ramo de cravos rutilantes nas mãos e toda voltada para a sua palestra animada e moça, pensaria talvez que iamos falando de assuntos literarios e poeticos, em que figurassem nomes de deuses pagãos e alvejassem marmores de estatuas athenienses e imortais; e iamos, entretanto, falando de adubos para a engorda das alfaces e dos cafesais! O interesse que o Eduardo Jorge manifesta por certos assuntos de agricultura, é criado no seu espirito pela curiosidade que tem por todas as coisas que se relacionam com as da sua profissão de mecanico e pelas conversas que tem tido commigo, a quem só por estupidez o acaso não fez lavradora... Em mim é que não sei de onde veio esta ternura que sinto pela terra bemfazeja, geradora de tantos beneficios!

Adeus, minha querida; com os folhetos publicados pelo Centro das Experiencias Agricolas, mandar-te-ei alguns livros de versos, porque a poesia é a arte em que a alma mais se expande e em que, desde o germinar das sementes no fundo do chão até ao tremeluzir das estrelas no céu infinito, toda a natureza palpita e é bela e é compreendida.

Para ti um beijo da tua FERNANDA.

XX

MINHA QUERIDA SENHORA.

Imagine que esta noite não dormi, senão lá pelas tantas da madrugada, cogitando sobre o presente que deverei dar á minha Cecilia pelo seu noivado, e terá adivinhado o motivo desta carta !

Quero que me elucide e tire de embaraços na questão da escolha. Está claro que os meus haveres de menina solteira não me permitem grande desafogo... Um colar de perolas ou um medalhão de brilhantes assentariam divinamente na minha irmãzinha, mas nem por sombras posso gozar a idéa de tais liberalidades... De resto, para uma lavradeira, contente de o ser, não sei para que serviriam tais objetos. Quanto á roupa branca, coisa muito da sua predileção e da minha, e que constitui o luxo mais agradavel das casas de campo, onde o conforto consiste principalmente na fartura e no asseio, já minha mãi organizou tudo com tal perfeição

e tamanha abundancia, que não me vale a pena pensar nisso. Dos poucos objetos de que me lembrei durante a insonia a que aludi, e que foi a primeira de toda a minha vida, figura uma série de livros uteis á sua inexperiencia de dona de casa: obras que ensinem a melhor maneira de tirar a ferrugem das laminas das facas, ou as nodoas das roupas; que ensinem a cozinhar com perfeição; a fazer conservas e a conservar as frutas; a deitar galinhas ou a tosquiar carneiros; obras sobre a pomologia, jardinagem, criação de coelhos, modo de fazer oleos ou sabão; obras emfim que se relacionem com a vida do campo, e que sejam feitas para a embelezar e tornal-a divertida. Deixo ao seu criterio a escolha da coleção, tão completa quanto possivel, pedindo-lhe que a mande encadernar a côr de morango, com letras e frizos brancos, luxuosamente, como se fosse de livros de versos!

Se esta idéa lhe parecer ridicula, não sei o que ha de ser de mim; porque a outra ainda é menos brilhante! suponha que me lembrei de oferecer-lhe uma maquina de fazer manteiga! Adivinho que me lè com um sorriso de zombaria, lamentando a minha falta de imaginação e estranhando que eu não lhe encomende antes uma pulseira de ouro (já que não poderia comprar o tal colar de perolas ou o medalhão de

diamantes), ou um leque de rendas, desses que não abanam nada, ou um bronze artistico, etc. Mas não lhe parece que tais objetos se sentiriam pouco á vontade na corbelha de uma noiva da roça, que vai principiar a vida da lavoura ao lado de um marido que, se não tem dividas e é de uma inteligencia esclarecida e forte, tambem não tem uma grande fortuna?

Note que nem por sombras me passa pelo espirito a idéa de querer que a minha Cecilia caleje os dedos no atrito da tesoura com a lã dos carneiros, nem os chamusque no calor do fogão.

Ela deve ser instruida nestes misteres, para verificar se os executam bem na sua propriedade, e nada mais. Estamos agora todas entretidas com o enxoval da noiva, e para guarnecer-lhe o novo ninho tomei á minha conta os *stores* da sua saleta de estudo, bordados sobre linho e filó grosso.

Beija-lhe as mãos a sua

CORDELIA.

XXI

Minha D. Fernanda.

Acuda-me. Desejaria oferecer a Cecilia um belo faqueiro de prata; mas parece que isso é muito caro, não é?

Na impossibilidade do faqueiro, outro qualquer objeto que ponha na sua mesa de campo uma nota de conforto e de luxo e que no meio das rosas cultivadas por mim lhe assegure que se póde ser elegante e distinta até no pico do Itatiaia, quando para isso haja felicidade e bom gosto...

Seduz-me a idéa de um par de candelabros artisticos, de bronze ou prata velha, mas de estilo. Procure-os. Eles iluminarão os jantares de festa que se deverão suceder toda a vida em casa de minha irmã. Que alvoroço, um casamento! Perdoe-me e ame-me, sim?

Joanninha.

XXII

MINHA SENHORA.

Todos aqui estão alegres, só eu tenho chorado ás escondidas. Cecilia vai fazer-me tanta falta! Se eu algum dia tiver filhas, não as deixarei casar. Gosto de sentir os que amo ao pé de mim; depois, esta vida da roça torna o coração tão egoista! Mas não foi para isto que me sentei a escrever-lhe; foi só para lhe perguntar: que hei de oferecer aos noivos? Servirá um kodak? Vou-lhe explicar a minha idéa. Dizem que a fazenda de meu cunhado é situada em um esplendido lugar, cheio de paizagens encantadoras. Assim sendo, Cecilia terá prazer em reproduzil-as, para as mandar aos amigos, e, quando eu fôr visital-a, poderá tirar-me o retrato. Que diz? — Sua, bem do coração,

CLARA.

XXIII

Minha Clara.

Digo-e que sim. A tua idéa da maquina fotografica é magnifica.

A questão é terem paciencia e gosto e saberem tirar dela todo o proveito... Ahi está uma distração em que nunca pensei, e que adoçará por certo muitas horas de solidão.

Nós mesmas, que vivemos na cidade, quantas vezes desejariamos fixar materialmente em um papel o aspeto deste ou daquele canto de arrabalde ou de praia, o aspeto de uma casa ou o tipo de um individuo qualquer, que nos impressiona e que passa... Na fazenda, um kodak prestará excelentes serviços : estampará a figura dos animais prediletos dos colonos e da criadagem, o que póde ser até um excelente meio de policiamento e de prevenção ; o movimento do terreiro nas colheitas de tais e tais

anos; a abundancia dos frutos nas arvores, etc., além do prazer artistico das paizagens e da reprodução de imagens dos amigos nas suas visitas... Como vês, aplaudo a tua idéa, e procurarei servir-te.

FERNANDA.

XXIV

Cordelia.

Se as tuas idéas não são brilhantes, são boas, e a bondade é o melhor apanagio da mulher. Tenho andado de livraria em livraria, folheando os livros que desejas e que eu quizera enviar-te todos em portugues. Mas ha deficiencia de tais obras na nossa lingua, escritas sob a influencia do nosso clima e das necessidades da nossa vida campestre.

A agricultura, que não tinha até aqui merecido a atenção dos espiritos cultos e observadores, começa agora a impôr-se á simpatia de toda a gente; e assim é de esperar que em pouco tempo não falte a nenhuma das nossas propriedades rurais nem o mais insignificante elemento para o seu progresso. Encarreguei o Eduardo Jorge de te comprar a maquina para fazer manteiga e continuarei ainda a estudar a questão dos livros que me pedes.

Fernanda.

XXV

JOANNINHA.

Cada cabeça, cada sentença ; cada alma, cada sentimento.

O contraste entre o que me pediu Cordelia e o que me pedes, talvez não seja, entretanto, tamanho como parece. Um aparelho de páu, mais ou menos tosco, para transformar o leite em manteiga, ou um candelabro, demais a mais de estilo, destinado a iluminar uma sala confortavel, por entre as formosas Paul Neyron, têm no fundo o mesmo destino maravilhoso : o de tornarem por um e outro modo uma casa sedutora e agradavel. O luxo tem a sua inteligencia misteriosa, um fio invisivel e inquebravel que nos prende ás belas coisas que nos rodeiam.

Quando á qualidade da beleza essas coisas possam juntar a da eternidade, tanto melhor...

Os teus candelabros passarão como reliquias aos filhos dos filhos da tua irmã, o que não desmerecerá em nada a maquina de bater o leite ou os livros praticos encomendados pela Cordelia. Abraço-te.

FERNANDA.

XXVI

Maria.

Agradeço-te as dez duzias de ovos que me enviaste, e que me fizeram lembrar estes versos de um amigo meu, feitos a alguem que usou para com ele da mesma liberalidade que tiveste agora para commigo. Lè :

« Vinte e tres duzias d'ovos ! berro,
E escandalizo em roda o povo.
O' ferro,
Nunca vi tanto ovo!

« Salto d'espanto e treme o soalho;
Os ovos fito : Só Julio de Souza,
Por vida minha !
Fôra capaz de semelhante cousa :
Forçar a tão descomunal trabalho
Tanta galinha.

« E a ancia me acomete
Do esforço sobrehumano
E mirifico

De os quebrar e fazer uma omelete
Vasta como um oceano
Atlantico ou Pacifico.

« Mas não; ninguem lhes toque!
Até o fim da vida, ovos amados,
Hei de ingerir-vos *à la coque*
Fritos ou estrelados,
Cozidos,
Mexidos,
Com *bacon* e chouriço misturados,
Quentes ou frios
E em fios!

« E quem m'os vir comer, tal como eu berro
Ha de escandalizar, berrando, o povo:
— O' ferro,
Nunca vi tanto ovo! »

Dir-te-ei com magua que muitos desses ovos chegaram quebrados e, por virem muito abafados, pouco perfeitos... Parece que o transporte de tal mercadoria precisa ser feito em caixotes baixos, para evitar o peso de muitas camadas sucessivas. Li, em uma das minhas revistas, que na Dinamarca, onde a exportação de ovos é objeto de um trafego consideravel, as caixas para o transporte medem 1m77 de comprimento por 0m45 de largura e 0m24 de altura. Usam-se tambem cestos de vime e caixas de cartão ondulado (industria muito propria para ser exercida por mulheres). A casca dos

ovos deve ser limpada antes do encaixotamento, para que não criem morrinha.

Para isto é preciso que os ninhos e o chão do galinheiro se conservem bem asseados. Os vendedores na Europa passam um pano nos ovos mal os recolhem, para lhes tirar qualquer sujidade, e marcam-nos com um carimbo de borracha e tinta grossa. Esse carimbo garante ao consumidor a sua frescura e constitui uma prova da exatidão e lealdade do vendedor. Parece que por lá as coisas se fazem com muita minucia, mas o trabalho não será maior, desde que se tenham adquirido metodo e pratica, sendo os resultados sempre excelentes... Chamo a tua atenção para este assunto. Estuda-o e aproveitarás.

FERNANDA.

XXVII

FERNANDA.

Já transmiti ao Salustiano, que é o nosso caixoteiro, as informações que me déste na tua ultima carta, ácerca do transporte dos ovos. Na proxima remessa verás como me apresso em seguir os teus conselhos. Sim, senhora, estás uma orientadora de mão cheia; comtudo, ás vezes, confesso-te, as tuas opiniões vêm tão impregnadas de otimismo e de poesia que vacilo em seguil-as, temendo gastar tempo e dinheiro em tentativas de que talvez me possa vir a arrepender mais tarde... Não é tão facil como te parece, a uma fazendeira pobre romper com os processos da rotina com que até o presente foi mantida a sua propriedade. Que encontrei eu quando herdei o Remanso e vim tomar posse da sua direção? Cafezais mal nutridos e em parte abandonados pela falta de colonos; estradas pessimamente construidas e de facil ruina; casa sem conforto e em cujos moveis procurei em vão o mais insignificante li-

vro de apontamentos que me esclarecesse; animais criados ao acaso da natureza; aguas mal distribuidas; pomares devastados pelas pragas; emfim, a incuria mais criminosa que jamais pude imaginar em toda a minha vida! O meu desapontamento foi tão grande, que me deu vontade de fugir.

A transformação destas terras e destes habitos parecia-me tarefa superior ás minhas forças; foi então que desabafei comtigo e que a tua palavra clara e amiga respondeu com afirmações ás minhas duvidas, com energía aos meus desfalecimentos...

Vista do conforto da tua residencia do Rio de Janeiro, onde te rodeias de arte e de alguns amigos que te compreendem, esta velha e tosca fazenda parecia-te poder ser transformada a compasso de valsa, pela varinha de condão de qualquer fada boa, em um parque monumental, em que os cafezais fossem avenidas; os pastos finos gramados em que pastasse gado nédio com fitas e guizos ao pescoço; o açude assumisse as proporções do lago dos Quatro Cantões; a vida de todo o seu pessoal deslizasse entre canticos de louvor á natureza e o trabalho alegre e facil! Na fé miraculosa dos teus idéais empreendeste a salvação da minha vida e começaste a legislar de lá, em cartas sedutoras, às leis por que nos deveriamos rejer no

Remanso! Ao soluço da nossa saudade pelos gozos da cidade, mandaste-nos plantar batatas e lavrar os campos a arado! Tal resposta rebentou aqui como uma bomba, e todas nós, quando a lemos, nos estreolhámos escandalizadas, supondo-te louca!

Chegou mesmo a haver lagrimas. Tive de desculpar-te aos olhos de minhas filhas ofendidas. Para te não maguar, nada te disse então; hoje faço-o com um beijo de gratidão infinita. A razão estava comtigo. Obrigando-me a fazer tudo, supuzeste naturalmente, e muito bem, que eu fizesse pelo menos alguma coisa... Tudo, era demais; era impossivel mesmo, para quem não dispõe de grandes capitais; mas pouco a pouco foi-se organizando bem o que se podia organizar, e nesse empenho a nossa atenção se prendeu ao trabalho rural e ao nos o so espirito vieram uma serenidade e uma alegria quasi perfeitas.

Aprendi assim que é preciso não desanimar nunca, e tirar partido para o bem, dos proprios máos elementos de que dispomos. Aprendi que o prazer de criar sobrepuja todos os outros que possamos ter no mundo. Quando vejo nas manchas de terrenos que havia abandonados na *Tapéra* e no *Remanso*, lavouras florecentes de cereais; quando vejo que os velhos processos que eram usados na fazenda desaparecem,

infelizmente mais devagar do que eu desejaria, para dar lugar aos novos; quando vejo minhas filhas ativas, uteis, estudando os meios de espalharem ao redor de si a instrução, a saúde, a alegria; quando vejo a pequenada italiana da nossa escola escrever e lêr em portuguez, nacionalizando-se sem esforço, e os passaros acudirem aos jardins floridos que nos rodeiam a casa, eu sinto que não vim ao mundo para um fim inutil, pois que ao mundo a minha atividade, o meu esforço e o meu carinho fazem algum beneficio. Já uma vez me escreveste que « a lavradora mais do que outra qualquer mulher póde exercer no Brazil uma influencia benefica sobre todos e tudo que a rodeiam ». Tinhas razão; porque na nossa vida do campo ha tudo por criar. A mulher do fazendeiro, as filhas dos fazendeiros têm uma missão elevada a cumprir, a missão de tornar a vida, sua e dos seus, bela e superior. Devo-te a compreensão destas coisas sublimes. Continúa a iluminar-me, embora permitindo que de vez em quando eu te considere mais utopista do que pratica...

Mas isso que te importa, se eu procuro de algum modo, afinal, estabelecer as regras que impões?

Quando leio as tuas cartas, acho certos conceitos delas inexequiveis, e por fim lá vem um dia em que, sem saber como, eu me encontro a realizal-os!

Como te disse, foi debalde que procurei por todas as prateleiras e gavetões dos velhos trastes desta casa velha, um caderno ao menos que me orientasse sobre as despezas e as necessidades do *Remanso*. De livros só achei um exemplar engordurado da *Nova doceira brazileira*, dentro de um armario da despensa. Está claro que eu não esperava encontrar *Os Lusiadas*, mas um memorial ou registro diario que me pudesse servir de guia e de comparação nos gastos atuaes. E' inqualificavel esta repugnancia quasi geral do lavrador pela escrituração de lucros e despezas da sua propriedade! Vem dahi talvez em grande parte a decadencia de muitos deles. O tempo em que se escreve é tempo em que se reflete. Estou capacitada de que não ha melhor mestre de economias e despezas acertadas do que um livro de anotações. Os antigos moradores do *Remanso*, entre os quais havia gente moça, como sabes, não entendiam assim. Consideravam com certeza a escrituração da fazenda como uma maçada e uma inutilidade. Os cafeeiros não dariam, por isso, nem mais nem melhor café, e o tempo que se passasse alinhando cifras, seria mais docemente empregado noutros misteres. Hoje ha já muitos fazendeiros capacitados da necessidade de uma escrita perfeitamente organizada e mantida; mas

a maior parte, acredita-me, conserva-se alheia a essa preocupação. Eu, com a minha vida de senhora a quem o marido nunca falou em tais assuntos, vejo-me um tanto atrapalhada, quando penso em organizar uma escrita perfeita da minha propriedade.

Não sei como isso se faz.

Parece-me cedo para interrogar a esse respeito o meu futuro genro, preferindo mesmo não lhe dever tal favor, para que a independencia seja maior entre nós dois.

Que me dirás no assunto?

Poderá o meu afilhado Eduardo Jorge, esse ingrato que se obstina em não nos vir visitar, elucidar-me nesta questão? O caso é urgente, como bem podes imaginar. Supõe, ao organizar com ele o meu memorial — se te quizeres dar a esse trabalho, que eu sou de uma estupidez de toupeira; mas de toupeira morta, absolutamente incapaz do menor esforço intelectual, desde que nele tenham de figurar algarismos! E preciso que venha tudo absolutamente nitido e bem explicado. O meu trabalho será apenas o de pôr os pingos nos *ii*...

Será mais um serviço que eu te fique devendo, minha querida Fernanda; mas, ao contrario do que sucede com os outros, eu me sinto feliz em te dever favores!...

Tua Maria.

XXVIII

Querida Maria.

Não me deves favor nenhum. Divirto-me soberanamente com as reflexões que me impõem os teus negocios. A's vezes parece-me, pelo interesse que tenho pelos progressos do *Remanso*, que essa propriedade é minha e que me caberá todo o orgulho da sua prosperidade! Acho muita graça que me chames utopista e me encomendes a organização do teu livro de finanças! Gostei da tua carta e mais gostaria se me não dissesses nela que te dou conselhos. Alto lá, isso nunca! Chamo a tua atenção para varios assuntos agricolas que me parecem destinados a felicitar a tua vida, e nada mais. Sabes que sempre gostei de lêr e que tenho uma biblioteca razoavel, mas que não sou dogmatica. Entre as flores do meu tapete e as do meu jardim prefiro as ultimas, embora as primeiras não sejam de todo más; e é essa preferencia que me leva talvez a imaginação para fóra de

portas, até ás campinas da tua propriedade, de que muito me lembrei numa sessão cinematografica, feita para demonstrar a superioridade do trabalho da lavoura á maquina sobre o trabalho manual. Verifiquei por meus olhos essa diferença. E' espantosa. Um fazendeiro me disse que tais processos são impraticaveis em terrenos pedregosos, como o teu; mas o meu otimismo, como dizes, vai até ao ponto de o julgar exequivel mesmo ahi!

A lavoura transforma-se. As idéas não param. E' preciso acompanhar o tempo, e não ficar anquilosada num meio que se agita...

Não era preciso que me dissesses. Eu já conhecia a aversão do fazendeiro em geral pela escrita; mas descansa, que terás em breve um livro apropriado ao fim que desejas e em que não terás senão de pingar os pontos nos *ii*.

Até quando?!... Até sempre.

FERNANDA.

XXIX

Maria.

Hontem á tarde, lia eu muito socegadamente um romance russo, na minha sala de trabalho, quando o Eduardo Jorge irrompeu entre as palmeiras da porta, com ar trefego e as mãos carregadas de papeis. Não o recebi bem; ele pouco se importou com isso; sabendo talvez qual a melhor maneira de me abrandar as iras, disse sem me dar tempo a inquirições :

— Trago neste embrulho a felicidade para o *Remanso!* neste outro embrulho, musicas novas para a minha amiga ouvir. Virei tocar as musicas mais tarde; quanto á felicidade, como essa é de mais urgencia, aqui lh'a deixo e fujo. Vi pela expressão do seu olhar que cheguei em momento inoportuno; mas, como só os namorados chegam sempre a proposito, disso não tenho culpa!...

Ele ia a fugir. Agarrei-o pela manga, reclamando que desatasse logo ali o embrulho da

felicidade, rijamente amarrado por um barbante a que tinham dado um nó cégo. Era indispensavel a intervenção de uma tesoura ou de um canivete, objetos que uma senhora nunca traz comsigo. Elle prestou-se a executar a operação, e, ela feita, rolaram logo por meu colo para o chão varios folhetos brancos, azulados, verdes, côr de rosa, e pude lêr de relance os titulos de alguns deles :

« *Para não ter amarelão, carbunculo verdadeiro e carbunculo symptomatico,* etc. »

Tal foi o espanto com que olhei para o teu afilhado que ele desatou a rir e contou : fôra ao ministerio da Agricultura para combinar uma encomenda de maquinas e não sei que mais, e lá verificara que o governo distribui gratuitamente por todos os lavradores e pessoas que pela lavoura se interessem, esses pequenos opusculos, feitos em linguagem clara, simples, de facilima compreensão e bom ensinamento, indicando os meios pelos quais os fazendeiros podem tornar higienicas as suas plantações, nedio o seu gado, feliz o seu pessoal.

No meio da agitação dos seus negocios, este excelente rapaz que é o Eduardo não se esqueceu dos amigos — e amigos a quem afinal nunca viu, — como a vocês, e interrompe as suas preocupações pessoaes para tratar dos nossos interesses !

Da Praia Vermelha á minha casa tem de dar uma grande volta antes de chegar ao seu escritorio. Não faz mal; dá a volta e, ora olhando para o relogio, ora para a papelada, acha ainda tempo de indicar alguma coisa, poupando-me o trabalho de grandes indagações.

Já no momento de sair, diz-me, voltando-se de entre portas :

— Recomende a minha madrinha que se inscreva no registro de *lavradores, criadores e profissionais de industrias connexas*, do ministerio da Agricultura. Não pagará nada por isso e terá grandes vantagens, como verá em um desses folhetos que ahi ficam. Acho prudente escrever-lhe hoje mesmo, embora tenha de sacrificar um capitulo do seu interessante romance russo, de que me ha de contar qualquer coisa, no primeiro dia em que jantarmos juntos.

Mal teu afilhado saiu, corri com a papelada ao escritorio do meu marido, para consultal-o sobre se valeria a pena enviar-te essas pequenas brochuras, ou se elas te iriam fazer confusão nas idéas. Depois que me chamaste utopista e otimista, tenho o meu receio de expansões sobre assuntos sérios.

O entusiasmo do Eduardo não me inspira a mesma confiança que a opinião sizuda do meu marido, verdadeiro bicho de biblioteca, cada vez mais concentrado e mais estudioso. Pois

tambem o meu velho urso, como eu lhe chamo sem que ele se zangue, achou magnifico este meio de propaganda de certas idéas e de certos assuntos que nenhum lavrador tem o direito de ignorar, mas que a maior parte deles ignora, aprovando a remessa dos opusculos que ahi te envio por este mesmo correio. Vão conjuntamente os ultimos numeros da revista agricola *Chacaras e Quintaes*, que mais de uma vez te tenho recomendado.

Sou de opinião que, para um certo publico preguiçoso, as leituras curtas, amenas, adoçadas por um raiosinho de lirismo ou pela graça ligeira de uma anedota, são muitas vezes melhor veículo para idéas sérias e scientificas do que longas tiradas didaticas... Ha muito quem saiba de certos episodios historicos só por os ter lido nos romances ou nos dramas, mas jamais em Cantú ou Mommsen.

Foram as circumstancias que acabei de te narrar qne me obrigaram a escrever-te hoje, quando ainda na ultima semana recebeste carta minha; é verdade que muito laconica e apressada, não deixando por isso de levar noticias e saudades. Estou impaciente. Espera-me o romance russo. Adeus.

FERNANDA.

XXX

Minha boa amiga.

Tendo de ficar com a responsabilidade da nossa escola, porque assumo o lugar de diretora logo que Cecilia parta para a sua nova casa, desejo aperfeiçoar-me na linguagem portuguesa, no empenho de ensinar a minha lingua, melhor que tudo mais, aos nossos dicipulos.

Sabe que aprendi em colegio francez, mas como não é o francez que tenho de transmitir aos pequenos caboclinhos das redondezas nem aos italianinhos da colonia, desejo saber o modo justo de articular as palavras e a fórma justa, gramatical, das frases em que as enuncie. Estou lendo gramaticas com toda a atenção, mas ainda parece pouco! Tenho tantas duvidas, minha amiga, tantas! Cecilia tem a intuição da lingua, o que me falta... quando ela partir, que vai ser de mim?

Responda á sua

Cordelia.

XXXI

CORDELIA

O teu pavor encantou-me. Crê-me, minha querida, tive com a tua carta uma das maiores consolações da minha vida. Ainda bem que amas e que te interessas por esta nobre lingua portuguesa, tão bela, tão mal servida entre nós e tão dificil! Vou dar-te um conselho, já que m'o pediste : não leias gramaticas, lê bons livros e faze-os ler aos teus dicipulos; não lhes ponhas nunca nas mãos paginas defeituosas e incorretas; apura-lhes o ouvido e todas as vezes que eles errarem emenda-os sem piedade.

No seu esforço de bem articular as palavras ellas sairão dos seus labios puras e cristalinas.

Com vagar hei-de te ir mandando algumas obras de bôa leitura portuguesa; e entretanto, a proposito do pouco caso que geralmente as moças da tua idade fazem da sua e nossa lingua, vou contar-te esta anedota autentica, vera-

cissima, passada com o proprio Eduardo Jorge. Sabes que esse rapaz, educado nos Estados-Unidos, não póde deixar de falar inglez e dansar a valsa!

Bonito, elegante, pertencendo á nossa melhor sociedade, como dizem os jornais, vai frequentemente aos bailes de mais fulgor. Em um deles, tendo sido apresentado a uma carioca da gema, pediu-lhe a honra de uma contradansa. Sabendo o par brazileiro, naturalmente ele falou-lhe em portuguez; qual foi a sua admiração quando, volvendo para ele os seus olhos castanhos de morena, ela lhe respondeu em francez! Eduardo Jorge fez um acto de coragem: respondeu por sua vez á moça — em inglez! Se ela vinha do colegio de Sião, ele vinha dos Estados-Unidos; se a nossa lingua é banída dos salões, porque as meninas educadas por francezas sabem melhor o francez do que o português; ele por seu lado, sabendo melhor o inglez do que o francez, tinha o direito de optar por aquela contra esta lingua! A moça enrubeceu; ele recitou-lhe trechos de Longfellow; maximas de Roosevelt e não sei que mais! Por fim ela confessou que ele falava muito depressa e preferiria ouvil-o em... portuguès! E foi em português que eles, afinal, se entenderam!

E' por saber qual o desamor com que a nossa

lingua é tratada entre nós, que a tua carta me encheu de espanto e de alegria. Abraço-te por isso duas vezes, minha querida Cordelia, uma com muito afeto, outra com muita admiração.

FERNANDA.

XXXII

Minha boa amiga.

Acabo de chegar a Pedrinhas. Reconheci pelo tamanho do pescoço a figura do nosso Salustiano, em pé na estação, á minha espera. Chamei-o; correu para mim todo risonho. Cá estamos a pôr as malas e os embrulhos no troly para seguir para o *Remanso*. A viagem foi fastidiosa. Tudo isto é primitivo, mas cheira bem! Num postal não se póde dizer mais.

Eduardo Jorge.

XXXIII

Fernanda.

Fui forte; assisti sem lagrimas ao casamento da minha Cecilia, realizado hontem, ás 10 horas da manhã, na residencia do *Remanso*. Póde ser que eu ache um dia palavras para te expressar o que senti nessa hora; hoje isso me é impossivel! Tivemos poucos amigos a nosso lado. Entre estes Eduardo Jorge, recebido pelas meninas como um irmão. Não parece um rapaz da cidade, este rapaz! é madrugador e observa as minimas coisas com interesse muito sincero.

E' então bem verdade que a lavoura póde ter seducções mesmo para os espiritos superiores? A primeira pessôa que me fez acreditar nisso foste tu; a ultima o Eduardo Jorge. Vou-te falar da segunda, que é o meu genro. Este rapaz, que é de uma simplicidade de trato verdadeiramente encantadora, não parece abalado por ambições desmedidas, mas absolutamente convencido de que a sua vida e a da familia que fundou, vão

ser baseadas na felicidade dos que trabalham com boa vontade e com justiça.

Basta dizer isto : grande parte da sua fazenda, que é muito maior do que eu julgava, dividiu-a ele em nucleos que cedeu aos colonos mais competentes, para que eles os cultivem a seu modo e como quizerem. Estando ele convencido do preceito de que a pequena lavoura é o nervo das sociedades democraticas, começou deliberadamente por dividir a sua, auxiliando ao mesmo tempo com essa divisão alguns homens esforçados e honestos e que, de empregados, se viram socios do patrão de um dia para o outro! Esta coragem denota seguramente uma alma rara e foi de todos os traços de caracter que pude apreender, deste homem a quem dei minha filha, o que maior admiração me causou. E não se pense com isso que ele é perdulario ou sonhador. Não; é calculista, mas calculista sem egoismo; não quer a sua felicidade num deserto, mas no meio da felicidade dos outros. Basta entrar na sua casa para se perceber que ele ama a sua profissão de agricultor. O seu lar não tem o aspeto frio, de coisa provisoria, que se seja obrigado a suportar por necessidade e sujeição. Ali tudo tem a feição definitiva que dá conforto á vida. Vê-se que os livros da sua biblioteca são manuseados. Abri por acaso alguns deles. Tinham notas. A mesa

dos seus papeis é uma mesa de trabalho, ampla, forte, bem alumiada por uma lampada suspensa, com quebra-luz. Na sala de Cecilia poz ele alguns quadros originais de merecimento; um piano muito bom e uma mobilia risonha e clara, que alegra a vista. Ele percebe que levou para essa casa, na mulher, uma colaboradora operosa para a felicidade do seu futuro. Não é uma menina piégas nem exigente; é uma mulher penetrada do desejo de ser bôa e de fazer o bem. A sua doçura, a sua inteligencia, o seu espirito educativo melhorarão a sorte da gente rude que rodeia a sua propriedade, e dentro de poucos anos a influencia das qualidades morais e intelectuaes de Cecilia terão feito milagres nesse torrão ainda tão inculto em que ela foi viver.

E é para isso que nós precisamos educar as filhas. Nestes dois anos de trabalho, de experiencia, de necessidade, as minhas adquiriram uma perspicacia espantosa. Estou convencida de que não é na pasmaceira dos colegios que se formam almas. Os ideais precisam de terreno amplo e livre em que se debatam e possam criar raizes. Este do campo é maravilhoso para isso. A minha grande magua é não as sentir germinar em grande parte das nossas fazendeiras, já que talvez fosse demasiada ambição desejal-os em todas... E acredito que estaria

nisso a salvação da vida, ainda estupida e melancolica, do nosso interior. Toda a mulher fórma um ambiente em redor de si, mais facilmente do que o homem. Se ela tem gosto, se tem educação e se tem energia, esse ambiente será sugestivo dessas qualidades e produzirá grandes beneficios em todos que dela se aproximarem. Irradia-me na conciencia a certeza de que transmiti a minhas filhas essa compreensão dos seus destinos.

Adeus. Um grande abraço da tua...

MARIA.

XXXIV

Minha boa D. Fernanda.

Foi uma pena o Eduardo ter vindo por tão poucos dias!

Imagine : chega á noite, na vespera do casamento de Cecilia; no dia seguinte, com a solenidade, a comoção, as visitas, a ida á casa dos noivos, que foram levados em cortejo, mal teve a gente tempo para lhe apreciar a companhia; hoje : zás! diz que volta para o Rio amanhã! Para castigo não o deixamos parar!

A's 5 horas da manhã já ele voltava do seu banho no rio. Disse-me o Salustiano que ele nada como um peixe! Como deve ser bom saber-se nadar como um peixe! Quando veio para a mesa do almoço, ás 10 horas, tinha percorrido a cavalo os cafezais do sul, passeado a pé pelo pomar e ajudado Joanninha e o velho preto Thomaz a regar o jardim! Estou pasmada. Nós todas estamos pasmadas! Ele faz essas coisas com tanta naturalidade, manifes-

tando por tudo tamanho interesse, que chegamos a ter a ilusão de que foi criado a nosso lado desde pequeno, como um irmão. Vou agora leval-o a visitar o pombal e o galinheiro e sempre quero ver o que me diz do meu Chantecler e da minha Zázá, uma galinha topetuda e bonita como não creio que haja outra no mundo. Naceu agora na chocadeira uma ninhada enorme de pintos e espero bem depressa entabolar negocio de ovos e aves com as agencias de vapores ou com os hoteis. Quero mostrar a esta gente que sirvo para alguma coisa... O Eduardo prometeu craveiros de qualidades novas á Joanninha e ainda por cima alguns livros de jardinagem. Estou morta por saber o que ele me vai prometer a mim! Quem anda um tanto triste é a Cordelia; tem pena que o Eduardo não assista a uma aula ao menos da sua escola ao ar livre. Ela tem feito milagres no ensino da leitura, da escrita, da historia natural e da musica. Os dicipulos cantaram hontem um côro celebrando as bodas de Cecilia, e com tanto sentimento e afinação, que todas as pessoas que os ouviam ficaram comovidas e pediram *bis*. Acredite que ao proprio Eduardo Jorge encheram-se-lhe os olhos de agua e ouvi-o dizer : — « Em qualquer canto da terra a vida póde ser bela, desde que se lhe dê idealidade e poesia... » A pratica tem-nos demonstrado

isso mesmo. Emquanto consideravamos o *Remanso* como um desterro, tudo aqui nos parecia indigno de nós. Desde a primeira hora em que nos decidimos a trabalhar para a sua prosperidade e para o seu aperfeiçoamento, os dias passam vertiginosamente e esta terra parece-nos um paraiso.

Abraça-a ternamente a sua amiga

CLARA.

XXXV

MINHA BOA AMIGA.

Cordelia ordena-me que fique mais um dia no *Remanso*, para assistir a uma das suas aulas no bosque das jaboticabeiras. Fico. O progresso material e moral desta fazenda põe em evidencia a verdade do proverbio — *Ce que femme veut*...

Beijo-lhe as mãos.

EDUARDO.

XXXVI

Minha Fernanda.

Chegou emfim o dia de ir ver as proezas da *Tapera* e posso afirmar-te que a impressão que esta visita me causou é completamente oposta áquela que te comuniquei na primeira vez que lá fui. Como as terras dessa fazendola (que é a bem dizer uma dependencia do *Remanso*), por imprestaveis ou por cansaço não produzissem café de modo a compensar o trabalho e o tempo que se consumissem com a sua cultura, ficou resolvido que as meninas as aproveitassem como quizessem, começando por fazer nelas uma grande plantação de batatas, segundo o teu franco e salutar conselho. Concedi-lhes aquele prazo de terreno com o fito de estimular-lhes o gosto pelos trabalhos agricolas e ainda mais com o proposito de as distrair, mas sem nenhuma esperança de ver realizado ali qualquer progresso, antes preparando-me para um prejuizo quasi certo. Era uma cartada. Como

poderia eu dar responsabilidades ás minhas filhas sem correr os perigos eventuais da sua inexperiencia ? E como poderiam elas assumir essas responsabilidades sem liberdade de ação ? Não me arrependo. Estou certa de que ha muita gente moça por ahi, imprestavel pela falta do apoio moral que anima as iniciativas. Dei inteira liberdade de ação ás minhas filhas ; fil-as ver quais os recursos materiais com que podiam contar. Eu não lhes daria nem mais um vintem fóra da verba que nessa ocasião puz ás suas ordens para inicio dos trabalhos. Elas aceitaram o pacto com o ar alegre de quem empreende uma aventura inedita ! O amor da novidade sempre seduziu os espiritos moços, embora não deixe de tentar tambem aqueles que da mocidade já não têm senão a saudade... Pedi ás minhas filhas que me não consultassem. Fizessem o que entendessem. Pediram-me elas em resposta que eu não tornasse a ir á *Tapera* a não ser no dia em que elas me convidassem para isso. Cedi. Combinaram então que em cada dia da semana fosse uma delas observar os novos trabalhos e verificar o seu andamento. Como vês, não foi preciso irmos a nenhum cartorio, nem gastar dinheiro com o tabelião ; fizemos e cumprimos os nossos tratos maravilhosamente. E assim se passou mais de um ano sem que a menor indiscreção por

parte do seu entusiasmo ou da minha curiosidade alterasse o nosso convenio. Foi um grande sacrificio para mim, essa forçada abstenção de uma parte da minha fazenda, mas nunca o dei a perceber a ninguem. Que diacho, o *Remanso* só por si é bastante grande e não me faltou nele com que entreter a minha atividade!

O interior da casa, para cujo serviço não podemos contar com a criadagem saída da colonia, sempre rustica e mal disposta, absorvia-me todo o tempo fóra daquele em que diariamente inspecionava a minha lavoura e os meus animais. Porque, nota : quer chova ou faça sol, não ha dia em que esta tua amiga, á hora em que tu lês os teus romances russos ou passeias pelas avenidas, não vá dar uma volta pelos cafesais, entrando, de caminho, na oficina do Salustiano, na casa da maquina, na lavanderia, etc.

Ao principio, julguei morrer de cansaço. A tarefa era superior ás minhas forças. Pouco a pouco, porém, veio-me o habito, e hoje, se por qualquer motivo deixo de executar o meu programa, o dia parece-me de quarenta e oito horas! Além das minhas preocupações de lavradora e dona de casa, distraía-me tambem, e muito intensamente, a — escola ao ar livre — mantida pelas minhas filhas. Não houve nem

ha dia nenhum em que eu não apareça nessa escola, ao menos por uns dez minutos. Interessa-me extraordinariamente acompanhar os progressos dos italianinhos da colonia, que vão adquirindo rapidos conhecimentos da lingua portuguesa, tornando-se, assim, sem esforço, verdadeiramente nacionais.

Explicada a minha desatenção pela *Tapera*, volto a relatar-te o caso desta manhã. Quando hontem, á noite, fui para a cama, encontrei em cima do meu travesseiro um grande envelope e nele uma carta de convite, assinada pelas minhas filhas, para um almoço, hoje, na *Tapera!* Embora casada, Cecilia não deixou de associar-se ás irmãs. O seu nome era o primeiro, pela ordem natural das idades. Estremeci, has de crer? Eu estava ainda longe de esperar pela realização de tal idéa. Que teriam elas feito? Que haveria de novo nessas velhas terras, ainda ha um ano devastadas pelo sapé e a tiririca? Toda a tristeza desse lugar, mal feitorizado por um casal negligente de caboclos, voltou ao meu espirito, preocupando-o até á hora em que adormeci de cansada.

Não sei se já te falei alguma vez de um pequeno muito esperto, neto desse morrinhento casal de velhos e que, trazido para o *Remanso*, tem revelado uma atividade e uma inteligencia prodigiosas. Ao mesmo tempo que aprende

na escola das Jaboticabeiras, é tambem aprendiz de carpinteiro, e sempre tão serviçal e tão alegre, que todos aqui lhe querem bem. Ele demonstra que é infundada a prevenção que geralmente temos com a gente da sua raça. Pobres caboclos, eles têm atrás do seu passado vastas gerações de ignorantes ! Aproveitados desde os tenros anos, bem guiados, bem nutridos, revelam uma elasticidade fisica e uma capacidade de trabalho verdadeiramente admiraveis. Quizeram as meninas que esse rapazinho nos acompanhasse hoje ao almoço da *Tapera*, para onde partimos ás 7 horas da manhã.

Vinte e cinco minutos depois, o nosso troly penetrava no velho sitio de meus avós, remoçado agora pelos cuidados e a dedicação de minhas filhas.

Mal transposta a divisa com o *Remanso*, vi ladeando o largo carreadouro por onde iamos, todo marginado por arvores frutiferas ainda jovens, bem estacadas, bem limpas, reluzindo de alegria nas suas folhas novas; extensos campos cobertos pelas ramas já amarelecidas das batatas. Adiante, no estreito riacho das pedras, onde o troly antigamente decia aos solavancos, havia agora uma pontesinha rustica, mas solida, refrescada nas extremidades por duas tousseiras de bambús, que a cobrirão em breve com um arco de verdura, servindo de

abrigo ás lavadeiras nas quentes manhãs de verão. Passada esta ponte, deparei com um novo caminho, á esquerda, ladeado por laranjeiras, ainda pequenas, cortando a estrada em cruz, e seguindo por entre batatais maduros até o sopé de uma colina arienta, coberta agora por um vinhedo novo. Eu não falava.

Tinha um nó na garganta. Minhas filhas não me interrogavam, percebendo a minha comoção... Mais outra volta de caminho e vi-me em frente da velha e tôsca moradia antiga, ha um ano ainda esburacada e suja e agora toda branquinha na sua vestimenta de cal nova, com as janelas abertas, os seus humbrais azuis muito alegres, e no patamar da varandinha de páu, a minha Cecilia e o meu genro, sorrindo alegremente, á minha espera. Terias resistido? Eu não. Chorei. Chorei como uma criança. Não sei como um coração esgotado pelo tempo ainda pôde destilar tal abundancia de lagrimas!

— Como se fez o milagre? perguntei eu logo que pude falar. As meninas entreolharam-se. Foi meu genro quem falou. O milagre tinha-se feito pela fé no trabalho e pelo influxo do meu exemplo e dos teus conselhos. O milagre tinha-se feito, porque a terra brazileira não nega a quem a ame o que se lhe pedir. Ele fôra testemunha dos esforços de minhas filhas.

Por sua vez elas apresentaram-me um italiano ruivo, homem ativo e inteligente, casado com uma linda mulher e pai de meia duzia de rapazinhos, e que é o feitor da *Tapera*. Quebrado o encanto, falavam agora todas ao mesmo tempo. A *Tapera* era um verdadeiro campo de experiencias. Nunca ali faltaria o milho, nem o feijão, nem o gostoso mangarito, nem a mandioca, nem plantas forrageiras para o gado. Seria o canto da fartura, que dá saude e alegria !

A mesa estava posta para o almoço, em que as batatas figuraram cozidas, com manteiga; fritas, com presunto; cobertas com ovos; em *croquettes*, em salada, em bolos e em pudins! E eu comi de tudo e ainda no fim estava leve e contente.

A caseira trouxe, á sobremesa, um delicioso requeijão feito por ela e um vaso de mel de abelhas, de colmeias mantidas por ela tambem, entre as figueiras do pomar.

Tenho observado, nestes dois anos de campo, que a figueira é uma arvore a que nós ligamos pouca importancia, e que é de facil cultura e muito produtiva. Ha na *Tapera* para cima de quinhentas figueiras, que as meninas destinam ao comercio das frutas secas. Clara fundará, para isso, uma oficina na escola, para a fabricação de caixas de papelão, que serão feitas

pelos alumnos mais geitosos e mais adiantados.

Findo o almoço, fomos vêr o moinho, que a Joanninha enfeitou de heras e tinhorões, e onde ela espera, á imitação do escritor francez, escrever-te uma série de cartas intituladas *Cartas do meu moinho*.

A fantasia entra em tudo em que estas crianças tocam e é talvez por isso que tudo aqui sorri e florece!

Se eu não sentisse já desfalecer-me a pena entre os dedos cansados, continuaria a escrever-te até pela manhã; são tantas as coisas que tenho para dizer-te! Mas já os galos da meia-noite cantam. São horas de dormir. Adeus.

Sempre tua.

MARIA.

XXXVII

Maria.

Preparava-me eu hontem para o meu passeio das 5 horas, quando meu marido mandou chamar-me ao seu escritorio. Tive um sobresalto. Apesar de toda a minha filosofia e sobretudo de toda a lucidez do meu espirito, que em todas as circumstancias vê mais ou menos as coisas como elas são, supuz tratar-se de algum caso grave. Pareceu-me mesmo notar uma certa palidez na face estupida da criada que me trouxe o recado. A primeira idéa que me assaltou o espirito foi a de um desastre em meu filho, que anda agora pela Suecia estudando a organização das escolas e patinando furiosamente nos duros gelos daquele paiz. A impressão foi tão forte, apesar de absurda, que me fez cair das mãos o chapéu que exatamente nesse instante eu ia pôr na cabeça. Corri e galguei com tamanha precipitação os tres degráus do escritorio de meu marido, que ele volveu para mim um olhar espantado e inquieto.

— O telegrama. Eu quero vêr o telegrama... onde está?... que lhe succedeu? perguntei, aflita.

« — Que telegrama, filha? eu não tenho telegrama nenhum... Não compreendo a tua agitação... senta-te, explica-te. Que ha? »

Não me sentei. Mesmo de pé, já um tanto vexada, contei-lhe o pensamento que me passara pela cabeça. Ele riu-se, concluindo um tanto desdenhosamente : — afinal és uma mulher como todas as outras...

Percebi toda a vida que meu marido gostaria muito que eu tivesse um pouco menos de imaginação ; mas essa vontade é talvez a unica que eu nunca lhe pude fazer !

Refeita do meu susto, sem o auxilio da agua de flor de laranjeira com assucar, sentei-me e indaguei qual o motivo por que ele me mandara chamar.

Ele explicou, revolvendo a papelada que sóbe em pilhas quasi até o teto, de cada lado da sua secretária, que por me vêr tão interessada na organização da tua vida, queria mostrar-me uma pagina de certa revista, com que ele estava muito de acordo, sobre colonização estrangeira no Brazil.

Após uns cinco minutos de procura por cima, por dentro, por baixo de pastas, e por entre os jornais esparsos do terrivel caus que

é essa secretária em que não me é dado sequer pôr as pontas dos dedos, ele sacou do fundo de uma gaveta um folheto côr de rosa, em cuja capa li o nome da revista: *Italia e Brazil.*

Já tranquila, estendi a mão para o faciculo còr de rosa, como se em vez de agricultura ele me viesse falar de poesia e de musica, e mergulhei-me no marroquim verde do divan, disposta a lêl-o de uma assentada. E li, e ahi tío mando marcado a lapis nos seus topicos principais. Receando, porém, o extravio do meu folheto no correio, o que infelizmente é agora frequente, sempre te apontarei nesta carta, apressadamente e resumidamente, alguns paragrafos do relatorio em questão. Diz meu marido que tenho a mania epistolar e que só eu gasto mais tinta na minha pequena secretária Luiz XV do que todo o pessoal de todas as secretarias publicas reunidas do Rio de Janeiro. O exagero deste senhor filosofo é tanto mais clamoroso, quanto ele sabe que a bem dizer eu não entretenho correspondencia senão com vocès; em todo caso, para lhe dar um laivo de razão, alongarei esta carta, entretendo-te sobre o assunto da revista em questão. Como verás, trata-se do resumo de um relatorio do Instituto Colonial de S. Paulo, muito interessado, naturalmente, pela felici-

dade do colono nestas terras da America. O relator, o engenheiro Sr. Eduardo Loschi, pergunta : — « é possivel melhorar as condições dos colonos nas fazendas? » A esta pergunta ele mesmo responde: — E'. E passa, depois de varias considerações, a enumerar as condições imprescindiveis para a atráção e estabilidade dos colonos europeus no interior e nos sertões do Brazil.

A primeira de todas é, já se vê, a higiene. Devendo, para isso, ser as casas dos colonos construidas de modo que o ar e a luz penetrem nelas abundantemente, ao mesmo tempo que, pelo bom funcionamento das suas portas e janelas, possam resguardar os seus habitantes das intemperies.

A agua potavel é um dos principais elementos de saude de qualquer localidade. Haverá sempre cuidado em fornecer á colonia de qualquer fazenda agua tão boa quanto possivel? Nem sempre... e, entretanto, não é obra de dispendio excessivo um reservatorio cavado em logar alto, na propria terra, sendo a parede de remate construida de pedra e areia grossa, para servir de filtro natural ás impurezas da agua. Os corregos e os rios que atravessam as propriedades agricolas onde não haja nacentes puras, não podem oferecer, a quem neles se desaltere, promessas de saude e tranquilidade.

Depois da habitação e da agua, vem o paragrafo da assistencia sanitaria.

Seria bom que em todas as colonias houvesse uma pequena farmacia em que não faltassem nunca os desinfetantes, algodão e gazes fenicadas, serum contra mordeduras de cobras, etc., a par de medicamentos internos mais comuns.

Sempre que um grupo de fazendas unidas conte mais de dois mil colonos deverá esse grupo manter um medico de partido. E o Estado completaria essa obra de interesse particular, fundando no municipio agricola de maior importancia um grande estabelecimento em que se reunissem um orfanato, para recolher e instruir as crianças pobres da colonia ás quais faltassem os pais; um hospital para curar os doentes que tenham perdido a saude no serviço das fazendas, como os cegos ou ameaçados de cegueira pelo mal do tracoma, e um asilo para recolher colonos velhinhos, e cuja atividade e energia se tenham esgotado tambem nos labores agricolas.

Ao artigo da higiene, cujo teor descrevi ligeiramente, segue-se o da instrução.

Vocês, que mantem ahi no Remanso uma escola em que, além de leitura, contas, escrita, historia natural e geografia, ainda ensinam a cantar e desenhar, demonstram pela pratica a convic-

ção da utilidade deste importantissimo artigo.

Segue-se a fiscalização. Os feitores ou encarregados, pelos fazendeiros, de fiscalizar o serviço dos colonos, em vez de abusarem das suas atribuições, como acontece comummente, tratando os trabalhadores com brutalidade e tirania, deverão antes servir-lhes de conselheiros, conciliando as coisas de maneira a estarem todos contentes.

(E, ora aqui está, minha Maria, um paragrafo que me parece de uma enorme dificuldade! *Quereis ver o vilão, metei-lhe a vara na mão.* Os feitores serão, se não sempre, quasi sempre uns despotas.)

O trabalho. O rendimento do colono dependerá do trabalho produzido ; o contrato deve ser feito de modo a permitir-lhe fazer algumas economias.

Contabilidade. O lavrador, além do registro geral da fazenda, terá um outro, reservado ao trabalho e contrato dos colonos, que fará fé em juizo e deverá ser escrupulosamente exato, a ponto de, seja qual fôr o dia em que o colono queira pôr em ordem a sua caderneta, o possa fazer com a maxima facilidade, obrigando-se ele, por sua vez, ao rigoroso cumprimento de todos os seus compromissos.

Pagamento. « Os pagamentos devem ser feitos mensalmente. »

Deixo sem comentario este paragrafo e fico cismando em como poderá o lavrador pagar mensalmente a uma pessoa cujos lucros deverão corresponder ao trabalho apresentado geralmente em uma só época do ano.

Tu me elucidarás, se quizeres, no que, de resto, não faço grande empenho, visto que estes assuntos só os estudo por amor de ti.

Produtos agricolas. O colono terá o direito de vender os seus produtos a quem quizer, sem se vêr obrigado a preferir o fazendeiro.

Contrato de trabalho. O Congresso federal deverá fazer uma lei que effetivamente garanta o salario do colono, completando o decreto n.º 6437, de 27 de Março de 1907, e formular um contrato de trabalho que sirva igualmente ao interesse do fazendeiro e do colono nas fazendas. O fruto pendente formará a verdadeira garantia do salario e o credito do trabalhador será privilegiado, gozando o direito de precedencia sobre qualquer outro credito penhoraticio da colheita.

Justiça. No contrato de trabalho será consignada a instituição de um tribunal de justiça composto de homens probos, o qual, por processo sumario, se deverá pronunciar sobre as divergencias entre patrões e empregados.

O relator estende-se em considerações que não posso transcrever em uma simples carta e

que melhor lerás no original, se acaso o original te chegar ás mãos. Em todo o caso chamei para os topicos principais do grande problema a tua atenção, e isso já foi alguma coisa. Ha aqui assunto para meditação.

O lavrador moderno tem de ser um reformador de costumes e, para ser perfeito, terá muitas vezes de sacrificar os seus interesses pessoais ao cumprimento da justiça para com os seus inferiores.

Alegrou-me, confesso-te, ver expendidas neste relatorio idéas que vocês já tiveram, e ahi têm posto em pratica. A escola ao ar livre, por que tanto se interessam as tuas filhas, não é uma bela realidade desse artigo concernente á instrução?

O hospital e asilo para velhinhos e crianças não foi uma das primeiras instituições imaginadas pela tua Joaninha, que idéou até installal-o no pinheiral que divide a tua fazenda com a de teu genro? A contabilidade e ordem nos livros em que fiquem bem nitidas e bem expressas as obrigações entre fazendeiro e colonos, não foi uma das tuas mais impertinentes preocupações, tanto que me pediste em uma das tuas cartas que te elucidasse um pouco a tal respeito? A higiene na habitação dos empregados do *Remanso* e da *Tapera* não foi tambem o primeiro assunto da tua fiscalização?

Todos estes cuidados estão documentados nas tuas cartas e sinto um grande prazer em reaviva l-os agora.

Tens coração e espirito de justiça, e isso basta para encher de alegria a tua saudosa

FERNANDA.

XXXVIII

Minha boa amiga.

Como não me fio no meu poder descritivo, pedi á Cecilia para tirar uma fotografia do *meu moinho* e ahi lh'a mando, minha querida senhora, com estas notas a lapis. O lapis é um recurso de que não me sei servir bem, mas que, entretanto, me acompanha por toda a parte onde eu vá, da *Tapera* ou do *Remanso*.

Este habito facilita-me o serviço como não póde imaginar, porque, assim, não confio só á memoria falivel a intenção ou a necessidade de corrigir as coisas mal feitas com que vou topando no meu caminho.

Quem tem uma carteira e um lapis não tem o direito de se esquecer; por tal razão, eu, que sou a distração em pessoa, considero este sistema de ordem verdadeiramente providencial. Creio mesmo que o lapis não foi inventado para outro fim. Graças a ele, escrevo-lhe hoje esta carta do *meu moinho*, aproveitando um porta-

dor que vai a Pedrinhas com um carregamento de alfafa.

Embora a fotografia altere a feição especial das coisas, acredito que esta do *meu moinho* dá bem a impressão do que ele é.

Como poderá calcular, as suas dimensões não excedem os limites de uns vinte e cinco metros quadrados, e esse telhado em ponta, que se destaca sobre a colina e lhe dá um toque de pitoresco, foi, não sei por que milagre, imaginado pelo pedreiro que o fez.

A rampa que sobe á esquerda e contorna o moinho para decer á direita, foi riscada e mandada executar por esta sua criada. As arvores que a margeiam são de quaresma, de opulentas flores roxas, que a senhora bem conhece.

Por essa rampa suave poderá, se fôr preciso, subir e decer uma carroça para a carga e descarga das sacas de milho ou de farinha; mas o meu modesto moinho prescindirá desse luxo, contentando-se, mais pitorescamente, com fornecer carga para um ou outro colono, ou para um ou outro burrinho da *Tapera*.

A trepadeira que reveste as paredes do moinho é a nossa amiga hera, verdadeiro manto piedoso de pardieiros e muros esboroados. Embaixo, entre as duas rampas, esse amontoado negro de incompreensiveis figuras geometricas

é constituido por pedregulhos em que não quiz bulir, e cujos intersticios reguei com agua, em que espalhei sementes finas de avencas, fetos e samambaias. Começam a nacer algumas.

A parte posterior do *moinho,* de que mais tarde mandarei tambem uma fotografia, dá sobre a cascatinha, que se despenha em uma toalha de um metro de largura e uns cinco de altura aproximadamente, sobre uma bacia natural de rochas limosas e de seixos negros e polidos, serpeando depois em fio até o Pinheiral.

Desse lado, em cima, junto á janela do *meu moinho*, fiz um alpendre de taboinhas para as minhas orquideas. Meu cunhado classifica-as á proporção que eu as recebo do mato. Dentro de pouco tempo poderei assegurar quais as qualidades de orquideas existentes por toda esta região que nos circumda, e procurarei, instruida pelo meu mestre, criar talvez novos tipos dessas plantas caprichosas e mesmo reproduzir muitas das principais.

E' preciso aproveitar os ensinamentos dos bons espiritos e os elementos que as circumstancias nos põem diante dos olhos e ao alcance das mãos.

Como vê, o meu moinho é um ponto de recreio, uma nota de poesia para descanso das horas de preocupação e de fadiga. *Nem só de pão vive o homem* — disse-nos a senhora um dia,

em uma das suas cartas, e tanta razão dou ao seu conceito, que aproveitei o velho pardieiro, meio arruinado, do monjolinho, para fixar nele um doce albergue para os meus sonhos de menina.

O que me falta agora é arranjar lá dentro um cantinho para uma secretária, pois que, como vê, decididamente, não sei escrever a lapis!

Recomendações a seu marido e muitas saudades ao Eduardo Jorge.

Sua do coração

JOANNINHA.

XXXIX

Fernanda.

Depois de ler a tua ultima carta fiquei por muito tempo pensativa e nessa noite mal pude conciliar o sono, abalada pela impressão de mal cumprir certos deveres, cujas responsabilidades assumi, talvez, um tanto levianamente. Fizeste bem em esclarecer-me. De facto, as obrigações que temos para com os colonos que atraimos e chamamos para as nossas propriedades, são muito mais complexas e delicadas do que mesmo supomos.

A mim, por exemplo, nunca me tinha ocorrido essa questão da agua, em que aliás se baseia a verdadeira felicidade dos homens e muito principalmente dos homens pobres, que é a saude. Dentro da minha casa ninguem bebe agua que não seja filtrada.

Assim como pensei em defender-me a mim e aos meus da invasão possivel de molestias, por que não pensei eu tambem nos outros? A voz

do egoismo não me deixou ouvir a da concien-
cia; mas, felizmente, estás de sentinela á minha
vida para a corrigires de todos os seus erros e
de todas as suas injustiças. No dia seguinte
áquele em que recebi a tua carta e a revista,
mandei chamar um engenheiro que por acaso
se encontra em Pedrinhas, onde veio montar
por sua conta uma usina, e encarreguei-o de
estudar um plano e executal-o, de modo que os
meus colonos tenham agua potavel, tão boa e
tão saudavel quanto possivel.

O engenheiro pareceu-me um rapaz inteli-
gente e prometeu-me, depois de estudar o ter-
reno e as aguas do *Remanso*, fazer o trabalho
sem grandes dispendios nem de dinheiro nem
de tempo. Encetará amanhã o serviço, e dentro
de poucos dias eu estarei tranquila. Maior que
fosse a despeza, eu não me furtaria a fazel-a.
Ha certas economias, indignas das pessoas de
sentimento e de certa educação, e que entre-
tanto são feitas por elas quasi inconciente-
mente. E' o que me acontecia. Adeus. O Salus-
tiano está á espera e agora só me resta o tempo
de te dar um abraço.

MARIA.

XL

(Bilhete postal.)

Minhas Amigas.

Se o engenheiro que está tratando das aguas do *Remanso* fòr o Cesario Malheiros, lembrem-lhe a amisadé do todo vosso

Eduardo Jorge.

XLI

Eduardo.

Sim, o engenheiro é o mesmo. Contou-nos muitos casos alegres sobre a vossa convivencia em Nova York. E' nosso hospede ha dois dias e estamos encantadas. Cumprimentos.

Cordelia.

(Este bilhete postal representa um canto da nossa horta.)

XLII

(Bilhete postal.)

Meninas! Vejo que o kodak de Cecilia trabalha! Mandem-me mais bilhetes postais. Neste, chego a distinguir as couves das alfaces! Prodigioso! A maçada é que o Eduardo Jorge não m'o quer ceder!

FERNANDA.

XLIII

Eduardo.

Escrevo-te do setimo céu da ventura, para te dizer que estas senhoras do *Remanso* estão intrigadas pela tua perspicacia! Sabendo, como sabias, que eu vinha montar e explorar uma usina em Pedrinhas, não achei extraordinario que adivinhasses o meu nome... O que acho surpreendente é a educação desta familia de lavradores, tão inteligentes e tão apaixonados pela terra que cultivam. Ah! se houvesse muitas brazileiras assim empenhadas em elevar o nivel material, moral e intelectual do paiz, o Brazil não seria todo ele e em poucos anos um verdadeiro paraiso? Infelizmente a mulher brazileira em geral, e muito principalmente a lavradora, desconhece ainda o poder da sua energia e da sua inteligencia. A obra destas senhoras precisaria ser divulgada por toda a nossa patria, para exemplo de outras iniciativas. Sei que

pensas como eu e que como eu te sentes maravilhado pelos exemplos de atividade e de patriotismo das lavradoras do *Remanso*. Estou morto por ver-te e confiar-te o que não quero dizer por escrito. Até breve.

CESARIO.

XLIV

Maria.

Acaba de sair da minha casa um rapaz que eu conheci com ares de tuberculoso e pobremente trajado e que veio agora, rosado e esbelto, contar-me depois de muitos anos de ausencia, que tendo conseguido á força de trabalho e de economia comprar uma fazendola, dedicou-se de todo o coração á industria dos laticinios. Segundo o que me disse, a sua fazenda é modelar e representa o ideal de toda a sua meninice. O bonito é saber-se porquê! Ouve lá :

Era ainda rapazito de colegio primario quando viu morrerem sucessivamente dois de seus irmãos. Chamado o medico, declarou este que o motivo da morte fôra a infeção pelo leite de vaca mal acondicionado e oriundo, naturalmente, de animais de saude suspeita.

Foi tão profunda a impressão que ele então sentiu, que no fundo da sua alma de criança deliberou que trabalharia para poupar ao menos

a um lar a dôr cruel de que via agora preza o seu. Ter salvo ao menos uma criancinha de um envenenamento inconciente, mas nem por isso menos terrivel, já seria para ele uma gloria melhor do que todas as outras.

E pensando nos irmãos trabalhou, trabalhou calado, reunindo pequenos lucros até conseguir o seu sonho, que é o de fornecer aos hospitais, ás creches, aos asilos e a alguns particulares que o solicitam, leite absolutamente puro e sadio. Os vasilhames da sua leiteria são loiçados; as garrafas de vidro branco têm rolhas tambem de vidro envoltas por uma capa de borracha que não permitte violações. As suas vacas, nedias e lindas, são frequentemente examinadas por um veterinario e alimentadas com abundancia e com asseio.

Por todas estas qualidades tem ele certeza de que esse leite não matará, mas dará alegria e vida ás criancinhas...

Não achas interessante o caso?

E eis ahi, minha querida, a felicidade : ter um idéal, trabalhar por ele e realizal-o.

Essa gloria vocês a podem definir melhor do que eu, porque a sentem, cumprindo a obra mais bela que é dada á criatura humana cumprir : ensinar, transformar, criar.

A carta em que me descreveste os progressos da *Tapera*, deu-me a idéa de uma resurreição.

A terra morta, a terra sáfara, a terra da saudade e do abandono, rebentava em alegrias e promessas pelo influxo de grandes dedicações e do arrojo de mocidades inteligentes. A escola, em que á sombra das jaboticabeiras de folhagem miudinha, como a folhagem das oliveiras que na sábia Grecia refrescava da fadiga do estudo os filosofos e os poetas que se abrigavam a seus pés, tuas filhas ensinam as crianças a ler nos livros e a amar os campos do Brazil, dá-me a impressão de algo de superior, que só por si baste para explicar uma existencia. Li ha dias que a « estatistica prova que o maior contingente de delinquentes é justamente fornecido pelos analfabetos ». Cada espirito que vocês tiram das trevas da ignorancia é a probabilidade de um criminoso a menos. Assim, vocês vão sucessivamente cultivando para o bem, terras e almas. E' desses empenhos que os nossos sertões precisam : mulheres que vos imitem, espalhando ao redor de si idéas de beleza e idéas de bondade. Na cidade, cada individuo só se occupa com a sua propria pessoa. Ele é como que o eixo da sociedade em que vive. As suas ambições, os seus projetos, só têm um fim : tornal-o mais rico, pol-o em maior evidencia. Está tudo feito, está tudo organizado; ele não tem senão que aproveitar-se e que especular com o trabalho alheio, modificando-o

a seu modo, para o seu contento. Mas no campo, que diferença! Tudo tem de ser feito de um outro modo, desde o principio, no esforço ignorado de um criador pacifico e paciente. O nosso campo é triste. E porquê? Porque a mulher ainda se não interessou pela sua alegria. Quando é de algum modo ilustrada, vai para ele a contragosto e olha-o com prevenção e desprezo; quando é ignorante, deixa-se envelhecer sem repartir com ele um pouco ao menos do seu idealismo ou da sua piedade. Que lhe importa então, que as classes pobres, lá de fóra, sofram miserias faceis de remediar e ignorem até a existencia do alfabeto no mundo? Que lhe importa que as fontes que rodeiam a sua propriedade sequem por falta de sombra, ou que as plantas dos seus pomares não dêem frutos? Que lhe importa se ha sol, se ha vento ou se ha chuva, se ela tem um telhado a cobril-a e paredes a defendel-a? Ah, se a mulher quizesse trabalhar para a redemção dos sertões brazileiros, que maravilhoso paiz seria em pouco tempo o nosso! Mas trabalhar como? perguntarás.

Esclarecendo, alegrando, fazendo aos indiferentes amar a natureza, e aligeirando ao trabalhador o cansaço do seu esforço pela compreensão de outros ideais compensadores. Fazendo o que vocês fazem, emfim.

Não sei por que esta carta tomou este feitio, tanto mais que nem tu nem tuas filhas precisam que eu lhes diga estas coisas. São desabafos da hora; são transbordamentos do amor e do interesse que tenho por tudo que é brazileiro.

E quando penso nisto, lamento não ter vigor nem idade para peregrinar difundindo, como vocês, os meus pensamentos de amor pela humanidade e os meus desejos de paz universal.

Riste? Tens razão. Não são coisas novas, estas que te digo, a ti que me conheces tão bem. Não são coisas novas, mas são amigas e sinceras e levam-te toda a admiração e todo o carinho da tua

FERNANDA.

XLV

Minha senhora.

Peço-lhe que me compre uma harmonica bem bonita, para eu dar de presente ao velho Alexandre, tocador dos bailados. Ele é serviçal e presta-se de bom grado a tocar para fazer dansar as moças e as crianças da colonia. Organizei agora um bailado novo de muito efeito, interrompido por cantos a duas vozes. Não creia que isto dê pouco trabalho. Dá algum; mas é compensado pela distração que nos proporciona e pela onda de alegria que espalha por toda a zona do *Remanso*. O Alexandre tem uma harmonica, mas não me parece que ela esteja muito disposta a resistir ainda por algum tempo aos exercicios que lhe destino... coitada. O Salustiano é violeiro, mas quando canta é uma desgraça; a voz sai-lhe aos arrancos e obriga o gado a responder-lhe em mugidos. Imagine!

Fica então combinado, sim? Escolha-nos uma

harmonica ou concertina bem vistosa e eu lhe descreverei depois a cara do velho Alexandre, quando eu lh'a oferecer! Ele vai ficar comovido e eu tambem... Que quer! Tenho-lhe amisade.

Abrace-me com a sua costumada meiguice e perdôe mais esta maçada á sua

CLARA.

XLVI

Clarinha.

Permita que seja eu quem ofereça a harmonica ao Alexandre, felicitando-me por ficar uma de menos na cidade em que vivo.

Eduardo.

XLVII

Bom Eduardo.

Não aceito. Mande a harmonica por minha conta e algum livro bonito pela sua.

Clara.

XLVIII

Fernanda.

Tenho a alma cheia; preciso desabafar comtigo!

Escrevo-te da fazenda de meu genro, para onde viemos todos depois de termos assistido á inauguração do hospital novo, instalado na divisa do Remanso com o Morro Azul. Não sei se te recordas da idéa de Joanninha, que te comuniquei um dia, de plantarmos um pinheiral em uma grande mancha de terreno inutil que tinhamos para ali abandonado, e prepararmos nele uma enfermaria para os colonos e os pobres dos arredores. Quando a minha linda filha (porque ela está linda, fica sabendo) me confiou tal pensamento, considerei-o utupista e sorri. Mas, o tempo não pára e as intenções boas, quando são formuladas por pessoas sinceras e de animo forte, acabam sempre por vencer. A' tenacidade da minha Joanna juntou-se a bondade de meu genro, e o hospital lá está,

todo branco, todo rodeado de venezianas, no centro de um pinheiral plantado de novo, com espaço bastante entre as arvores para a passagem das cadeiras de rodas dos paraliticos ou enfermos temporariamente impossibilitados de caminhar. O edificio é modesto, mas ainda assim dividido em tres pavilhões: um para doenças infecciosas, um para cirurgia e outro para consultorio e clinica diaria. Tudo é caiado e singelo, pobre, mas carinhoso. A pouco e pouco os fundadores irão aperfeiçoando as instalações, que são por emquanto ainda muito rudimentares; para isso querem organizar uma sociedade entre os lavradores da vizinhança, que os auxiliarão a manter o hospital em beneficio dos seus empregados ou protegidos.

No pavilhão de cirurgia ha já um gabinete odontologico, onde um moço dentista, mediante uma contribuição mensal, trabalha todos os dias das sete ás dez da manhã, hora em que volta para a sua residencia, em Pedrinhas.

Os clientes que possam pagar, darão dois mil réis por sessão, depositando esse dinheiro na caixa da administração, em favor do estabelecimento; mas a verdade é que a maioria deles não pagará coisa nenhuma...

A principal despeza foi a construção de quatro estradas, perfeitamente bem feitas e macias e que ligam o hospital, uma ao Remanso, ou-

tra ao Morro Azul, a terceira, que é a maior e mais bela, á estrada municipal de Pedrinhas, e a quarta á vila Formosa, com varias comunicações particulares.

Dessas estradas alguns trechos foram aproveitados, mas exatamente a maior parte foi traçada e feita pela primeira vez e creio não será preciso sofrer modificações, porque tem carater definitivo. Mais tarde, quando as rendas o permitirem, o hospital terá um automovel-ambulancia; contenta-se hoje com ter um carroção acolchoado para transporte de feridos e doentes. O estabelecimento tem dois medicos de partido, a quem dá transporte e avisa pelo telefone da entrada e condições de cada novo enfermo. Uma pequena farmacia anexa ás enfermarias e alguns aparelhos permitem acudir com pressa aos primeiros cuidados com os doentes. Como pessoal, um enfermeiro, que é ao mesmo tempo administrador, uma criada e uma cozinheira. E' pouco, mas é o mais que se póde fazer por emquanto; mas esse pouco já é consolador, posso afirmar-te.

Hoje mesmo, quer dizer no proprio dia da inauguração do hospital, para lá foi levada uma pobre caboclinha opilada, em vesperas de ter o seu primeiro bébé.

Foi recolhida á secção da maternidade onde já está sendo tonificada, ao mesmo tempo que

será esclarecida pelos conselhos da higiene que deve usar depois comsigo e com o seu filho.

Está claro que meu genro, acolhendo a idéa da cunhada e executando-a, dispoz-se a despender com isso muito dinheiro, e eu admiro a tranquilidade e o prazer com que ele o faz. Se, como é justo, os lavradores da vizinhança cooperarem para as despezas do hospital, o empreendimento não será pesado a ninguem, sendo util a todos; mas conhecidos os habitos economicos dos nossos agricultores, poderemos contar com isso ?...

Não. Os nossos agricultores, quando não são pobres, não sabem dividir os lucros das suas lavouras em obras que redundem no beneficio, na tranquilidade e na alegria delas.

Para eles, em geral, o colono é maquina de trabalho, não é um sêr humano, digno da consideração de si e dos seus. O erro vem de longe e levará tempo a ser corrigido, mas ha de sel-o pouco a pouco e eu me sinto feliz por ver que minhas filhas dão nas trevas os primeiros passos nesse sentido. Agora mesmo que fazem Joanninha e Clara, na sala da biblioteca onde te escrevo? Uma faz bruxas de pano, para entreter as crianças doentes da enfermaria; outra sapatinhos de lã para os recemnacidos da maternidade. As bonecas de Clara são engraçadas; leva cada uma o seu enxoval e um

nome, isto é, o inicio de uma historia que distrairá a criancinha enferma; os sapatinhos de Joanna aquecerão os pésinhos de entes nacidos para rasgarem a pele nos espinhos da miseria, e a quem a incuria das mãis ignorantes não preparou nenhum conforto.

Eram estas coisas que me enchiam o coração e eu sentia necessidade de desabafar comtigo, a quem o meu romanticismo não parecerá ridiculo, porque o sabes sincero. O que me vale, é que, filha da mesma época, tambem tu és romantica, minha querida, e será por isso que os nossos sentimentos se combinam tanto! Já que te disse o que estão fazendo as minhas filhas mais novas, dir-te-ei tambem alguma coisa das mais velhas.

Cordelia toca na sala interior : estuda umas musicas de Grieg, recebidas hontem; e aqui na larga mesa da biblioteca, Cecilia lê com o marido um romance francez.

Estive agora mesmo alguns momentos com a pena no ar, olhando para eles e gostando de os vêr assim de cabeças unidas, inclinadas para a mesma pagina. Meu genro lê a meia voz, pára de quando em quando para comentar uma ou outra passagem, beleza ou defeito do estilo, singularidades dos costumes descritos ou comoção da cena. A luz da lampada cai em cheio sobre as suas mãos unidas, a de Ceci-

lia, morena e esguia, de unhas reluzentes, a dele forte, branca, coberta de ligeiros pelos loiros. Lá fóra o silencio dos campos, o aroma das matas traspassando os ares; aqui dentro o amor, a bondade, a inteligencia satisfeita e gloriosa. Através das paginas dos romances, eles vêem o mundo e aprendem a olhar com interesse para os pobres que os rodeiam. A missão do romance moderno é bem superior áquela que eu imaginava.

Disse-me Cecilia que depois de ter lido com o marido toda a obra de Emilio Zola, se sentiu muito mais piedosa e muito mais humana. Percebeu assim que o homem é em toda a parte do mundo o mesmo animal imperfeito e necessitado da benevolencia alheia. A leitura feita em comum, sugere-lhes discussões curiosas e dão azo a que Cecilia seja esclarecida pelo marido em muitos pontos que, sózinha, teriam ficado para ella sempre obscuros. Quem me diria, quando tirei as minhas filhas do colegio para as apresentar na sociedade fluminense, em cujo seio eu vivia verdadeiramente embriagada de luxo, que bastaria para fazer a felicidade de qualquer delas o amor socegado de um lavrador modesto, uma casa em que por todo o luxo ha um bom piano e uma excelente biblioteca!

Os bailes, porque foi para falarem nos bailes

com os diplomatas que eu lhes mandei ensinar francez e inglez; os concertos em que tomassem parte; os vestidos vindos de Paris; as primeiras representações e as idas e vindas pelas ruas, que entravam no meu programa de futuro, perderam a sua significação de gozo, diante dos empreendimentos que desde a mais velha de minhas filhas até a ultima, têm realizado neste socego maravilhoso da roça. O prodigio de tudo isto é que ao mesmo tempo que nos tornamos todas mais filantropicas (incluo-me na onda porque sinto a sua influencia), tornamo-nos tambem mais ambiciosas; isto é, procuramos empregar a nossa atividade e tirar dela todos os proveitos possiveis!

Não somos meramente sentimentais nem utopistas: gastamos do que produzimos, exercendo justiça sem prejudicar o futuro da propriedade e da familia. E a minha felicidade seria completa se a sombra de alguem, para todos invizivel, não se interpuzesse tantissimas vezes entre mim e os quadros mais amaveis. Agora mesmo, olhando para Cecilia e para o meu genro, vi desenhar-se o seu vulto numa nevoa de lagrimas e de saudades...

Meu pobre amigo, como ele gostaria de vêr os filhos nesta doce expressão de felicidade socegada, estavel, verdadeira!

Adeus! MARIA.

XLIX

EDUARDO.

O « hospital » (não tem outro nome) é uma obra encantadora e que merece a cooperação de nós todos; vou dar-te um exemplo, que espero seguirás com animo alegre: compra-me quatro leitos brancos, fortes, magnificos, para a enfermaria da maternidade, e quatro berços tambem magnificos, com os respectivos acessorios.

Afinal, que diabo! tambem eu tenho coração! E tu? Vai ao meu correspondente, o Simas das maquinas, ele te fornecerá o dinheiro para essa compra, que seria maior se eu não estivesse agora atravessando uma crise de maré baixa... A instalação da minha usina vai bem. Estou com vontade de lhe pôr o nome de Santa Cordelia. Que dizes? Será indiscreto? Parecerá mal? Elucida-me.

TEU, CESARIO.

L

Caro.

Vão seis camas e seis berços, em vez de quatro. Um namorado não olha a despezas.

Quanto á usina, não lhe ponhas nomes de santos, que passaram da moda; mesmo Cordelia é santa só do calendario shakspeariano. Pede primeiro a menina em casamento e escolhe depois com ella um nome menos piégas para a tua fabrica.

Quanto á prova de que tambem eu tenho coração, ela ahi vai representada por uma caixa de ferramenta, destinada a serrar ossos de pernas e de braços dos homens teus semelhantes, oh meu filantropico amigo! Sempre ao teu dispor.

Eduardo.

LI

MINHA BOA D. FERNANDA.

Com estes rabiscos remeto-lhe um conto que li ha dias em uma revista e cujo assunto achei interessante. Ha nessa historia uma certa analogia com a nossa; e o conselho desse famoso e atilado medico de Paris fez-me pensar na sua ciencia, minha bôa amiga, quando nos incutiu em nosso animo o gosto e o amor pelos trabalhos da agricultura, tão estupidamente desdenhados até hoje pelas mulheres do nosso paiz e tão cheios, entretanto, de interesse e de vida! Ah, como o Brasil precisa de nós, minha senhora, e como nós ignoramos isso!

Toda sua,

CECILIA.

Segue o conto:

RECEITA ORIGINAL

Dizem que um medico holandez foi chamado um dia, em Paris, para vêr uma senhora da

alta sociedade, que se definhava sem que se soubesse porquê.

O medico era uma notabilidade, acatada por todo o mundo cientifico como verdadeiramente superior.

O que ele dissesse era o que se deveria fazer, sem discussão nem relutancia.

Ora pois, subiu o grave doutor a escadaria atapetada do palacio dos Campos Eliseos onde habitava a enferma, e foi encontral-a, recostada em almofadões de cambraia e de seda, num dos recantos mais abafados do seu *boudoir*.

Ouvidas as queixas, começou o exame : pancadinhas no peito e nas costas; tomada de pulso ; reviramentos de palpebras ; auscultação de pulmões; tudo que em tais casos é mister fazer-se.

Realmente, a pobre senhora era vitima de um esgotamento nervoso.

O medico acomodou-a, sentou-se deante dela depois de contemplal-a, como se estivesse a estudar-lhe a fisionomia, inquiriu quais os seus habitos.

Ela teve de confessar que não os tinha.

— Como assim?

— Na sociedade em que vivo, doutor, não é possivel ter habitos...

— Mas todo o mundo os tem.

— Todo o mundo, menos eu.

— Vejamos; procurarei auxilial-a : — a que horas se levanta?

— Conforme. Ás vezes ao meio-dia; outras ás dez, ou mesmo ás nove horas. Tambem ás vezes á uma ou ás duas da tarde...

— Oh, mas isso é pessimo, grunhiu o medico; e fixando bem na doente os seus deslavados olhos azuis : — e a que horas se deita?

— Ás vezes á meia-noite, outras á uma, ou ás duas, ou ás tres, tanto como ás quatro ou ás cinco... Tudo conforme.

— Está claro; umas coisas dependem das outras. A vida é uma cadeia que não deve ser formada de elos desencontrados...

Agora diga-me. Quais as suas ocupações prediletas?

— Ocupações?!

— Sim; não ha quem não tenha as suas ocupações.

— Se o snr. entende por isso frequentar salões, passeios, bailes, patinações, teatros e restaurantes de luxo, dir-lhe-ei ainda que não sei do que mais gosto, porque não tenho tempo de refletir sobre cada coisa particularmente, nem de lhe tomar o gosto...

— Tem sempre a sua casa nesta penumbra?

— Sempre.

— Nunca passeia a cavalo?

— Algumas vezes; não porque isso me dê prazer, mas porque é de bom tom, e cavalgo admiravelmente.

— Não lhe dá prazer, porque?

— Porque volto sempre para casa morta com dôres nos rins... e mesmo porque para passear a cavalo é necessario levantar-se a gente ás nove horas, quando muito...

— Poderá contar-me um dos seus dias, qualquer deles, que lhe esteja na memoria?

— Pois não. Tomemos para exemplo antes de hontem: levantei-me á uma hora, porque me tinha deitado ás seis, após um baile e uma corrida de automovel ao campo, para ver nacer o sol... Depois de ter tomado o meu chocolate, vesti-me para uma visita de caridade a um bairro pobre. Eu não podia faltar, porque tinha combinado com a marqueza de Tours e Mlle Schloss acompanhal-as nessa excursão... Voltei a casa ás tres horas, para almoçar e mudar de *toilette* para a recepção do ministro da Russia, onde estive até ás cinco; dei depois a minha volta pelo *Bois*, e voltei ás seis para casa. Repousei no meu banho de imersão, quarenta gráus de calor, o que é para mim o melhor calmante, fiz a minha massagem, *toilette* para a noite, jantei, e fui depois á opera. Depois da opera fizemos uma hora de giro em automovel, indo parar no restaurante, onde ceei

com uns amigos e onde ficámos palestrando até ás tres horas. Foi um dia pacato.

— Muito pacato!

— Certamente. Não fiz nenhuma extravagancia : nem natação na piscina ; nem patinação no *Palais de glace ;* nem marcas de *cotillon ;* nem...

— Basta, minha senhora, basta! Diga-me, que vinho bebe?

— Champagne.

— Alimenta-se bem?

— Não... não me fale em comida, doutor!

— E se eu lhe falar de flores?

— Ah, isso é outra coisa.

— Gosta de rosas?

— Muito!

— Eu prefiro as tulipas.

— Não fôsse o sr. holandez!

— Porque será que as tulipas não dão bem em França?

— Isso é que eu não sei!

— Nunca teve curiosidade de o indagar?

— Confesso-lhe que nunca!

— E' extraordinario, pois essa idéa persegue-me constantemente...

E com isto o dr. levantou-se e foi buscar a sua cartola e as luvas depositadas a um canto sobre um tamborete, emquanto a enferma arregalava para ele olhos de espanto.

Passados alguns segundos de silencio e de meditação, o medico voltou-se muito sério para a doente.

— Tenha coragem, minha Senhora : o seu caso é grave.

— Que me diz?! oh, meu Deus...

— Digo-lhe a verdade. Eu não engano os meus clientes.

— Meu Deus, meu Deus! repetia ela numa voz cada vez mais trémula.

— Como se deixou chegar até este ponto?!

— Não sei... não tinha tempo para pensar em mim... Morrer! morrer na flor da vida? não é possivel! não me deixe morrer! Que me receita? E' preciso que receite e que me salve!

— Receito-lhe uma coisa muito simples, mas de que dependerá a salvação do seu corpo, e talvez mesmo da sua alma, se acaso é religiosa.

— Sim... sim... muito... diga!

— Sómente, exijo que se sujeite ao tratamento sem hesitação.

— Prometo.

— Sem vacilação?

— Sem vacilação.

— Custe o que custar?

— Custe o que custar.

— Ouça-me : a senhora praticará todas as manhãs, das sete ás nove horas, depois da sua ducha fria, um pouco de jardinagem.

— Quer dizer : passear no jardim? colher flores?

— Não! quero dizer : enxertar as roseiras, podar as violetas, dirigir os galhos das trepadeiras; semear, aparar, adubar canteiros com adubos quimicos ou não; regar, estudar a vida das plantas, amparal-as, fortifical-as, servil-as!

— E as minhas mãos?! E' verdade que se vendem luvas especiais para esses misteres...

— Luvas?! não; deixe que a pele das suas mãos se ponha em contacto com a das flores, que não é menos mimosa... Afirmo-lhe que no dia em que a snra. tiver conseguido vêr desabrochar, graças aos seus esforços, um canteiro de tulipas em França, terá alcançado saúde para cem anos...

— Não está a brincar, doutor?

— Não me permito tais liberdades com uma senhora de tão alta distinção.

— Mas eu não sei nada...

— Aprenda, praticando.

— E depois?

— Depois mande-me algumas tulipas do seu jardim.

*
* *

Passado um ano, estava um dia o medico no seu consultorio quando viu entrar uma linda

senhora, rosada e forte, sobraçando um ramo de tulipas.

Ele não tinha esquecido a cliente dos Campos Eliseos; mas que diferença! Parecia agora mais moça e muito mais bonita; porque era ela em pessoa que ali estava sorridente deante dele, a dizer com voz fresca e moça :

— Tinha razão, doutor! a pratica da jardinagem tanta saúde dá ao corpo como ao espirito. Resuscitei; e desde que me empenhei por cultivar tulipas da Holanda no meu jardim, compreendi que não ha vida nobre sem um ideal. Este está realizado. Vou agora pensar em outro.

— Belo! muito bem!

E qual o novo ideal!

— Fundar uma escola de jardinagem para crianças pobres, com certas compensações de vestuario e de leituras...

— Será a senhora a mestra?

— Das sete ás nove da manhã. Que quer? adquiri o habito de estar a estas horas no jardim e já não o posso dispensar!

LII

Maria.

Nunca o *Remanso* me pareceu tão conveniente á tua vida como agora.

As tuas cartas recendem tranquilidade, honestidade, saude, sobretudo saude de espirito, que é a mais rara e a melhor. O teu são criterio, unido a uns laivos de romantismo que espalham poesia sobre todos os actos que praticas; a tua energia e a tua piedade, realizaram o milagre humano de uma felicidade confessada, estavel, forte, absolutamente tranquila.

Coube-me a mim a gloria de ter ouvido a confidencia tão extraordinaria e tão simples dessa verdade, que o mundo nega porque a não quêr compreender ou não a quer procurar.

Dirás que a felicidade não se procura : achase. Enganas-te. A tua, por exemplo, fizeste-a por tuas mãos.

Se ainda o não sabias fica-o sabendo agora, e por mim, que tenho acompanhado a tua vida

com o interesse crecente de quem assiste a um prodigio. Lembras-te? tiveste o teu momento de terror; houve um tempo em que olhaste para o futuro como quem olha para um recinto em trevas sem saber que direção tomar. Pouco a pouco foste-te enchendo de resolução; um passo hoje, outro passo amanhã e encontraste o teu verdadeiro caminho. Apreciei tudo de longe, ás vezes com certo sobresalto, outras animada e esperançosa. Em verdade, saber encontrar o seu caminho, e saber não sair dele, eis á maior dificuldade da vida.

E' a ciencia rara que só os fortes de coração e de espirito podem atingir com perfeição. E para gloria da tua alma, tu, não só a alcançaste, completamente, como ainda a soubeste transmitir a tuas filhas educando-as em um regimen de trabalho ativo e creador, de bondade e de singeleza, que as faz sentir o mesmo gozo conciente de viverem uma vida fertil em beneficios de toda a ordem. Mas, não nos iludamos, para esse resultado cooperaram enormemente a quietação do campo e as suas exigencias de trabalhos novos e constantes. A fazenda é um verdadeiro sanatorio moral para quem a veja com olhos inteligentes e piedosos; a cidade, ao contrario, é uma grande perturbadora das almas adolescentes. Se tuas filhas tivessem permanecido neste meio inquieto, em com-

panhia de amigas que aos 15 annos se pintam como *cocottes;* dansando em salões com rapazes que nas meninas só acham interessante o dote; ouvindo de todos os lados lisonjas ou intrigas, teriam elas chegado á perfeição moral a que chegaram? Não.

Quando eu te disse que nunca o *Remanso* me pareceu tão conveniente ao socego do teu espirito, foi exatamente por comparar o seu ambiente casto ao ambiente de pequenas intrigas e grandes maldades, que presentemente nos sufoca na capital. Antes de outra explicação, deixa-me dizer-te que estou convencida de que a vida das grandes coletividades sofre de epidemias morais como de epidemias de febres infecciosas. Se ha organismos sãos, que resistem, a maior parte sente-se contaminada.

Não se sabe de onde vem a culpa; mas quando a rajada sopra, o mais prudente é fechar as janelas e prevenir-se a gente com certos desinfetantes poderosos, rotulados com o dístico de *Paciencia* ou de *Pouco Caso.* Por mim não tomo nenhuma precaução.

Sabes o meu sistema: não tenho tempo para pensar na vida alheia nem de querer mal a ninguem, persuadindo-me com isso de que tambem os outros não se quererão ocupar com a minha pessoa... E' um engano, mas que não aflige, porque me sinto bem escudada na con-

ciencia. Suppõe, porém, que estavas aqui mais as tuas quatro filhas, que são alegres, expansivas, moças e independentes... Teriam elas, nessa idade em que as impressões causam abalos tão violentos, a mesma tranquilidade de animo que eu tenho e têm geralmente as pessoas da minha idade e da minha experiencia?

Quando lhes viessem dizer que tais e tais dos seus amigos diziam delas tais e tais barbaridades, os seus confiantes corações não se sentiriam espremidos pelas mãos de ferro de uma angustia tremenda? E como tu sofrerias, minha boa Maria, com o espetaculo dessas primeiras desilusões! Não penses que exagero; passamos evidentemente por uma crise moral extremamente simtomatica e extravagante.

Dizia-me ha dias um velho jornalista que nunca recebeu tantas cartas anonimas em sua vida como nestes ultimos seis mezes. O *chic* neste momento é não acreditar nas virtudes alheias; ter maior prazer em desdenhar do que em admirar; em reprovar do que em aplaudir. Uma mulher sorri, amavelmente? — E' leviana. Um homem vacila em uma resolução? E' de má fé.

Como pódes imaginar, geralmente as vitimas prediletas são as pessoas notaveis pela sua fortuna, pela sua beleza, pela sua atividade ou pelo seu nome. E' triste ver-se o prazer mes-

quinho, feroz, com que se tenta desfazer reputações e malquistar ideais sinceros.

Quanto maior fôr o prestigio de um individuo qualquer, mais fundamente se cravará nele o dente negro e pontudo da maledicencia; não parece estarmos em uma cidade de um milhão de habitantes, mas em uma terrinha de comadres mexeriqueiras e ociosas.

Andam as almas em um jogo de cabra-cega, que infelizmente parece que as diverte mais do que as fatiga...

Para veres que não exagero, e como documento do que afirmo, vou narrar-te aqui um caso typico :

Temos um amigo, cirurgião distintissimo comquanto ainda muito moço. O seu amor ao estudo, o seu entusiasmo pela profissão, a sua clinica crecente atrairam para ele a atenção publica. Ha um par de mezes foi chamado para fazer uma operação muito grave e fel-a com sucesso.

Falou-se muito no caso, concorrendo para isso ser pessoa altamente colocada a que se submeteu á melindrosa operação.

Um colega desse cirurgião, a quem, não se deve imaginar porque, tais triumfos irritavam, lembrou-se então de inventar o boato de que o outro sofria de um mal herpetico contagioso... Supõe o resto. Toda a gente sabia que não era

verdade, mas em todo o caso ia passando o boato para diante... Os clientes começaram a retrair-se, com medo de uma aproximação perigosa, e o ilustre medico viu consideravelmente diminuida a sua clinica, de um dia para o outro!

Bonito. Não te parece?

Agora ouve esta, que é de hoje e me fez rir: Combinámos hontem, meu marido, o Eduardo Jorge e eu, encontrarmo-nos ao meio-dia em um restaurante para almoçarmos juntos, indo cada um de um ponto diferente. Eu da Tijuca, onde tinha de ir ver uma ex-criada agora muito doente; e os dois homens dos seus escritorios respetivos. Ao meio-dia encontrei-me no restaurante com o Eduardo, a quem meu marido incumbira de me dizer que o não esperasse, porque se via forçado a ir a Nitheroy a um negocio imprevisto. Sentei-me tranquilamente á mesa em companhia do teu afilhado, que pela idade poderia ser meu filho, e almocei, com o apetite que, em geral, nós as donas de casa, temos quando almoçamos em um restaurante. Pois, minha filha, dahi a duas horas todos os conhecidos que topavam com meu marido lhe diziam com um ar de quem não quer falar por mal, espiando-lhe os olhos, que me tinham visto, « ou que tinham ouvido dizer », que eu almoçara em um restaurante com um rapaz desconhecido! Meu marido é um urso, não gosta

de confianças; imagina com que expressão fisionomica ouviu isto muitas vezes, no mesmo dia, até de pessoas com quem mal troca um cumprimento! Quando ao voltar para casa, á noitinha, viu ainda acercar-se dele um sujeito com ar de malignidade disfarçada em doçura e repetir-lhe o estribilho : — por sua senhora não pergunto, porque soube que ainda hoje almoçou em um restaurante com um mocinho de ar estrangeiro — ele perdeu a paciencia e sacudiu o tal sujeito, com furia, pela gola do casaco.

Apesar de não gostar de violencias, ri-me muito quando meu marido, todo irriçado e nervoso, me relatou esta!

O peor é que a par de coisas ligeiras, vão outras graves e tristes, creadas pelo mesmo sopro de perversidade. Registro este pendor, que espero será passageiro, pelo habito que tenho de te comunicar as minhas impressões.

Repito : a vida da roça, tal como a levas com tuas filhas, parece-me neste momento mais do que nunca deliciosa. Tu mesma o disseste : — um bom piano, uma grande biblioteca, uma janela aberta para uma linda paizagem – e ahi está a felicidade!

Mais do que nisso, a felicidade está em saber criar uma atmosfera de alegria, de honestidade, de bondade e de trabalho, e em saber mover-se

nela, como tu fazes, no ritmo da mais doce e da mais perfeita harmonia.

Eu estou muito infiltrada dos venenos da cidade para querer viver no campo, mas ha horas, como esta, em que te tenho inveja. Oh, uma inveja sem maldade, descansa. As minhas invejas não prejudicam ninguem.

TUA, FERNANDA.

P. S. — Vão por este mesmo correio algumas musicas de Schumann para Joanninha e um romance inglez para Clara. Segue tambem a caixa de ferramentas que me encomendaste para o Salustiano.

F.

LIII

JOANNINHA.

Acabei de ler em casa da nossa boa D. Fernanda, a minha inteligente e adoravel amiga, um conto que lhe mandou sua irmã Cecilia. Por espirito de imitação, mando-lhe eu outro, que destaquei das paginas da uma revista e cujo teor está tão de acordo com as minhas idéas que até o julgaria feito por mim proprio, se acaso o meu espirito désse para tão altas ocupações...

Ahi vai a historia, com afetuosas saudações do seu amigo

EDUARDO.

A NOIVA QUE EU DESEJO

Passeavamos a pé pela Avenida Beira-mar, rente á amurada do cais. O sol no ocaso punha reflexos de cobre novo e de oiro vivo nas aguas quietas da bahia que o corpo negro e bojudo de um grande transatlantico ia cortando magestosamente.

Do nevoeiro crepuscular, emergiam, idealisados por um tom lilaz suavissimo, o zimborio do Pavilhão e mais longe dois dedos brancos apontando o céu, na forma de torres de igreja...

Na avenida passavam automoveis, sucessivamente, o que obrigava o amigo que me acompanhava a tirar tambem quasi que sucessivamente o seu chapéu, uma bela cartola luzidia que se dava tambem ao luxo de ter, como o mar, os seus reflexos.

— Mas você conhece todo o mundo ! noteilhe ao vel-o cumprimentar mais alguem que passava : uma linda loira ao lado de um velhote de bigodes brancos.

— E' a Edith Mendes. Uma menina encantadora, com quem dansei na Legação em Londres e de quem gosto muito porque ela canta como um anjo e tem espirito como o diabo!

— Solteira?

— Sim; e de importantissima familia...

— Então?

— Então o que, minha bôa amiga?

— Faça-se de ingenuo! Você não me disse ainda hontem que deseja casar-se, que vê o tempo fugir-lhe e que ainda não fez a sua escolha?

— Sim, disse... Mas a Edith está acostumada a muito luxo. Eu quero uma noiva mais simples...

— Compreenderia isso se você fosse pobre, mas afinal não o é!

Ele quedou-se algum tempo calado, até ter de tirar de novo o seu chapéu a tres senhoras que passavam noutro automovel.

— A condessa de Santo Hilario e as duas filhas, informou-me ele sorrindo. Estas não cantam nem teem espirito, mas são lindas e poderosamente ricas...

Nisso uma delas voltou a cabeça para traz e com certeza não foi para olhar para mim.

— Você não pode ter receio de se apresentar como candidato a qualquer moça da nossa sociedade; tem um nome ilustre, bôa reputação, fortuna, elegancia e todos esses predicados

devem assegurar-lhe o sucesso; não compreendo portanto o seu retraímento. Olhe, lá vai outra : aquela conheço eu ; é uma rapariguinha bem curiosa...

— Tambem eu a conheço ; tambem eu a acho enigmatica e perigosa.

— Perigosa?

— Os seus olhos azuis estão em desacordo com a sua pele morena, e o córte dos seus vestidos parece-me caro demais para as suas posses... Quando lhe aperto a mão, sinto que os seus dedinhos flexiveis têm fibras de aço e ha na sua voz não sei que magia que faz pensar, mesmo quando ela fala de coisas indiferentes, que pensa noutras, de amor!

Mas se você gosta de naturalidade, simplicidade, porque não se casa com a Octavia Nair?

— Octavia Nair! só esse nome já é uma complicação e um horror.

— Se o caso é esse crisme-a para Maria!

— Não ; a razão é outra.

— Acha-a feia?

— Tambem não ; acho-lhe uma alma dura, sem vibração. Um dia que falavamos sobre animais disse-me que não tem paciencia para aturar nenhum. Outro dia em que elogiei as flores do seu jardim respondeu-me que efectivamente tinha ouvido a mamãi dizer que o seu jardineiro atual não era mau!

E ainda outro dia, em que cheguei com ela á varanda da sua sala, resolvido a fazer-lhe uma declaração de amor, ouvi-lhe esta barbaridade, felizmente antes de eu ter pronunciado um simples monosilabo : « — Se eu fosse Prefeito, mandaria cortar todas as palmeiras desta rua ! »

Engoli em seco, senti não sei que aflição, mas tive ainda coragem para lhe perguntar :

— Porque ?

— Que respondeu ela ?

— Que as palmas secas que desabam do alto das arvores danificam os telhados dos predios, obrigando os proprietarios a constantes despezas.

Parece que o pai é dono de meia rua do Paysandú !

Rimo-nos ; notei entretanto que o riso do meu amigo tinha uma mescla de amargura. Teria ele realmente gostado da Octavia ?

— Imaginará você poder encontrar a perfeição na vida ? perguntei-lhe depois.

— Eu não quero a perfeição, mas não dispenso certas qualidades morais que dão á mulher da familia um atrativo especial, a luz da bondade, que é a que melhor ilumina o interior das casas honestas. A noiva que eu desejo deve amar a natureza e proteger todos os seres fracos e beneficos, quer eles lhe apa-

reçam sob a fórma de um animal, quer sob a de uma simples planta.

A noiva que eu desejo deve saber se o seu jardineiro é bom, não por ter ouvido dizer tal á sua mãi, mais por tel-o observado com os seus proprios olhos... A noiva que eu desejo terá uma alma piedosa e deslumbrada por tudo quanto ha de maravilhoso na creação. Uma rapariga que almeja que se abatam arvores em que pipilam ninhos, não foi feita para companheira do meu coração.

A uma mulher elegante que exponha tal barbaridade, apontando para o alto com as seus afusados dedos de coral, prefiro a menina burgueza cuja mão não tema o contacto da terra, no interesse de enterrar nela a semente de uma arvore que só muitos anos depois poderá dar sombra e flor.

Porque entre essas duas almas, a altruista, a meiga, a amante das plantas grandes e pequenas será a que melhor saiba compreender o meu espirito, perdoar as minhas faltas e corrigir os meus defeitos. A natureza é uma mestra sublime e as mulheres que não gostem de ouvir os seus conselhos não aprenderão nunca o verdadeiro caminho da felicidade, nem saberão ensinal-o aos homens que as rodeiem... A noiva que eu desejo deve ser uma mulher educada, que saiba conversar a meu lado nos salões que frequen-

tarmos, sabendo ao mesmo tempo imprimir á minha vida esse doce tom de poesia intima que só a compreensão da natureza sugere ás almas humanas. A noiva que eu desejo, emfim, deve dar á minha existencia a graça que dão ás paredes ricas de um castelo ou de uma casa de campo solitaria as hastas de uma trepadeira em flôr, que marinhando por elas acima se entrelacem pelos duros ferros das varandas e ás duras pedras dos coruchéus, idealisando-as sob uma chuva de petalas perfumadas.

Tinha-se feito a sombra. Por toda a orla do mar apareciam os pontinhos luminosos da iluminação publica. Caminhámos por algum tempo calados e durante esses minutos de silencio senti que o meu amigo tinha falado com sinceridade — e que tinha razão.

LIV

(Particular.)

Eduardo.

O seu amigo Cesario acaba de me pedir a mão de Cordelia. Solicitei alguns dias para uma resposta definitiva. Sabendo quanto você se interessa pela minha felicidade, rogo-lhe que me diga se posso aceitar a sua proposta. A minha comoção impede-me de escrever mais longamente.

Maria.

LV

(Particular.)

MINHA QUERIDA MADRINHA.

O meu amigo é um rapaz trabalhador, sério e de familia honrada. E' tudo quanto sei dele. Ignoro particularidades de genio. Procurarei informações, que transmitirei pelo telegrafo.

Seu,

EDUARDO.

LVI

Minha querida amiga.

Trouxe do meu jardim uma braçada de rosas, cada qual mais linda, espalhei-as por todas as salas da nossa residencia, que está hoje em festa. As violetas, que me ensinou a cultivar, brilham em ramalhetes por cima das nossas mesas e do piano. A' hora em que lhe escrevo oiço cantar as passaros livres, a quem Clarinha fornece todas as manhãs um punhado de alpiste e migalhas de pão, e vejo Cordelia seguir, loira e linda, entre um grupo de pequenos dicipulos pela Alameda do Estio em direção á escola do bosque das jaboticabeiras. Hoje é dia de exames para a entrada das férias, e vamos fazer uma distribuição de premios! Minha Mãi canta, na sala ao lado, ao mesmo tempo que trabalha. E' a primeira vez que a oiço cantar depois que enviuvou! O pomar está lindo; os carreadores ladeados de arvores frutiferas; os cafezais prometedores e os

colonos contentes com a ordem e o conforto da fazenda. Como se respira bem no meio de tudo isto, minha santa amiga! Lembra-se do pequeno caboclo, neto dos velhos da *Tapera?* Pois está adeantadissimo e passa de ámanhã em deante a exercer o cargo de adjunto, ensinando leitura e rudimentos de aritmetica e escripta. Tudo vai em progresso! Morro ainda por lhe contar outra novidade, mas temendo ser indiscreta deixo-a para quem tenha mais direito de o fazer.

Por tudo que lhe devo, toda a minha ternura!

JOANNA.

P. S. — Diga ao Eduardo que eu gostei muito do conto.

LVII

(Telegrama)

Parabens. Cesario um anjo!

EDUARDO.

LVIII

Querida Fernanda.

E' esta a ultima carta que neste mez te escreverei do *Remanso*, de onde parto em breve para comprar no Rio o enxoval da minha Cordelia, que se casará dentro de dois mezes com o engenheiro eletricista de quem te falamos varias vezes, Cesario Malheiros, e que me parece digno da felicidade que lhe proporciono concedendo-lhe a mão de minha filha.

Esta ficará morando na *Tapera*, que batisámos agora com o nome de *Resurreição* e que está mais perto de Pedrinhas e da uzina do Cesario.

Este rapaz inspira-me confiança e sinto que ele está sinceramente apaixonado pela noiva, que mal disfarça tambem a sua ternura. Felizmente, Clara e Joanninha são ainda muito crianças e não pensarão tão cedo em deixar-me... Senão, que seria de mim? Entretanto, começa a debandada e não te escondo que mundo de

tristezas isso me causa, filha ! Emfim, é preciso ser forte, e eis a razão porque hontem cantei, conforme te comunicaram já ! Queres saber uma coisa engraçada ? Agora ninguem quer acompanhar-me á capital ! Cordelia lamenta deixar a sua escola ; Clara os seus passaros, as suas galinhas e marrecos de Pekim, as danças do terreiro e os seus ensaios de musica com as crianças da Colonia. Só Joanninha quer ir commigo, manifestando todavia pena de deixar o seu pomar, o jardim, as suas plantações de cereais ; e todas : a atividade das suas idas e vindas ao cafezal ; aos campos de culturas ; ao hospital ; ao moinho, cada vez mais pitoresco e á colonia. Compara esta carta á primeira que te escrevi e vê de que milagres é capaz o trabalho !

Um grande beijo !

MARIA.

FIM

TYP. AILLAUD, ALVES & C^ia.